THE Globe

Globen • Le Globe • El Globo
O Globo • विश्व

WORLD'S CHILDREN'S PRIZE MAGAZINE #58/59 2014

VOTE! RÖSTA!
¡VOTA! मत
வாக்களிப்பீர் رای دهید
ဆန္ဒမဲထည့်ခြင်း!
တtill ထားနှင်တားဖး!
ลงคะแนน! !:ووت
!:ووٹ !صوِّت
HÃY BẦU!

WORLD'S CHILDREN'S PRIZE FOR THE RIGHTS OF THE CHILD

PRIX DES ENFANTS DU MONDE POUR LES DROITS DE L'ENFANT

PREMIO DE LOS NIÑOS DEL MUNDO POR LOS DERECHOS DEL NIÑO

PRÊMIO DAS CRIANÇAS DO MUNDO PELOS DIREITOS DA CRIANÇA

बाल अधिकारों हेतु विश्व बाल पुरस्कार

World's Children's
for the Rights of the Child

Olá! A revista O Globo é para você e todos os outros jovens que participam do programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Aqui você vai conhecer amigos de todo o mundo, aprender sobre seus direitos e receber dicas de como o mundo pode ser um pouco melhor!

Thanks! Tack! Merci! ¡Gracias! Obrigado!
धन्यवाद நன்றி سپاس شُكراً! ขอบคุณ CẢM ƠN

À Sua Majestade,
a rainha Silvia da Suécia

Principais Patrocinadores dos Direitos da Criança
Loteria Sueca do Código Postal
ECPAT Suécia

Patrocinadores dos Direitos da Criança
Survé Family Foundation, Giving Wings, The Body Shop, eWork, Kronprinsessan Margaretas Minnesfond, Altor, Grupo Positivo, Sparbanksstiftelsen Rekarne e Global Children's Rights Support Finland.

Patronos dos Direitos da Criança
Bengt Norman, PunaMusta, Helge Ax:son Johnsons Stiftelse, Microsoft, Dahlströmska Stiftelsen, Goodmotion, ForeSight Group, Twitch Health Capital, Avisera, Saxi Sport, Centas, SamSari, Gripsholms Värdshus, Gripsholms Slottsförvaltning, ICA Torghallen Mariefred, Elsas Skafferi, Skomakargården, In My Garden, Röda Magasinet, Djurgårdsporten, Maggie Chinchilla, Sofia Lewandrowski /Artofficial Agency, Svenska Bil, Eric Ericsonhallen, Kulturfyren, Lilla Akademien & todos os patronos individuais dos direitos da criança

SVENSKA POSTKOD LOTTERIET

A loteria por um mundo melhor

Prize

PRÊMIO DAS CRIANÇAS DO MUNDO
pelos Direitos da Criança

Nesses países vivem as pessoas que estão nesta edição de O Globo

Homenagem a Nelson Mandela 4

O que é o Prêmio das Crianças do Mundo? 6

Conheça as crianças do júri! 8

O que são os direitos da criança? 12

Como estão as crianças no mundo? 14

Votação Mundial ao redor do planeta 16
Junte-se a Gana e outros países onde as crianças votam por seus direitos!

O Caminho para a Democracia 18

Heróis dos Direitos da Criança deste ano 26
Malala Yousafzai, Paquistão 27
John Wood, EUA 48
Indira Ranamagar, Nepal 68

Lute pelas meninas 86
Conheça Embaixadoras dos Direitos da Criança em Gana, Moçambique, Brasil, Zimbabwe, África do Sul, República Democrática do Congo e Nepal, que trabalham pelos direitos das meninas.

Conferência de Imprensa das Crianças do Mundo 114

Pratronos das crianças 114

O grande final 115

ISSN 1102-8343

شكريه:! مهرباني:! ကျေးဇူး တင်ဘျား!

Agradecimentos:
ao Júri Infantil, a todos os alunos e professores das Escolas Amigas da Criança, a todos os Amigos Adultos Honorários e patronos, Amigos Adultos, pontos focais e colaboradores, diretoria, Conselhos Consultivos Jovens e conselho consultivo da Fundação Prêmio das Crianças do Mundo, e à diretoria do Prêmio das Crianças do Mundo nos EUA.

Diretor de redação e editor responsável: Magnus Bergmar
Colaboradores nº 58–59: Andreas Lönn, Johan Bjerke, Carmilla Floyd, Kim Naylor, Britt-Marie Klang, Eva-Pia Worland, Marlene Winberg, Satsiri Winberg, Christiane Sampaio, Paula Rylands, Sofia Marcetic, Jan-Åke Winqvist
Tradução: Semantix (inglês, espanhol), Cinzia Gueniat (francês), Glenda Kölbrant (português), Preeti Shankar (hindu)
Editoração & reprodução: Fidelity **Foto da capa:** Satsiri Winberg **Impressão:** PunaMusta Oy

World's Children's Prize Foundation
Box 150, 647 24 Mariefred, Suécia
Tel. +46-159-12900 Fax +46-159-10860
prize@worldschildrensprize.org
www.worldschildrensprize.org
facebook.com/worldschildrensprizefoundation
twitter.com/worldschildrensprize

FOTO: LOUISE GUBB

Prestamos homenagem ao

Quando Nelson Mandela, ou Madiba, como todas as crianças da África do Sul o conhecem, tornou-se patrono do Prêmio das Crianças do Mundo, ele disse:

–Isso é bom. Vocês têm o nosso apoio, estejamos vivos ou no túmulo.

Em 2010, as 7,1 milhões de crianças que votaram na Votação Mundial do Prêmio das Crianças do Mundo, escolheram Nelson Mandela e sua esposa Graça Machel como Heróis dos Direitos da Criança da Década. Mandela por sua longa luta pela igual-

Quando Nelson Mandela nasceu, na aldeia de Mvezo em 1918, ele foi batizado Rolihlahla. Foi sua professora que acrescentou o nome Nelson.

Na África do Sul prevalecia o apartheid, a segregação de raças. Os negros eram discriminados e os brancos tinham todo o poder. Mandela era advogado e tornou-se ativista na luta por uma África do Sul livre.

Mandela foi preso várias vezes. Foi quando ele conseguiu se esconder da polícia por um longo tempo que os jornais começaram a chamá-lo de Pimpinela Negra. Eventualmente, porém, ele foi preso.

herói das crianças Nelson Mandela

dade de direitos para todas as crianças na África do Sul e Machel por sua contribuição para as crianças moçambicanas. Ambos também sempre defenderam os direitos da criança em qualquer parte do mundo onde crianças fossem submetidas a violações.

Quando Nelson Mandela morreu, aos 95 anos de idade em 5 de dezembro de 2013, sua morte foi lamentada e ele foi homenageado em todo o mundo.

– Madiba tem um bom coração. Ele ficou na prisão por 27 anos, mas não buscou retaliação. Ele queria paz e mostrar que negros e brancos podem viver juntos. Isso é incrível, disse Phumeza, 14, quando as crianças escolheram Mandela como laureado do Prêmio das Crianças do Mundo.

– Madiba lutou pelos nossos direitos e salvou nosso país. Se eu o conhecesse, eu diria: Prazer em conhecê-lo – e obrigada por nossa liberdade! disse Zanele, 12.

Você pode ler toda a série A Pimpinela Negra (13 páginas) sobre Mandela em **worldschildrensprize.org/mandela-nelson**

Nelson Mandela passou 27 anos de sua vida na prisão, muitos deles na ilha-presídio Robben Island. Em 1990, aos, 72 anos, ele finalmente foi libertado.

Mandela nunca parou de lutar pelos direitos da criança.

Nelson Mandela e Graça Machel são ambos patronos do Prêmio das Crianças do Mundo. Eles foram escolhidos por milhões de crianças como Heróis dos Direitos da Criança da Década e laureados com o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança.

TEXTO: MAGNUS BERGMAR ILUSTRAÇÃO: JAN-ÅKE WINQVIST

O que é o Prêm

Através do programa do Prêmio das Crianças do Mundo, você e outras crianças ao redor do mundo aprendem sobre seus direitos e lutam por um mundo mais humano, onde os direitos das crianças sejam respeitados por todos.

Todo ano, três heróis dos direitos da criança são nomeados ao Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança pelo júri infantil do Prêmio das Crianças do Mundo. Antes de decidir a premiação, você e milhões de outras crianças aprendem sobre os direitos da criança e a democracia e sobre o trabalho dos candidatos ao prêmio por tornar o mundo melhor para as crianças. O programa termina com o voto das crianças para escolher seu herói dos direitos da criança, na Votação Mundial. O maior número de votantes em um ano foi de 7,1 milhões de crianças. Você também quer participar?

Crianças em Benin fazem a abertura do programa do Prêmio das Crianças do Mundo.

Faça assim:

1

Prêmio das Crianças do Mundo 2014 é aberto

O lançamento acontece quando crianças de todo o mundo apresentam os heróis dos direitos da criança e candidatos ao prêmio deste ano, e falam sobre como os direitos da criança são respeitados no lugar onde vivem e em seu país. Realizem uma cerimônia de abertura na escola, em um dia que seja conveniente.

OBS.: Somente as crianças devem conduzir as celebrações e cerimônias. Os adultos estão lá para ouvir!

2

Os direitos da criança em sua vida (Vide folheto informativo e páginas 12–13)

Os direitos da criança são respeitados na sua vida e na vida de seus amigos? Também em casa, na escola e em seu país? Em worldschildrensprize.org você pode baixar os folhetos sobre muitos países. Discutam como as coisas poderiam melhorar para as crianças, e preparem uma apresentação para pais, professores, políticos, outros adultos e os meios de comunicação. Será que vocês desejam fundar um clube dos direitos da criança do WCP em sua escola?

3

Os direitos da criança no mundo (Vide páginas 8–11, 14–15, 27–113)

Os direitos da criança aplicam-se a todas as crianças, por toda a parte. Aprenda mais lendo sobre as crianças do júri, os heróis dos direitos da criança, as embaixadoras dos direitos da criança pelos direitos das meninas e as crianças pelas quais eles lutam. Descubra também como as crianças do mundo realmente se sentem.

Crianças no Nepal convidaram a mídia para sua World's Children's Press Conference (Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa).

Meninas na RD Congo falam sobre os direitos da criança.

io das Crianças do Mundo?

Crianças na Suécia leem sobre seus direitos na revista O Globo.

Até o momento, 35 milhões de crianças em todo o mundo aprenderam sobre direitos da criança e democracia através do programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Cerca de 60.000 escolas com 29,3 milhões de alunos em 108 países relataram que, na posição de escolas Amigas Mundiais, apoiam o Prêmio das Crianças do Mundo.

O programa do Prêmio das Crianças do Mundo 2014 começa em 5 de fevereiro e vai até 22 de outubro.

4

Preparem sua votação mundial
(Vide páginas 16–26)
Marquem a data da sua votação e organizem todos os detalhes para a realização de uma eleição democrática, com inspiração nas votações de outras crianças. Convidem a mídia, pais e políticos – todos que desejem vivenciar o Dia da Votação Mundial com vocês.

5

Dia da Eleição – Dia da Votação Mundial
Votem primeiro e depois celebrem com uma festa e apresentações culturais. Não se esqueçam de informar o resultado da sua votação ao ponto focal do WCP em seu país ou, caso não haja um, através da urna disponível em worldschildrensprize.org.

6

A grande revelação!
(Vide página 114)
No mesmo dia, em todo o mundo, revela-se quem foi escolhido, através da Votação Mundial, para receber o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança e quem receberá os prêmios honorários. Convidem a mídia local para uma Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa, ou reúnam toda a escola e divulguem o resultado da votação. Aproveitem para discutir que progressos gostariam de ver no respeito aos direitos da criança.

7

O grande final!
(Vide página 115)
Uma cerimônia de encerramento e premiação é conduzida pelas crianças do júri no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, Suécia. Todos os três heróis dos direitos da criança são homenageados e recebem recursos em dinheiro para seu trabalho em prol das crianças. Muitas escolas organizam sua própria cerimônia de encerramento, para celebrar os heróis dos direitos da criança e os direitos da criança. Mostrem o vídeo da cerimônia de premiação e convidem também pais, políticos e a mídia.

Veja ouça e fale!
www.worldschildrensprize.org
youtube.com/worldschildrensprize
facebook.com/worldschildrenprizefoundation
twitter.com/wcpfoundation

Limite de idade para o Prêmio das Crianças do Mundo

O Prêmio das Crianças do Mundo é para você, que tem entre dez e 18 anos. A idade limite é estabelecida segundo a Convenção dos Direitos da Criança da ONU, que diz que você é criança até completar 18 anos. Há vários motivos que justificam a idade mínima para participação no programa: Para votar na Votação Mundial, é necessário ler atentamente sobre os nomeados ao prêmio e as crianças pelas quais eles lutam. Geralmente, essas crianças foram submetidas a violações terríveis de seus direitos. Algumas vezes, suas histórias de vida são horríveis, e podem assustar crianças pequenas. Infelizmente, ainda não temos condições de distribuir material e envolver crianças menores de 10 anos. Mesmo você, que tem mais de 10 anos, pode ter problemas para lidar com a leitura de histórias de vida tão difíceis. Portanto, é importante que, após a leitura das histórias, você possa dialogar com um adulto a respeito. Isto se aplica particularmente ao capítulo sobre direitos das meninas nas páginas 88-111 desta edição da revista O Globo.

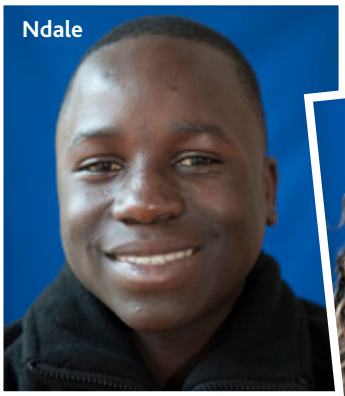
O júri infantil reunido em Mariefred em 2013.

Conheça as crianças do júri

Os membros do Júri Infantil do Prêmio das Crianças do Mundo são especialistas em direitos da criança através de suas próprias experiências. Cada membro do júri representa, em primeiro lugar, todas as crianças do mundo com experiências semelhantes às suas. Eles também representam as crianças de seu país e continente. Sempre que possível, o júri inclui crianças de todos os continentes e das principais religiões.

- As crianças do júri compartilham suas histórias de vida e quais de seus direitos como criança foram violados ou por quais desses direitos lutam. Dest forma, ensinam a milhões de crianças de todo o mundo sobre os direitos da criança.
- Todos os anos, o júri infantil seleciona os três nomeados ao Prêmio das Crianças do Mundo, entre todos os indicados durante o ano.
- Os membros do júri são embaixadores do Prêmio das Crianças do Mundo em seus países e pelo mundo.
- O júri infantil conduz a cerimônia anual de encerramento do programa do Prêmio das Crianças do Mundo, a grande cerimônia de premiação. Durante essa semana, os membros do júri visitam escolas na Suécia e conversam sobre suas experiências de vida e os direitos da criança.

No site **www.worldschildrensprize.org** você encontra versões mais longas das histórias de alguns membros do júri. Durante o ano de 2014, cinco novos membros do júri serão designados.



❤ HANNAH TAYLOR, 18

Canadá

Representa crianças que lutam pelos direitos da criança, principalmente os direitos das crianças sem-teto.

Aos cinco anos de idade, Hannah viu um homem sem-teto comendo restos tirados de uma lata de lixo. Desde então, ela tem conversado com estudantes, políticos, empresários e o primeiro ministro do Canadá para dizer que não deveria haver pessoas sem-teto. Ela criou uma fundação que já arrecadou milhões de dólares para projetos de apoio aos sem-teto, e criou um programa para escolas.

– Queremos mostrar que todos podem se engajar e fazer a diferença pelos sem-teto e em prol dos direitos da criança. Todos nós precisamos compartilhar o que temos, e devemos sempre nos importar uns com os outros. Quando visitei um lar para adolescentes sem-teto em Toronto, abracei todas as crianças. Uma delas, a mais calada, disse: "Até hoje, eu achava que ninguém gostava de mim, mas agora sei que você gosta".

❤ NDALE NYENGELA, 16

R.D. Congo

Representa crianças-soldado e crianças em conflitos armados.

Aos 11 anos, Ndale ia para a escola, quando foi sequestrado e obrigado a se tornar criança-soldado.

– Caminhamos por três dias sem comer ou dormir. Quando andávamos devagar, eles nos chutavam e gritavam. Mais tarde, quando havíamos aprendido a lidar com armas, disseram que agora devíamos aprender a matar pessoas.

Um dia, nos escondemos na floresta, perto de uma estrada. Alguém começou a atirar. Pessoas caíram mortas ao meu lado. Senti-me completamente dominado pela sensação de medo. Quando tentei me afastar, os outros soldados me empurraram e disseram: "Se seu amigo morrer, não se preocupe, apenas passe por cima dele! É seu dever!"

Depois de três anos, Ndale conseguiu fugir. Ele recebeu ajuda da BVES para processar suas experiências e começar a frequentar a escola.

– Fiquei muito feliz e minha vida recomeçou. Quando terminar os estudos, quero fazer música sobre como é a vida no exército e sobre os direitos da criança. Quero garantir que crianças não sejam usadas como soldados. Todos os adultos devem se lembrar de que também já foram crianças.

❤ BRIANNA AUDINETT, 17

EUA

Representa as crianças sem-teto.

Quando Brianna tinha onze anos, sua mãe abandonou seu violento pai. Brianna e seus três irmãos tornaram-se sem- teto em Los Angeles. Eles se mudavam com frequência e às vezes ficavam em motéis, embora a estadia de cinco pessoas em um único quarto fosse proibida. Eventualmente, conseguiram vaga em um abrigo, onde dormiam em beliches num dormitório com outros sem-teto durante meses. Eles tinham que ficar sempre quietos e quase não podiam brincar. Porém, em frente ao abrigo, eles encontraram uma organização, onde Brianna e seus irmãos tinham um lugar para brincar, e recebiam material escolar e ajuda para fazer o dever de casa.

– Quero ser médica quando crescer, e ajudar principalmente as pessoas sem-teto. Elas não têm nenhum dinheiro, mas eu as ajudarei mesmo assim, conta Brianna, que agora finalmente conseguiu um lugar para morar com sua família.

❤ MAE SEGOVIA, 15

Filipinas

Representa crianças abusadas no comércio sexual e crianças que lutam pelos direitos da criança.

Quando tinha nove anos, Mae foi forçada a abandonar a escola e começar a trabalhar para ajudar a sustentar sua família. Ela tinha que dançar e se despir diante de uma câmera em um Internet café. As imagens eram transmitidas em todo o mundo através da Internet. Levou dois anos para o proprietário que abusava de Mae ser pego pela polícia. Agora, ele e muitos dos que assistiam às imagens estão na prisão, mas Mae não poderia mais viver com sua família. Havia o risco de que ela ficasse em apuros novamente devido à pobreza. Hoje, ela mora em um lar seguro para meninas vulneráveis. Ela vai à escola e luta por outras meninas que são vítimas de abuso.

– Sinto falta da minha família, mas amo a escola e estou melhor aqui, diz Mae.

Hanna, do Canadá, e Hamoodi, da Palestina, com a ex-membro do júri Gaba.

❤ LIV KJELLBERG, 15

Suécia

Representa crianças vítimas de assédio moral e crianças que lutam contra o assédio moral.

– Começa com provocações por algum motivo, como usar as roupas erradas, ser tímido ou não se parecer com todos os outros. E depois simplesmente continua, com empurrões e coisas assim, e só piora cada vez mais, diz Liv. Logo nos primeiros anos da escola, ela foi excluída do grupo das meninas. Ela se sentava sozinha no refeitório e era submetida a assédio moral e cutucões.

– Os professores nem sempre sabem o que está acontecendo entre os alunos, e quando você começa a ser intimidado, provavelmente não diz nada. Você pensa que amanhã provavelmente será melhor e que poderá ficar junto com os outros.

A própria Liv cuidou da questão e levantou dinheiro para poder trabalhar contra o assédio moral em sua escola.

– Agora é divertido na sala de aula e ninguém pratica assédio moral. E tenho muitos bons amigos na escola, diz Liv.

❤ NUZHAT TABASSUM PROMI, 16

Bangladesh

Representa crianças que têm seus direitos violados, como resultado de desastres naturais e degradação ambiental, e crianças que exigem respeito aos direitos das meninas.

– Se o nível do mar subir um metro, a parte sul de Bangladesh, onde eu moro, ficará submersa. Penso nisso com frequência. O aquecimento global está causando o derretimento do gelo ao redor dos polos e do Himalaia, o que significa que somos mais atingidos por ciclones e inundações. No caminho para a escola, no dia seguinte ao megaciclone, havia mortos e feridos por toda parte, diz Nuzhat.

– Ela vive em uma pequena cidade no sul de Bangladesh. Todas as manhãs, ela veste seu uniforme escolar, acena para um bicitáxi e segue na condução até a escola.

– Ciclones, tempestades muito poderosas, atingem Bangladesh todos os anos. O país está bem preparado e tem um bom sistema de alerta de ciclone. A pior coisa que me aconteceu na vida foi quando pensei que a escola havia sido destruída pelo megaciclone.

❤ NETTA ALEXANDRI, 14

Israel

Representa crianças em zonas de conflito e crianças que querem o diálogo pela paz.

– Ainda me lembro da guerra que estava em curso quando eu era pequena. Meus pais estavam tão preocupados que algo pudesse acontecer comigo e com minha irmã que nos mandaram ficar com as minhas tias. Não pudemos vê-los por um longo tempo. Foi assustador. Eu e minha irmã estávamos muito preocupadas e apavoradas. Nós não entendíamos o que estava acontecendo, porque não podíamos ficar em casa! Lembro-me de pensar: não quero morrer. Não quero deixar minha casa.

Netta acredita que o diálogo – conversar uns com os outros – é o melhor caminho para alcançar a paz.

– Conversar uns com os outros realmente é a única maneira! É importante que as crianças conheçam os seus direitos, para que ninguém possa tirá-los de nós.

❤ DAVID PULLIN, 17

Reino Unido

Representa crianças que foram separadas de seus pais e estão sob o cuidado da sociedade, e crianças que lutam pelos direitos dessas crianças.

Os pais de David eram alcoolistas. Muitas vezes, eles o deixavam sozinho no apartamento o dia todo, quando saíam para beber.

– Como ficava trancado, eu não podia sair de lá.

Hoje David vive com uma família adotiva e participa ativamente de um projeto no qual crianças sob o cuidado da sociedade se reúnem e se apoiam mutuamente.

– Tenho uma nova família incrível e está tudo bem comigo. Contudo, sei que nem todas as crianças sob o cuidado da sociedade tiveram a mesma sorte, e quero lutar por seus direitos.

David também participa de um Conselho de Crianças onde mora.

– Junto com membros do conselho

Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa no Salão Eric Ericson, em Estocolmo, conduzida pelas crianças do júri.

Hanna Taylor na tribuna durante a cerimônia de premiação de 2013 no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, da qual a Princesa Herdeira Victória participou. As crianças do júri sempre conduzem a cerimônia.

municipal dos adultos, visito orfanatos, por exemplo, para verificar se as crianças que moram ali vivem bem. Meu sonho é que cada criança sob o cuidado da sociedade tenha uma boa vida. Que sejamos respeitados e tenhamos uma voz.

❤ HAMOODI MOHAMAD ELSALAMEEN, 16

Palestina

Representa crianças em zonas de conflito e crianças que vivem em territórios ocupados.

Hamoodi vive em uma aldeia pobre ao sul de Hebron, na Cisjordânia, território ocupado por Israel.

– Uma noite, os soldados israelenses vieram em tanques de guerra à nossa aldeia. Pelo alto-falante, ordenaram que todos acendessem as luzes e depois dispararam em todas as direções. Três pessoas foram mortas.

Aos cinco anos de idade, quando lhe contaram que um garotinho havia sido morto, Hamoodi disse: "Quero uma arma!". Entretanto, ele agora participa do diálogo pela paz. Hamoodi tem amigos judeus e joga futebol com eles várias vezes por mês em Israel.

– Gosto de jogar futebol, mas não temos lugar para jogar aqui na aldeia. Costumamos jogar em um campo distante daqui, mas quando os soldados israelenses chegam para prender alguém, eles nos levam para longe. Isso acaba com a diversão, diz Hamoodi.

❤ EMELDA ZAMAMBO, 15

Moçambique

Representa crianças sem-teto e crianças que lutam pelos direitos da criança.

Quando Emelda tinha seis anos, seu pai foi morto a tiros por ladrões. Alguns meses mais tarde, sua mãe morreu de malária.

– Eu não achava que nada voltaria a ser bom. Tive muito medo de ficar sozinha e acabar na rua. Porém, apesar de todas as coisas terríveis que aconteceram, tive uma sorte incrível.

Emelda pôde ir morar na casa de seus parentes. Ela tem alimento, roupas e a oportunidade de ir à escola.

– Acima de tudo, tenho uma família que me ama.

Atualmente, Emelda tem sua própria escola em casa, para crianças que, de outra forma, não teriam a oportunidade de obter educação. Ela as ensina a ler, escrever e contar.

– Frequentar a escola é uma das coisas mais importantes. Assim, a pessoa tem mais chance de conseguir um emprego mais tarde, e então pode cuidar melhor de sua família.

❤ KEWAL RAM, 16

Paquistão

Representa trabalhadores infantis, crianças escravas por dívida criança e crianças que "não existem" porque ninguém registrou seu nascimento.

Quando Kewal tinha oito anos, sua mãe ficou gravemente doente. Para comprar medicamentos, o pai de Kewal emprestou dinheiro de um homem que possuía teares de tapete.

– A condição era que alguém da família trabalharia para saldar a dívida e, como eu era o mais velho, tive que trabalhar em uma fábrica de tapetes. Foi uma época horrível. Eu não recebia quase nada para comer, e a dívida nunca diminuía, não importava quão duro eu trabalhasse. Depois de um ano, meu tio fez outro empréstimo para que eu pudesse ir para casa, na aldeia, e frequentasse a escola no período da manhã.

Todos os dias depois das aulas, Kewal sentava-se no tear até que estivesse tão escuro que ele não conseguia mais enxergar para tecer e, aos domingos, trabalhava o dia todo. Ele trabalhava pelo menos 40 horas por semana, mas nunca recebia nenhum dinheiro por seu trabalho. Metade do salário ficava com o dono dos teares, e a outra metade ia para pagar outras dívidas com comerciantes da aldeia vizinha. Mas Kewal se saía bem na escola. Aos 14 anos, ele se mudou para uma cidade a fim de continuar estudando. Então, o irmão de seu pai assumiu a responsabilidade de tecer tapetes para pagar a dívida.

❤ MANCHALA, 15

Nepal

Representa crianças exploradas pelo tráfico humano e crianças vítimas de abuso sexual.

Manchala cresceu sem a mãe, mas estava perto de sua avó, que lhe deu muito amor.

– Minha avó morreu quando eu tinha 13 anos. Logo abandonei a escola e comecei a trabalhar; primeiro em uma fábrica de chá e, mais tarde, em uma pedreira. Eu sempre sonhei com algo melhor.

Um dia, Manchala conheceu dois homens que prometeram arrumar um bom emprego com alto salário para ela no país vizinho, Índia. Mas, em vez disso, eles venderam Manchala como empregada doméstica para uma residência particular. Ela trabalhava duro, mas não recebia salário e era mantida presa. Porém, a pior parte foi que um dos homens que venderam Manchala começou a visitar e estuprá-la. Isso aconteceu várias vezes, durante um longo tempo. No final, Manchala já não suportava mais. Ela conseguiu escapar e o homem foi preso pela polícia. Mas então Manchala foi ameaçada pelos amigos e parentes do homem, que a perseguiam e ameaçavam matá-la. Hoje Manchala mora em um lar para meninas vulneráveis no Nepal e voltou para a escola.

Celebre

A Convenção dos Direitos da Criança da ONU reúne uma ampla gama de direitos que se aplicam a todas as crianças do mundo. Nós apresentamos uma versão resumida aqui. Leia a Convenção na íntegra em: www.worldschildrensprize.org.

Princípios Básicos da Convenção:

- Todas as crianças são iguais e têm os mesmos direitos.
- Toda criança tem direito a ter suas necessidades básicas satisfeitas.
- Toda criança tem direito à proteção contra abusos e exploração.
- Toda criança tem direito de exprimir suas ideias e ser respeitada.

O que é uma convenção?

Uma *convenção* é um acordo internacional, um contrato entre países. A Convenção dos Direitos da Criança é uma das seis convenções sobre direitos humanos da ONU.

O direito de reclamar!

Um novo protocolo à Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança afirma que crianças cujos direitos tenham sido violados podem enviar queixas diretamente ao Comitê da ONU sobre os Direitos da Criança, se não tiverem recebido auxílio e reabilitação de seu próprio país. Isso aumenta a pressão sobre os países do mundo para que levem os direitos da criança a sério. O protocolo foi redigido em 2011, mas precisava ser aprovado (ratificado) por pelo menos dez países, a fim de ser validado. Agora, Costa Rica, Albânia, Bolívia, Gabão, Alemanha, Montenegro, Portugal, Eslováquia, Espanha e Tailândia já ratificaram o protocolo sobre o direito das crianças de reclamar! Assim, você e todas as outras crianças agora têm mais chances de fazer suas vozes serem ouvidas a respeito de seus direitos. Este é um momento histórico para os direitos da criança!

ILUSTRAÇÃO:: LOTTA MELLGREN/ESTER

Vinte de novembro é um dia de comemoração para todas as crianças do mundo. Em 1989, nesta data, a ONU aprovou a CONVENÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA, que se destina a você e a todas as crianças menores de 18 anos. Este ano, 2014, os direitos da criança celebram 25 anos.

Todos os países, com exceção da Somália, EUA e Sudão do Sul, um novo país, ratificaram (se comprometeram a seguir) a convenção da criança. Isso significa que eles são obrigados a levar em consideração os direitos da criança e escutar o que as crianças têm a dizer.

os Direitos

Artigo 1
Estes direitos se aplicam a todas as crianças menores de 18 anos, no mundo inteiro.

Artigo 2
Todas as crianças são iguais.
Todas as crianças têm os mesmos direitos e não devem ser discriminadas.
Ninguém deve te tratar mal por sua aparência, cor de pele, gênero, idioma, religião e opinião.

Artigo 3
Aqueles que tomam decisões que afetam as crianças devem, antes de tudo, pensar no que é melhor para elas.

Artigo 6
Você tem o direito à vida e a um desenvolvimento saudável.

Artigo 7
Você tem direito a um nome e a uma nacionalidade.

Artigo 9
Você tem direito a viver com seus pais, desde que isso não seja prejudicial a você. Você tem direito de crescer, se possível, na companhia dos seus pais.

Artigos 12–15
Toda criança tem direito de dizer o que pensa. As crianças devem ser consultadas e sua opinião deve ser respeitada em todas as decisões que lhe dizem respeito: no lar, na escola, junto às autoridades e nos tribunais.

Artigo 18
Seus pais têm responsabilidade conjunta pela sua educação e desenvolvimento. Eles devem sempre pensar no que é melhor para você.

Artigo 19
Você tem direito à proteção contra toda forma de violência, contra maus tratos e abusos. Você não pode ser explorado(a) por seus pais ou outros responsáveis pela sua tutela.

Artigos 20–21
Você, que foi privado(a) do convívio familiar, tem direito a receber proteção especial.

Artigo 22
Se você for obrigado(a) a fugir do seu país natal, terá os mesmos direitos que as crianças do país que o(a) receber. Se tiver fugido sozinho(a), terá direito a ajuda especial. Se possível, você será reunido(a) à sua família.

Artigo 23
Toda criança tem direito a uma vida digna. Se você é portador de uma deficiência, tem direito a cuidados especiais.

Artigo 24
Caso fique doente, você tem direito a receber a ajuda e o tratamento médico necessários.

Artigos 28–29
Você tem direito a ir à escola e adquirir conhecimentos importantes, como por exemplo, o respeito pelos direitos humanos e por outras culturas.

Artigo 30
As ideias e crenças de todas as crianças devem ser respeitadas. Você, que faz parte de algum grupo minoritário, tem direito à sua língua, cultura e religião.

Artigo 31
Você tem direito a brincar, a descansar, ao tempo livre e a um ambiente saudável.

Artigo 32
Você não pode ser forçado(a) a realizar trabalhos perigosos e prejudiciais à saúde, ou que prejudiquem seu desempenho escolar.

Artigo 34
Ninguém deve sujeitar você ao abuso ou obrigá-lo(a) a se prostituir. Se você for maltratado(a), tem direito à ajuda e proteção.

Artigo 35
Ninguém tem direito a raptá-o(a) ou vendê-o(a).

Artigo 37
Ninguém deve punir você de forma cruel e humilhante.

Artigo 38
Você nunca deve ser recrutado(a) como soldado e participar de conflito armado.

Artigo 42
Toda criança e adulto deve conhecer a Convenção dos Direitos da Criança. Você tem direito a receber informações e a conhecer os seus direitos.

Como estão as crianças

2,2 BILHÕES DE CRIANÇAS MENORES DE 18 ANOS NO MUNDO

Mais de 80 milhões destas crianças vivem na Somália, Estados Unidos e Sudão do Sul, os três únicos países que não ratificaram a convenção dos direitos da criança. Todas as outras nações se comprometeram a cumprir e fazer cumprir os direitos da criança, mas violações são comuns em todos os países.

SOBREVIVÊNCIA E DESENVOLVIMENTO

Toda criança tem direito à vida. Os países que ratificaram a Convenção dos Direitos da Criança devem se esforçar ao máximo para que as crianças sobrevivam e se desenvolvam.

Uma em cada 18 crianças do mundo (1 em cada 9 nos países mais pobres) morre antes de completar cinco anos, na maioria das vezes, devido a doenças que poderiam ser evitadas.

SAÚDE E ATENDIMENTO MÉDICO

Você tem direito a uma alimentação saudável, a ter acesso à água potável e receber atendimento médico.

Todos os dias, 19.000 crianças menores de cinco anos morrem (6,9 milhões anualmente) de doenças causadas pela fome, falta de água potável e de assistência médica, e condições inadequadas de higiene. A vacinação contra as doenças infantis mais comuns salva 2,5 milhões de vidas todo ano. Entretanto, 1 em cada 5 crianças nunca é vacinada. Todos os anos, 2 milhões de crianças morrem de doenças que poderiam ser prevenidas através de vacinas. Quatro em cada 10 crianças nos 50 países mais pobres não têm acesso à água limpa. Todos os anos, 1 milhão de pessoas morrem de malária, a maioria são crianças. Apenas 2 em cada 10 crianças com malária recebem tratamento, e somente duas em cada 10 crianças dormem sob mosquiteiros nos países mais pobres, onde a malária existe.

NOME E NACIONALIDADE

Ao nascer, você tem o direito de receber um nome e ser registrado(a) como cidadão de seu país natal.

Todos os anos, 135 milhões de crianças nascem no mundo. Porém, cerca de 68 milhões nunca são registradas. Isso significa que não há nenhum documento que prove sua existência!

CASA, ROUPA, COMIDA E SEGURANÇA

Você tem direito a moradia, alimentação, roupas, educação, atendimento médico e segurança.

Mais de metade das crianças do mundo vivem na pobreza. Cerca de 550 milhões de crianças contam com menos de 1,25 dólar americano por dia para viver.

CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

As crianças portadoras de deficiências têm os mesmos direitos que qualquer outra criança. Elas têm o direito de receber apoio e desfrutar de uma vida plena, que possibilite sua participação ativa na comunidade.

As crianças portadoras de necessidades especiais estão entre as mais vulneráveis do mundo. Em muitos países, elas não podem frequentar a escola. Muitas são tratadas como se tivessem menos valor e são escondidas. Há cerca de 200 milhões de crianças com necessidades especiais no mundo.

no mundo?

CRIANÇAS QUE VIVEM NAS RUAS

Você tem o direito de viver em um ambiente seguro. Todas as crianças têm direito à educação, à assistência médica e a um padrão de vida decente.

Aproximadamente 100 milhões de crianças vivem nas ruas. Muitas têm a rua como seu único lar, outras trabalham e passam o dia nas ruas, mas têm famílias para cujas casas retornam ao final do dia.

TRABALHO INFANTIL NOCIVO

Você tem direito de receber proteção contra a exploração econômica e contra o trabalho prejudicial à sua saúde e/ou que o(a) impeça de frequentar a escola. O trabalho é proibido para todas as crianças menores de 12 anos.

Cerca de 306 milhões de crianças trabalham e, para a maioria delas, o trabalho é diretamente prejudicial à saúde, segurança, moral e educação. Cerca de 10 milhões estão sujeitas às piores formas de trabalho infantil, como por exemplo, escravidão por dívidas, recrutamento de crianças-soldado e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. Todo ano, pelo menos 1,2 milhão de crianças são expostas ao "tráfico", que é o comércio de escravos da atualidade.

CRIME E PUNIÇÃO

A prisão de crianças deve ser sempre o último recurso e pelo menor tempo possível. Nenhuma criança deve ser submetida à tortura ou qualquer outra forma de tratamento cruel. Crianças que cometem crimes devem receber assistência e ajuda. Crianças não devem ser punidas com prisão perpétua ou pena capital.

Pelo menos 1 milhão de crianças estão em prisões. Crianças presas são frequentemente maltratadas.

CRIANÇAS DE POVOS AUTÓCTONES E MINORIAS

Crianças de grupos minoritários ou de povos autóctones têm direito a ter uma língua, cultura e religião próprias. Povos autóctones são, por exemplo, os índios das Américas, os aborígines da Austrália e os lapões do norte da Europa.

Os direitos das crianças pertencentes aos povos autóctones e às minorias são frequentemente violados. Seus idiomas não são respeitados, elas são humilhadas e discriminadas. Muitas dessas crianças não têm acesso à assistência médica.

PROTEÇÃO NA GUERRA E NA FUGA

Você tem direito à proteção e assistência humanitária em casos de guerra ou refúgio. Crianças vítimas de conflito e refugiadas têm os mesmos direitos que qualquer outra criança.

Nos últimos 10 anos, pelo menos 2 milhões de crianças morreram em guerras. Seis milhões sofreram lesões físicas graves. Dez milhões de crianças sofreram danos psicológicos graves. Um milhão perderam os pais ou foram separadas deles. Cerca de 250 000 crianças usadas como soldados, carregadores ou cavadores de minas (todos s anos, mais de mil crianças morrem ou são feridas por minas). Pelo menos 18 milhões de crianças tiveram que fugir de suas casas e países.

ESCOLA E EDUCAÇÃO

Você tem o direito de frequentar a escola. O ensino básico deve ser gratuito para todos.

Mais de 9 em cada 10 crianças no mundo frequentam a escola, mas 57 milhões de crianças não recebem nenhuma educação. Entre as crianças que não frequentam a escola, 55 em cada 100 são meninas.

PROTEÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA

Você tem direito à proteção contra qualquer forma de violência, negligência, maus-tratos e abusos.

A cada ano, 40 milhões de crianças são agredidas tão brutalmente que precisam de tratamento médico. 34 países em todo o mundo proibiram qualquer forma de punição física às crianças. Assim, apenas 4 em cada 100 crianças estão protegidas por lei contra a violência. Muitos países ainda permitem castigos físicos na escola.

A SUA VOZ DEVE SER OUVIDA!

Você tem o direito de dizer o que pensa sobre todas as questões que lhe dizem respeito. Os adultos devem ouvir as opiniões das crianças antes de tomar decisões e sempre considerar o que é melhor para elas.

É esta a situação no seu país e no mundo hoje? Você e as demais crianças do mundo é que podem responder!

Hora da Votação Mundial

Todo aluno de uma escola Amiga Mundial tem o direito de participar da Votação Mundial até o ano em que completa 18 anos. Na Votação Mundial, vocês decidem quem receberá o *Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança 2014*. Nas páginas 21–26, 92–93, 100–101 e 106–107, é possível conhecer o Dia da Votação Mundial em diversos países.

Urna da Votação Mundial, Escola Ngisimani, Limpopo, África do Sul.

Globo Mundial usado como urna eleitoral no Nepal.

Assim que começarem a trabalhar com o programa do Prêmio das Crianças do Mundo deste ano, é importante marcar a data do seu Dia da Votação Mundial. Em alguns lugares, várias escolas, e até mesmo cidades e distritos escolares inteiros, realizaram seus dias de votação simultaneamente. Antes do seu Dia da Votação Mundial, é importante que vocês tenham bastante tempo, de preferência várias semanas ou meses, para conhecer e discutir os direitos da criança no lugar onde vivem e pelo mundo. E também tempo para ler a revista O Globo inteira!

Convidem a mídia
Lembrem-se de convidar toda a mídia local com antecedência para cobrir seu Dia da Votação Mundial. São vocês, crianças, que fazem o convite e contam sobre seu trabalho pelos direitos da criança. Vocês também podem convidar pais e políticos locais.

Eleição com voto secreto
Há muitos detalhes a preparar para que a Votação Mundial seja uma eleição democrática, com a garantia do voto secreto. Ninguém pode influenciar sua escolha, nem mesmo seus amigos, professores ou pais. Ninguém deve conseguir descobrir em quem você votou, a menos que você mesmo conte. É preciso organizar:

• *Lista de eleitores*
Todos que têm o direito ao voto devem ser incluídos em uma lista nominal, onde cada nome será cuidadosamente marcado tão logo a pessoa receba sua cédula de votação, ou ao depositar o voto na urna.

• *Cédulas de votação*
Usem as cédulas que acompanham a revista do Prêmio das Crianças do Mundo e façam mais cópias, se necessário, ou criem suas próprias cédulas.

• *Cabine eleitoral*
Se possível, construam sua própria cabine eleitoral. Também se pode obter uma cabine eleitoral emprestada, daquelas usadas nas eleições dos adultos. Uma única pessoa deve usar a cabine eleitoral por vez, para que ninguém veja o voto alheio.

• *Urna eleitoral*
Na revista O Globo há diversos tipos de urnas. Elas podem ser confeccionadas com papelão, uma grande lata ou folhas de palmeira trançadas, por exemplo. Enviem uma foto da sua urna para o Prêmio das Crianças do Mundo.

• *Tinta contra fraude*
Tinta no polegar, unhas pintadas, uma marca na mão ou no rosto – há muitas maneiras de identificar quem já votou.

• *Escolham mesários, fiscais* eleitorais e apuradores de votos
Os mesários marcam os nomes na lista de eleitores e distribuem as cédulas de votação. Os fiscais monitoram se a votação, a marcação com tinta e a contagem dos votos são realizadas corretamente. Os apuradores fazem a contagem dos votos. Lembrem-se de enviar o resultado da votação de todos os três candidatos!

Vamos comemorar!
Ao final da votação, muitas escolas celebram os direitos da criança e seu Dia da Votação Mundial com apresentações culturais, biscoitos, chá com bolo, ou de outras maneiras. Outras realizam uma manifestação pelos direitos da criança.

Bolo do Prêmio das Crianças do Mundo.

Dança comemorativa em Limpopo, África do Sul.

SATISH WINBERG

Veja o vídeo da Votação Mundial em worldschildrensprize.org

Eleição democrática na Birmânia

Durante anos, a revista O Globo, traduzida para o idioma karen, entrou secretamente na Birmânia (Mianmar) para que as crianças pudessem aprender sobre os direitos da criança e votar em uma eleição democrática. A situação na Birmânia melhorou e quando chegar a hora das eleições democráticas no país, as crianças da escola Saw Bwe Dern, na província Karen saberão como ela funciona.

FOTOS: THOMAS ANDERSSON/ECPAT SUÉCIA

Ao lado da urna no Nepal

Momento de decisão ao lado da urna na escola Shree Pashupati em Hetauda, Nepal. A imagem de baixo é da Votação Mundial na Teresa Academy, em Katmandu.

Burundi pelos direitos da criança

– Em nosso clube dos direitos da criança, aprendemos que as crianças têm direito à educação e não devem precisar trabalhar. Contudo, a maioria das trabalhadoras domésticas aqui são meninas que trabalham dia e noite durante o mês inteiro por uma quantia que não é suficiente nem para comprar um par de meias, diz Inés, 15 anos. Ela participa do Prêmio das Crianças do Mundo pela segunda vez.

Serra Leoa

Cada vez mais escolas e crianças em Serra Leoa se juntam ao programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Não muito tempo atrás houve combates no país, com muitas crianças-soldados. Mas hoje as crianças querem que seus direitos sejam respeitados.

Urna em forma de fruta em Camarões

O mesário da votação Wesley usa sua credencial do WCP em volta do pescoço. Seus colegas de escola na fila de votação esperam sua vez de depositar o voto na urna, que representa uma fruta.

– Queremos um mundo onde os direitos da criança sejam respeitados, diz Wesley.

Dia divertido para o WCP na Nigéria

A escola Ogoro-Magongo, na Nigéria, fez a abertura do programa do WCP do ano com um dia inteiro de apresentações e competições.

Votação no Congo

– Eu amo O Globo. A revista me levou a descobrir os direitos da criança, diz Gloire, 15, na capital congolesa, Brazzaville, na primeira vez em que ela vota na Votação Mundial.

O caminho par

Todos os anos, o programa do Prêmio das Crianças do Mundo é encerrado com vocês, crianças e adolescentes, realizando sua própria votação mundial democrática, a Votação Mundial. Acompanhe-nos em uma viagem no tempo, pelo crescimento da democracia no mundo.

O que é democracia?

Em algumas questões, talvez você e seus amigos pensem parecido. Sobre outras coisas, vocês pensam de maneiras totalmente diferentes. Talvez vocês possam ouvir uns aos outros e discutir até chegar a uma solução que todos consigam aceitar. Então, vocês concordam e atingem um *consenso*. **Às vezes, vocês têm que concordar sobre o fato de que discordam. Neste caso, a maioria, aqueles que estão em maior número, decidem. Isso é *democracia*.**

Em uma democracia, todas as pessoas têm o mesmo valor e os mesmos direitos. Todos devem ter uma chance de dizer o que acham e poder de influenciar a decisão. O oposto de democracia é *ditadura*. Neste caso, apenas uma ou algumas pessoas podem decidir tudo, e ninguém pode protestar.

Em uma democracia, todos devem poder fazer ouvir suas vozes, eles têm que se comprometer e votar a fim de chegar a uma decisão. Existe *democracia direta* e *democracia representativa*. Democracia Direta é quando todos podem votar sobre um determinado assunto, como a sua Votação Mundial sobre quem deve receber o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança. Ou quando um país realiza um referendo. A maioria dos países democráticos é governada por *democracia representativa*. Neste caso, os cidadãos escolhem seus *representantes*, políticos que dirigirão o país de acordo com a vontade do povo.

Em todas as épocas

Decisões conjuntas

Em todas as épocas, as pessoas sempre se reuniram para tomar decisões. No início, as decisões eram tomadas pelo grupo, tribo ou aldeia. Poderia ser sobre a caça ou a agricultura. Alguns usam rituais para saber como o grupo deve discutir e tomar decisões conjuntas. Pode ser um objeto, por exemplo, uma pena, que seja passado de mão em mão. A pessoa que segura a pena tem a palavra. *Experimentem isso na sala de aula!*

Nasce a palavra democracia

508 a.C.

508 a.C. nasce a palavra *democracia*, a partir das palavras gregas demos (povo) e kratein (governo). Todos os cidadãos da Grécia podem subir uma escada e dar sua opinião em coisas importantes. Se não conseguirem chegar a um acordo, as pessoas podem votar sobre ele através da c ontem de mãos levantadas. Porém, só os homens podem votar. Mulheres, escravos e estrangeiros não são considerados cidadãos, e não podem votar.

Século XVIII

Governantes autocráticos

No século XVIII, a maioria dos países, por exemplo, na Europa, é governada por reis e imperadores autocráticos que ignoram a vontade do povo. Porém, pensadores começam a se interessar por ideias reinventadas de que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e com direitos iguais. Por que alguns grupos da sociedade devem ter mais poder e riqueza do que outros? Outros criticam a opressão dos reis e argumentam que, se todos receberem mais conhecimento, eles descobrirão a injustiça da sociedade e protestarão contra elas.

a a democracia

O voto dos ricos

Em 1789 acontece uma revolução na França. O povo exige liberdade e igualdade. As ideias e reivindicações se difundem amplamente pela Europa e influenciam o desenvolvimento da sociedade. Mas, ainda assim, apenas os homens são considerados como cidadãos. Além disso, os homens muitas vezes só podem votar e participar na política se forem ricos e proprietários de casas e terrenos.

1789

Mulheres e escravos não

Em 1789, a primeira constituição (Lei Fundamental) dos EUA é redigida. Este é um passo importante na história da democracia. Ela afirma que o povo deve ter o controle sobre as decisões e que as pessoas devem ter o direito de escrever e dizer o que desejarem. Contudo, a Constituição não se aplica a mulheres nem a escravos.

A primeira votação secreta

Em 1856, a primeira votação secreta com cédulas com os nomes dos candidatos impressos é realizada na Tasmânia, Austrália.

1856

1906
1921
1945

Mulheres exigem direito de voto

No final do século XIX, mais e mais mulheres exigem o direito de votar em eleições políticas. A Finlândia, em 1906, é o primeiro país europeu onde as mulheres conquistam o direito de votar. No Reino Unido e Suécia, isso leva até 1921. E, na maioria dos países da Europa, África e Ásia, demora até depois da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ou mais, até que as mulheres obtenham o direito de voto.

1947

A maior democracia do mundo

Em 1947, a Índia liberta-se do Império Britânico e se torna a maior democracia do mundo. A luta pela liberdade é liderada por Mahatma Gandhi, que acredita na resistência sem violência, *a não-violência*.

A primeira democracia da África

Em 1957, Gana, na África Ocidental, torna-se livre e independente de seu colonizador, o Reino Unido. Kwame Nkrumah torna-se o primeiro líder do país. A colonização da África, Ásia e América Latina começara centenas de anos antes. As grandes potências europeias haviam enviado militares e exploradores. Eles ocupavam as terras, roubavam os recursos naturais e escravizavam as pessoas.

1957

TEXTO: CARMILLA FLOYD & MAGNUS BERGMAR ILLUSTRAÇÃO: JAN-ÅKE WINQVIST

Igualdade de direitos nos EUA

Em 1955, Rosa Parks, que é negra, se recusa a ceder seu assento no ônibus a um homem branco. Rosa é multada, porque no Sul dos EUA os negros não têm direitos iguais aos dos brancos. Eles também não podem frequentar as mesmas escolas que as crianças brancas e, às vezes, não podem votar. O líder da luta pelos direitos civis, Martin Luther King, inicia um boicote à empresa de ônibus. Esse é o início de um grande movimento de protesto nos EUA contra o racismo e por igualdade de direitos e de liberdades.

A Primavera Árabe

Em 2010, um jovem pobre na Tunísia tem seu carrinho de hortaliças confiscado pela polícia. Ele toca fogo em si mesmo em protesto e, quando a notícia de sua morte se espalha, centenas de milhares de pessoas vão para as ruas protestar. Elas conseguem depor o ditador do país, Ben Ali. Pessoas em países vizinhos se inspiram e derrubam os ditadores do Egito e da Líbia através de protestos populares. Os movimentos democráticos no Oriente Médio ficam conhecidos como *A Primavera Árabe*.

Direito de voto para todos na África do Sul

Em 1994, Nelson Mandela torna-se o primeiro presidente eleito democraticamente na África do Sul. Ele ficou preso durante 27 anos por sua luta contra o sistema racista de apartheid na África do Sul, que separava as pessoas com base na cor de sua pele. Na eleição de Mandela, pela primeira vez todos os sul-africanos participam em igualdade de condições.

Birmânia a caminho da democracia

Em 2010, Aung San Suu Kyi é libertada da prisão domiciliar na ditadura birmanesa. Ela havia passado quinze dos últimos 23 anos sob prisão domiciliar por sua corajosa luta pela democracia na Birmânia. Em 2011, ela se torna patrona da Fundação do Prêmio das Crianças do Mundo.

Ditaduras continuam

Em 2014, vários países ao redor do mundo ainda são ditaduras, mas violações dos direitos humanos também ocorrem em muitas democracias. Os direitos da criança são violados em todos os países. Nas ditaduras, não há direito ao voto nem o direito de expressar as opiniões, a liberdade de expressão. Os governantes decidem tudo e, muitas vezes, enriquecem a si mesmos e suas famílias.

A Votação Mundial Democrática das Crianças

Em 2014, o programa do Prêmio das Crianças do Mundo é implementado pela décima quarta vez. Até aqui, quase 35 milhões de crianças aprenderam sobre os seus direitos e a democracia através do programa. É importante que cada nova geração obtenha esse conhecimento. Ele auxilia você e seus amigos, por toda a vida, a ajudar na construção de seu país, para que a democracia se fortaleça e os direitos da criança e os direitos humanos sejam respeitados.

Quando tiverem aprendido tudo sobre os direitos da criança e as contribuições dos candidatos ao prêmio, vocês preparam sua eleição democrática, a Votação Mundial. Seu voto é sua própria decisão. Nenhum amigo ou professor pode dizer em quem você deve votar. Aquele em quem a maioria votar recebe o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança 2014!

Olivia e o Benin pelos direitos da criança

A escola Jumelé vota pelos direitos da criança.

Pintura de cartazes.

Tinta de carimbo contra fraude eleitoral.

Autoridades eleitorais da escola L'Horizon.

"A nossa escola participa". Votação Mundial no Lycée des Jeunes Filles Toffa.

Um voto na urna pelos direitos da criança.

Contagem dos votos.

"Sou motivada a me responsabilizar pelo clube dos direitos da criança do WCP quando vejo os direitos dos meus amigos serem violados. Muitos não vivem com os pais, e seus responsáveis os maltratam. Eles não aceitam que meninas frequentem a escola.

Sou uma menina.
Eu conheço
meus direitos.
E você?

E quando as meninas voltam da escola, elas têm que vender produtos na rua.

O programa do Prêmio das Crianças do Mundo é uma ótima ferramenta na minha luta pelos direitos da criança no Benin e contra a forma como as crianças mais vulneráveis são tratadas. Dezenas de milhares de crianças no Benin são atingidas anualmente pelo tráfico humano; dois terços delas são meninas.

As meninas devem ir à escola e criar seu próprio futuro. Elas não devem ser submetidas a casamentos forçados, devem ser livres para escolher com quem querem se casar. A menina pode se tornar líder, e isso é mais valioso para o país do que o dinheiro que os pais recebem para casá-la. Para conseguir isso, é preciso informar os pais e elevar sua conscientização, assim como a do povo. Como fazem através das histórias na revista O Globo, que ajudam a promover a questão. Os professores também são educados pela revista O Globo.

Nos próximos anos, usaremos o programa do WCP e o que aprendemos no clube do WCP. Vou ensinar os direitos da criança e garantir que várias atividades semanais comecem a partir dos clubes dos direitos da criança e das Escolas Amigas Mundiais da minha cidade. Na parte do programa sobre a Votação Mundial, eu ensino sobre o processo democrático. Esse conhecimento fortalece você como pessoa, e também os seus direitos."

Olivia, 16, Lycée des Jeunes Filles Toffa, Benin

A longa fila de votação cruza o campo de refugiados.

A polícia da votação mostra para onde os eleitores devem se dirigir na seção de votação.

Votação Mundial dos

Eu estou la lista de eleitores?

– Imagine que os adultos começaram uma guerra quando tiveram eleição. Ao invés disso, nós, crianças, fizemos uma grande festa na nossa vez, diz a criança refugiada Estelle, 12 anos, sacudindo a cabeça pela forma como os adultos se comportam.

No país de origem de Estelle, a Costa do Marfim, uma sangrenta guerra civil teve início após a eleição presidencial em 2010. Três mil pessoas foram mortas e centenas de milhares fugiram de suas casas. Muitos dos refugiados foram para o país vizinho, Gana. Hoje, as crianças têm sua Votação Mundial no campo de refugiados Ampain.

Aqui está sua cédula de votação. Para votar, faça um "x" no nome do seu candidato.

Estelle

Eleição das crianças é uma festa!

"**NOSSA VOTAÇÃO** Mundial aqui no campo de refugiados hoje foi uma eleição pacífica, justa e democrática. Tudo foi perfeitamente organizado. E todo mundo estava feliz. Em casa, na Costa do Marfim, quando adultos votaram foi completamente diferente. O presidente em exercício e os políticos que haviam concorrido com ele começaram uma guerra, porque eles não conseguiram concordar sobre o resultado das eleições. Soldados foram de porta em porta para descobrir quem votou em qual candidato.

E eles mataram pessoas. Havia tiroteios por toda parte.

Quando as pessoas tentaram passar pelos bloqueios e das estradas para fugir, muitas meninas recebiam ordens para sair dos carros. Os soldados abusavam delas e as jogavam de volta nos carros. Em outros casos, as meninas foram obrigadas a ficar com os soldados, enquanto todos os demais ocupantes do carro tinham que ir em frente. Isso aconteceu com uma menina que estava em nosso carro. Eu não a vi desde então. O tempo todo eu estava apavorada de que os soldados me levassem também.

Imagine que os adultos começaram uma guerra quando tiveram eleição. Ao invés disso, nós, crianças, fizemos uma grande festa na nossa vez. Nós, que participamos da Votação Mundial sabemos como eleições justas, pacíficas e democráticas devem ser realizadas. E também estamos conscientes dos direitos da criança e das meninas. Se pudermos voltar para casa, devemos usar aquilo que aprendemos. Neste caso, acho que meu país, a Costa do Marfim, será melhor no futuro.

Quando crescer, eu quero ser comissária de bordo e conhecer o mundo!"

Estelle, 12, Clube dos Direitos da Criança do WCP, campo de refugiados Ampain

A cabine eleitoral do local de votação do campo de refugiados fica atrás dos 3 balões amarelos à esquerda, no meio da foto.

Um voto para um herói dos direitos da criança.

Não há possibilidade de fraude eleitoral após a marcação.

TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: JOHAN BJERKE

refugiados

O presidente deveria ser como tos candidatos ao WCP

"A GUERRA foi terrível. Não é possível descrever quanto medo eu senti. Eu vi com meus próprios olhos como os soldados matarem mulheres e crianças. Consegui fugir do combate e chegar ao outro lado da fronteira com Gana no meio da noite, junto com minha irmã mais nova nossa e mãe. Quando chegamos aqui no campo de refugiados, eu fiquei incrivelmente aliviada. Em meio a todo o horror, senti-me segura de alguma forma. Foi como se eu tivesse chegado em segurança, e nada mais de ruim fosse acontecer comigo.

Mas não foi assim. Minha mãe começou a trabalhar na aldeia próxima e eu comecei a lavar pratos em um restaurante aqui no acampamento à noite. Geralmente, só recebo um pouco de comida como pagamento. Uma noite eu caminhava para o restaurante pela estrada de terra entre as tendas de refugiados, quando um homem me agarrou. Ele colocou a mão sobre minha boca e meu nariz. Fiquei tonta, porque ele tinha algum tipo de produto de cheiro forte na mão. Então ele me arrastou rapidamente para sua tenda.

Desmaiei e, quando acordei, vi que meu vestido estava rasgado e ensanguentado. Eu sentia tanta dor que quase não conseguia andar. Minha mãe e eu denunciamos o homem, mas, quando a polícia chegou, ele havia fugido do acampamento. Ninguém o viu desde então.

O clube dos direitos da criança do acampamento

Estou no clube dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo do acampamento. Nós lemos a revista O Globo e aprendemos sobre nossos direitos. Antes, eu não sabia nada sobre os meus direitos. Graças à revista O Globo, temos muitas boas dicas sobre como podemos lutar por nossos direitos. É bom ter muitas meninas em um grupo, porque, deste modo, podemos nos apoiar mutuamente. As pessoas ficam mais fortes assim do que se sozinhas.

Se os líderes e presidentes do planeta fossem como os candidatos aos WCP, o mundo seria um lugar mais seguro para nós, meninas."

Grace, 12, Clube dos Direitos da Criança do WCP, campo de refugiados Ampain.

Menina e surda: duplamente vulnerável

"**OS MENINOS** sempre são tratados melhor do que as meninas aqui em Gana. Meninas fazem tudo em casa e trabalham muito mais duro que meninos. Nós lavamos louça, cozinhamos, limpamos... tudo! Os rapazes não fazem quase nada. Se a família é pobre, sempre escolhe enviar o filho para a escola, e não a filha.

Crianças surdas não contam na família. Se uma família tem um primogênito surdo, a criança geralmente não pode ir à escola, independentemente de ser menino ou menina. Todos os irmãos com boa audição nascidos depois têm prioridade em relação à criança surda para frequentar a escola.

Se a família é pobre, muitas vezes os pais obrigam os filhos com deficiência a mendigar. As crianças sem deficiência são amadas por seus pais. Crianças surdas, ou crianças com outras deficiências, muitas vezes são espancadas. Como muitos não aprendem a linguagem de sinais, nós não conseguimos nos comunicar. Ficamos de fora.

A vida é muito mais difícil para uma menina surda. Nós definitivamente somos as últimas da fila para ir à escola. Como crianças surdas geralmente não frequentam a escola, somos deixadas sozinhas em casa enquanto os pais trabalham e os irmãos que ouvem vão à escola. É muito mais perigoso para nós, meninas, que para os meninos. Uma vez que não ouvimos, homens podem entrar na casa e abusar de nós.

A revista O Globo me ensina sobre o mundo

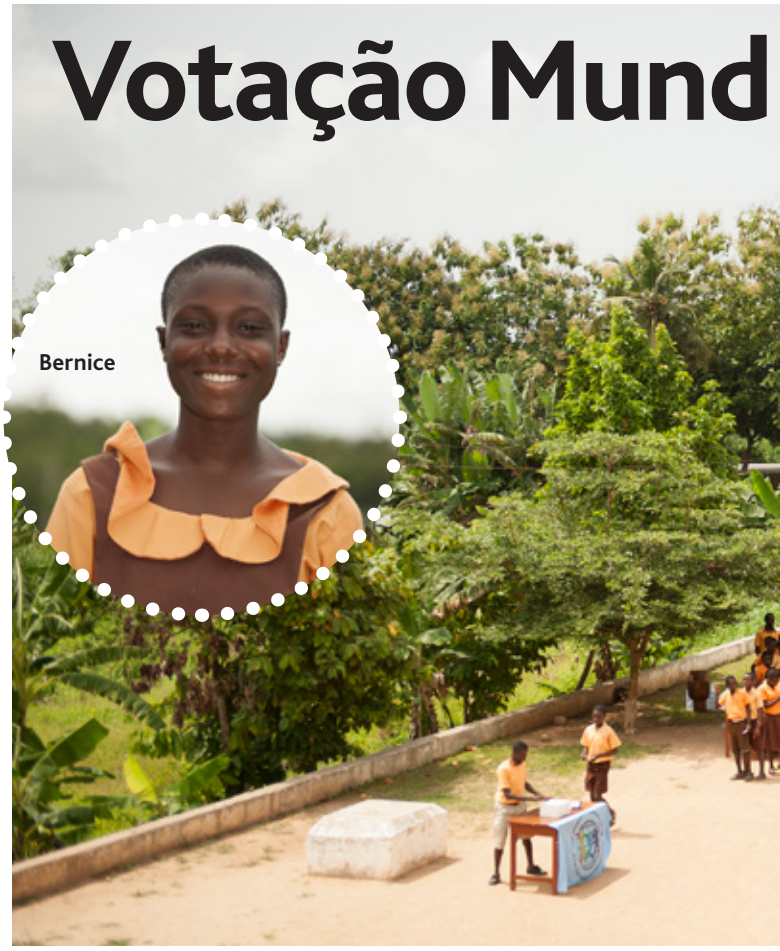
Eu preferia morar em casa, na minha aldeia, com minha mãe, e não aqui no internato. Mas venho de uma pequena aldeia a quatro horas de carro daqui. Faço parte do clube dos direitos da criança do WCP na escola e, lendo a revista O Globo, aprendi que todos, inclusive surdos e crianças com outras deficiências, têm direito de ir à escola. Antes eu não sabia disso.

A revista O Globo é ótima! Eu aprendo sobre o mundo e sobre os nossos direitos, e fico feliz ao ler sobre pessoas corajosas que lutam por nossos direitos. Hoje tivemos a Votação Mundial, e me senti bem ao mostrar meu apoio a alguém que luta por nossos direitos!

No futuro, eu quero ser uma mulher de negócios e gerente de uma grande loja de departamentos."

Bernice, 15, membro do clube dos direitos da criança do WCP, Escola para Surdos Sekondi

Votação Mund



Existem 200 milhões de crianças deficientes no mundo. Muitas delas estão entre as crianças mais vulneráveis. Elas são tratadas como menos dignas que as demais e, muitas vezes, são escondidas. A situação das meninas deficientes é ainda pior.

– Eu sei que isso é errado, pois pertenço ao Clube dos Direitos da Criança para meninas do Prêmio das Crianças do Mundo. Nós lemos a revista O Globo juntas, e agora eu sei que temos os mesmos direitos que todas as outras pessoas, diz Matilda, 14. Ela está entre os 300 alunos que realizam sua Votação Mundial na escola para crianças surdas e deficientes auditivas na cidade de Sekondi, em Gana.

ial com sinais

Um voto pelos direitos iguais de todas as crianças.

Surdez = deficiência?

Em vários países, muitas pessoas surdas que usam a linguagem de sinais atualmente estão lutando para serem consideradas como uma minoria linguística, e não como um grupo de pessoas com deficiência.

TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: JOHAN BJERKE

Duncan era escrava doméstica

"AS CRIANÇAS com deficiência têm os mesmos direitos que todas as outras crianças. Aprendi isso quando lemos a revista O Globo na escola, e isso me deixou incrivelmente feliz. Eu vou contar isso à minha família, pois não foi assim quando eu crescia.

Tenho três irmãos que ouvem, e eles são tratados de forma totalmente diferente. Eles tinham alimentos, roupas, calçados... tudo. É claro que eu também tinha, mas meus irmãos sempre tinham mais coisas, mais bonitas e mais novas. Eles também recebiam muito mais amor. Mais abraços e coisas assim. Eu não tinha o mesmo valor. Ninguém se preocupava em tentar se comunicar comigo de verdade. Era a mesma coisa em relação aos meninos de onde eu morava. Eu nunca podia participar das brincadeiras nem jogar futebol. Eles pensavam que eu era idiota porque eu não ouvia.

Nada de escola

Eu também não podia ir à escola. Quando meus irmãos iam para a escola, eu tinha que ficar em casa, buscar água, cozinhar e trabalhar no campo. Era tão triste ver meus irmãos indo à escola em seus belos uniformes. Sentia-me como uma escrava. Agora eu sei que aquilo estava totalmente errado. Eu tenho tanto direito de frequentar a escola quanto todos os outros!

Depois, com muitos anos de atraso, finalmente consegui começar a estudar na escola para crianças surdas. Aqui todos podem participar, e eu tenho muitos amigos. Espero que eventualmente as coisas passem a ser assim para nós também na comunidade. Que sejamos tão valorizados quanto todas as outras pessoas.

Se nós, que participamos do Prêmio das Crianças do Mundo e aprendemos sobre nossos direitos, ensinarmos nossas famílias e todas as pessoas de onde viemos sobre os direitos da criança, acho que a vida será melhor para as crianças surdas em Gana. Eu gostaria de ser professora de matemática no futuro."

Duncan, 14, Escola para Surdos Sekondi

Matilda era chamada de animal

Matilda

"FUI MALTRATADA por ser surda. Onde morava, eu sempre era importunada pelas meninas da minha idade. Sou uma boa corredora, mas eu nunca podia participar das corridas nem brincar. Elas me excluíam e me chamavam de animal. Às vezes, elas pegavam grama e seguravam contra a minha boca para eu comer, como se faz com uma vaca. Depois, elas riam e faziam sinais dizendo que eu era retardada. Doía muito. Eu não queria chorar na frente delas, e geralmente eu fugia e me escondia na floresta.

Muitas vezes eu não saía de lá até à noite, quando os mosquitos começavam a me picar. Então eu ia para casa furtivamente, para que ninguém me visse. Às vezes eu era espancada pelas pessoas. Até mesmo por adultos. Como eu não ouvia o que eles diziam, e nem eles nem eu sabíamos a linguagem dos sinais, muitas vezes havia mal-entendidos e eu apanhava.

Quer ser baterista

Eu faço parte do clube os direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo aqui na escola. Lemos a revista O Globo juntos e conversamos sobre nossos direitos. Aprendi que as coisas a que eu fui exposta, como não ter uma linguagem, não poder participar e ser importunada violou meus direitos.

Antes de vir para a escola para surdos, eu nunca poderia fazer me fazer ouvir.

Hoje tivemos a Votação Mundial, e senti que eu realmente pude fazer minha voz ser ouvida! Foi uma sensação incomum, pois aqui as crianças surdas raramente são ouvidas. Nossa opinião não conta. Hoje foi diferente. Eu votei junto com crianças de todo o mundo, tanto surdas quanto aquelas com boa audição. E minha opinião conta. Isso me faz feliz!

Eu adoraria ser baterista. Mesmo sem ouvir a música, eu sinto o ritmo e as vibrações no corpo. Eu costumo treinar com galhos na lenha. As pessoas apontam os dedos e riem, porque sabem que eu sou surda. Mas eu apenas rio de volta. Eu gosto de tambor, e às vezes toco na igreja. Quero participar da banda da igreja e tocar todos os domingos."

Matilda, 14, membro do clube dos direitos da criança do WCP, Escola para Surdos Sekondi

Na festa da votação, algumas crianças fazem uma apresentação de dança. Embora não ouçam os tambores, elas os veem e sentem o ritmo.

Heróis dos Direitos da Criança 2014

Todos os anos, o Júri Infantil do Prêmio das Crianças do Mundo seleciona três heróis dos direitos da criança entre os indicados. Eles serão os candidatos finais para receber o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança. Para ser capaz de fazer uma escolha justa na Votação Mundial, é importante que você tenha o mesmo nível de conhecimento sobre os três candidatos. Para isso, leia tudo sobre eles nas páginas a seguir. Os dois candidatos não laureados com o prêmio decidido pelo voto das crianças recebem um prêmio de honra, o Prêmio Honorário das Crianças do Mundo. Todos os três heróis dos direitos da criança receberão prêmios em dinheiro para seu trabalho em prol das crianças.

Malala Yousafzai
Paquistão
Páginas 27–47

John Wood
EUA
Páginas 48–67

Indira Ranamagar
Nepal
Páginas 68–85

Por que Malala é nomeada?

Nomeada Heroína dos Direitos da Criança • Páginas 27–47

Malala Yousafzai

Malala Yousafzai é nomeada ao Prêmio das Crianças do Mundo 2014 por sua corajosa e perigosa luta pelo direito das meninas à educação.

Malala começou a defender abertamente os direitos das meninas aos 11 anos de idade, quando os talibãs proibiram as meninas de frequentarem a escola no Vale do Swat, no Paquistão. Malala desafiou as regras e continuou indo à escola. Sua vida foi ameaçada e, algumas vezes, ela teve que se esconder. Finalmente, aos 15 anos de idade, Malala foi baleada e quase morta por talibãs ao voltar da escola para casa, em uma tentativa de silenciá-la. Os talibãs acharam que podiam silenciar Malala ao assassiná-la. Em vez disso, deram-lhe uma voz ainda mais forte, que agora é ouvida em todo o mundo. Malala está determinada a continuar sua luta pelo direito de todas as crianças à educação. Ela acredita que a educação é o futuro, e que uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo. Ela tem seu próprio fundo, o Fundo Malala, para possibilitar que meninas frequentem a escola.

FOTO: MASROOR/CORBIS/TT

Um mês após Malala ser baleada, crianças levam fotos dela a uma cerimônia na cidade de Karachi, no Paquistão.

É dia 9 de outubro de 2012.

– Qual de vocês é Malala, pergunta o homem vestido de branco. Seu rosto está coberto com um lenço.

Nenhuma das meninas, que voltam para casa no micro-ônibus escolar, diz nada. Mas seus olhos mostram quem é Malala.

O homem levanta a arma e dispara três tiros rapidamente. A primeira bala atinge Malala na cabeça.

Malala luta há muito tempo contra os talibãs no Vale do Swat, Paquistão, pelo direito das meninas frequentarem a escola. Agora, aos 15 anos de idade, ela está quase morrendo.

Porém, quando Malala desperta da inconsciência, ela já se tornou um símbolo do direito das meninas irem à escola no mundo.

Quando Malala nasce, sua chegada não é tão comemorada quanto teria sido se ela fosse um menino. Muitos pashtuns, como o povo de Vale do Swat é chamado, acreditam que os meninos são mais importantes do que as meninas. Mas o pai de Malala, Ziauddin, é diferente. Desde o início, Malala é a menina de seus olhos.

No livro sobre sua vida, Malala conta que nasceu no lugar mais bonito do mundo:

– O Vale do Swat é um paraíso de montanhas, cachoeiras e lagos cristalinos. "Bem-vindo ao Paraíso", diz a placa na entrada do vale.

Neste "paraíso" Malala passará pela experiência de terremotos e uma grande inundação que deixa muitos mortos. Mas o pior de tudo é quando os talibãs vêm para o

FOTO: ELYSE MARKS

Malala.

Vale do Swat. Eles ameaçam, assassinam, obrigam as mulheres a cobrir o rosto e as meninas a abandonar a escola. Eles explodirão mais de 400 escolas para meninas no Swat.

Meninas sofrem

Malala passa muito tempo na escola de seu pai na maior cidade do Swat, Mingora. Desde cedo, ela aprende o quanto as vidas de meninos e meninas são diferentes, e como são os homens que decidem tudo. Mas Malala também aprende com seu pai que não precisa ser assim. Ele luta pelo direito de todos, até mesmo de pessoas pobres e meninas, irem à escola.

Quando sua família visita familiares na aldeia da montanha, Malala sente falta de sua prima Shahida. Ela tem apenas dez anos de idade, mas seu pai a vendeu a um homem mais velho que já tem uma esposa.

Malala reclama com seu pai sobre como as meninas sofrem no Swat. Ele responde que é ainda pior no país vizinho, Afeganistão, que fica a apenas 150 km de distância. Lá, os talibãs obrigam as mulheres a usar burca para esconder o rosto, incendeiam escolas para meninas e abusam de mulheres que pintam as unhas. Muitos talibãs são pashtuns.

PHOTO: ANJA NIEDRINGHAUS/AP

Malala sempre ia à escola de tuc-tuc no último ano antes de ser baleada. Antes, ela sempre caminhava até a escola, mas sua mãe ficou preocupada depois de todas as ameaças à família.

PHOTO: ANJA NIEDRINGHAUS/AP

Na volta da escola, Malala ia para casa de micro-ônibus, junto com várias colegas, fato que os talibãs descobriram.

Os talibãs chegam

Malala tem dez anos quando os talibãs chegam ao Vale do Swat. Eles reúnem os CDs, DVDs e TVs das pessoas em grandes pilhas nas ruas e queimam tudo. Os talibãs também impedem a vacinação de crianças pequenas contra a poliomielite. Eles acabam com os canais de TV a cabo e proíbem um jogo de tabuleiro que as crianças adoram.

Em seguida, os talibãs se voltam contra as escolas para meninas. Quando a família de Malala volta de uma visita a parentes no interior, há uma carta pregada na porta da escola. Nela, o pai de Malala é advertido contra permitir que as meninas continuem usando uniformes escolares comuns. Em vez disso, elas devem usar burcas e véus cobrindo seus rostos. Depois disso, as meninas passam a cobrir a cabeça sempre que entram ou saem da escola.

Nenhuma menina na escola

Agora é 2008 e os talibãs começam a explodir escolas, principalmente as escolas para meninas, quase todos os

Do álbum de fotos da família

Malala com seu irmão Khushal e o avô paterno, que eles chamam de Baba.

Malala começou a ler, e seu irmão mais novo, Khushal, a imita.

Malala frequentava a escola de seu pai, a Khushal Girls High School. Olhando da rua, não é possível perceber que é uma escola.

PHOTO: ANJA NIEDRINGHAUS/AP

PHOTO: ANJA NIEDRINGHAUS/AP

Todas as manhãs na escola de Malala, Khushal Girls High School, as meninas se reúnem sob a bandeira do Paquistão. A foto foi tirada um mês depois que Malala foi baleada. Suas colegas de escola ficaram muito preocupadas com o estado de Malala, mas também com sua própria segurança.

dias. Malala tem onze anos e é entrevistada por vários canais de TV. Ela defende o direito das meninas de frequentar a escola. Ao participar de uma transmissão da BBC em urdu, o idioma do Paquistão, ela diz:

– Como os talibãs se atrevem a violar meu direito à educação?

As coisas ficam cada vez piores. Assim, os talibãs anunciam que todas as escolas para meninas devem ser fechadas. Após 15 de janeiro de 2009, nenhuma menina no Vale do Swat pode ir à escola.

Inicialmente, Malala acha que não é possível. Como os talibãs impedirão que ela e suas amigas vão à escola? Mas as amigas perguntam quem poderá impedir os talibãs de fazê-lo, quando eles conseguiram explodir centenas de escolas.

Malala começa a escrever um diário sobre a vida no Swat sob o regime dos talibãs. Quando ele é lido na rádio BBC, ela usa o pseudônimo Gul Makai, que significa centáurea-azul. Colegas na escola comentam sobre o diário, sem saber que é Malala que o escreve. Ela fala sobre como é ter medo, sobre a proibição de ir à escola e sobre a obrigação de usar burca e esconder o rosto.

Quando é destaque em um documentário, Malala diz: "Eles não podem me parar... nosso apelo para o mundo é: Salvem nossas escolas, salvem nosso Paquistão, salvem o nosso Swat". Mas logo os talibãs fecham sua escola.

Protestos levam os talibãs a mudar de ideia e permitir que meninas com até dez anos de idade frequentem a escola. Malala e suas amigas, que são mais velhas, vão à escola sem uniforme e escondem os livros escolares sob seus xales. O diretor da escola das meninas a chama de "a escola secreta".

Um dia, o exército paquistanês ordena que os habitantes do Vale do Swat deixem suas casas. O exército lançará uma ofensiva contra os talibãs. Mais de um milhão de pessoas tornam-se refugiados em seu próprio país. A família de Malala deixa o vale e só pode voltar para casa três meses depois. O exército afirma que os talibãs foram derrotados, mas os talibãs logo voltam a explodir escolas.

Ameaças graves

Em janeiro de 2012, Malala viaja com sua família para Karachi, uma grande cidade. O governo provincial decidiu que uma escola na cidade

Escola para meninas ameaçadas

FOTO: VERONIQUE DE VIGUERIE/GETTY IMAGES

As meninas na foto estão voltando da escola para casa em Mingora, cidade natal de Malala. Elas estão vestindo burcas. Os talibãs exigem que elas cumpram o Purdah, o que significa que meninas e mulheres não devem mostrar seus rostos para os homens. Os talibãs querem impedir as meninas de irem à escola e fecharam mais de 400 escolas para meninas na região natal de Malala, o Swat.

Com 185 milhões de habitantes, o Paquistão é o sexto país mais populoso do mundo. Três em cada quatro mulheres no Paquistão não sabem ler. Na zona rural, existem áreas onde apenas três em cada cem mulheres sabem ler. Cinco milhões de meninas que deveriam ir à escola, não recebem nenhuma educação, e o Paquistão é um dos poucos países no mundo onde o analfabetismo está aumentando. Muitas famílias proporcionam educação para os filhos, mas não para as filhas, porque elas deixam a família quando se casam. Menos de 2 por cento do orçamento do Paquistão vão para a educação, enquanto mais de 25 por cento vão para as forças armadas.

FOTO: ANJA NIEDRINGHAUS/AP

A escola de Malala não é visível da rua. As meninas entram rapidamente pelo portão de ferro forjado e costumam olhar para fora cautelosamente antes de sair para a rua.

receberá o nome de Malala. Ela discursa diante de todos os políticos e diz:

– Todos nós devemos trabalhar juntos pelos direitos das meninas.

Em seu livro, Malala conta que se sentou na praia de Karachi e pensou sobre a situação das meninas e mulheres em seu país:

– Queremos tomar nossas próprias decisões e ser livres para ir à escola ou trabalhar. Em nenhum lugar do Alcorão está escrito que uma mulher deve ser dependente de um homem, ou obedecer a um homem, ela pensa.

Enquanto ainda estão em Karachi, o pai de Malala vê na internet que os talibãs estão ameaçando duas mulheres, e que uma delas é Malala. "As duas mulheres devem ser mortas", afirmam.

Os pais de Malala lhe contam sobre as ameaças, e seu pai diz que, por um tempo, ela deveria parar de falar pela educação das meninas e contra os talibãs.

– Como podemos fazer isso? Sou convidada para falar em vários lugares, e não acho que posso recusar, diz Malala.

Quando a família volta ao Swat, a polícia mostra seu relatório sobre Malala. Ele diz que ela foi ameaçada de morte devido ao fato de ter ficado famosa no Paquistão e em todo o mundo por sua oposição aos talibãs.

O governo da província quer que Malala seja embaixadora da paz, mas sua família diz que é muito perigoso. Malala começa a trancar o portão da casa da família todas as noites. Seu pai explica que agora os talibãs estão atrás das pessoas que levantam suas vozes contra o que eles representam.

Parada do transporte escolar

Malala e seu pai planejam ir para as aldeias nas montanhas do Swat durante as próximas férias escolares e conversar com pais e crianças sobre o quanto é importante aprender a ler e escrever.

– Nós somos como pregadores da educação, diz Malala ao pai.

A mãe de Malala já não permite que ela caminhe até a escola. Em vez disso, ela sempre vai de tuc-tuc. E volta junto com vinte colegas em um caminhão coberto com uma lona, onde há três longos bancos.

O transporte escolar deixa Malala em frente à escadaria que vai até sua rua, e agora ela sempre teme os talibãs ao subir as escadas. Quando o resto da família dorme, ela verifica se todas as portas e janelas estão devidamente fechadas e trancadas. Ela reza a Alá pela proteção da família.

Quem é Malala?

É a época dos exames semestrais. Na noite de 9 de outubro, Malala fica acordada até tarde estudando para o teste de conhecimentos sobre o Paquistão. A família toda toma café da manhã junta. Hoje a mãe de Malala começa a ter aulas para aprender a ler e escrever.

O transporte escolar faz duas viagens por dia. Malala e suas amigas ficam conversando após o teste, e vão na segunda viagem, ao meio-dia.

De repente, dois jovens vestidos de branco surgem no meio da estrada, obrigando o micro-ônibus a frear. Um deles, vestindo um chapéu e um lenço escondendo o rosto, sobe na parte traseira do ônibus e se inclina, perto de onde Malala e sua melhor amiga estão sentadas.

– Quem é Malala? , pergunta ele.

FOTO: AP

Após voar de sua cidade natal, Mingora, de helicóptero no dia em que foi baleada, Malala foi levada para um hospital militar na cidade de Peshawar.

PHOTO: SHERIN ZADA/AP

Malala está inconsciente após levar três tiros. Um deles acertou sua cabeça.

FOTO: FAREED KHAN/AP

Em 14 de outubro de 2012, cinco dias após Malala ser baleada, crianças protestam nas ruas da cidade de Karachi contra o ataque dos talibãs a ela.

Algumas meninas gritam por socorro, mas o homem faz com que se calem. Malala é a única garota que não tem o rosto coberto. Ninguém diz quem ela é, mas muitas olham para ela. Quando o homem levanta sua pistola preta, Malala agarra a mão de sua melhor amiga. O homem dispara três tiros rápidos. O primeiro acerta Malala na cabeça.

ONU e prêmios

Inicialmente, Malala é levada de helicóptero para um hospital militar, e depois é transferida para um hospital no Reino Unido. É lá que ela acorda após passar uma semana inconsciente. Metade de seu rosto está paralisada. Porém, depois de oito horas de cirurgia, os médicos conseguem reparar o nervo facial.

Malala recebe vários prêmios e até mesmo torna-se a pessoa mais jovem já indicada ao Prêmio Nobel da Paz. Ela está nas listas de pessoas mais influentes do mundo de diversos jornais.

Em 12 de julho de 2013, o dia em que Malala faz 16 anos, ela é convidada a ir à ONU. Cem jovens de 80 países foram lá para ouvir Malala, e o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, chama o dia de Dia de Malala. Em seu discurso a Malala, ele diz:

– Peço-lhes que continuem levantando suas vozes. Continue aumentando a pressão. Continue fazendo a diferença. Vamos juntos seguir essa menina corajosa e colocar a educação em primeiro lugar. Vamos tornar este mundo melhor para todos.

– Hoje é o dia de todas as mulheres, meninos e meninas que levantaram suas vozes por seus direitos. Lutemos contra o analfabetismo, a pobreza e o terrorismo em todo o mundo. Tomemos nossos livros e canetas. Eles são as nossas armas mais fortes. A educação é a única solução, Malala responde ao chefe da ONU.

A voz de Malala mais forte

Os talibãs pensaram que poderiam silenciar Malala ao assassiná-la. Em vez disso, deram-lhe uma voz ainda mais forte, que agora é ouvida em todo o mundo. Malala está determinada a continuar lutando pelos direitos das meninas.

Atualmente, Malala tem um fundo, o Fundo Malala, que será usado para fortalecer o direito das meninas à educação em todo o mundo.

– Não quero ser conhecida como a menina que foi baleada pelos talibãs, mas como a menina que luta pela educação, diz ela.

FOTO: QUEEN ELIZABETH HOSPITAL/GETTY IMAGES

Malala, junto com seu pai, Ziauddin, e seus irmãos mais novos, Khushal e Atal, no Hospital Queen Elizabeth, em Birmingham, Reino Unido.

FOTO: ESKINDER DEBEBE/UN

Em 12 de julho de 2013, o 16º aniversário de Malala foi comemorado na ONU, na presença de centenas de jovens de oitenta países. O secretário-geral da ONU batizou a data como o Dia de Malala (Malala Day) e deu a ela um livro encadernado em couro com a Carta das Nações Unidas. Apenas chefes de Estado recebem esse presente.

TEXTO: MAGNUS BERGMAR

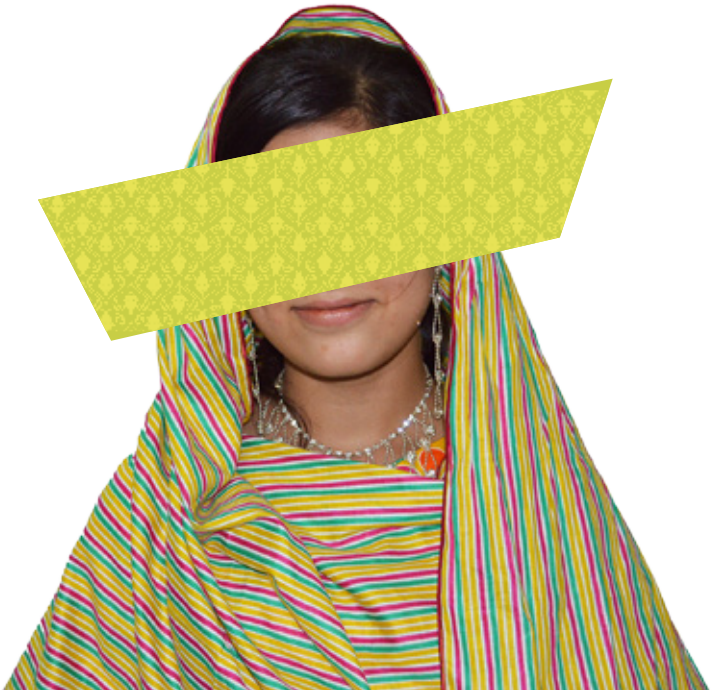
Mais meninas

Malala não está sozinha. Todas as meninas nestas páginas vêm de regiões onde há talibãs. Assim como Malala, elas lutam para que as meninas possam frequentar a escola. Mesmo para elas, pode ser perigoso fazê-lo. Portanto, seus rostos estão cobertos. Muitas vezes, bombas explodem, e então elas têm que ficar em casa, sem ir à escola.

Bombas interrompem as aulas

"A educação é tão importante. Ela muda nossas vidas. Todos têm o direito de ir à escola. Quando eu sonho com o futuro, sonho que sou professora, exatamente como uma das minhas professoras. Eu moro em uma região muito instável. Tenho medo quando caem muitas bombas. Nessas ocasiões, eu não vou à escola. Fico feliz quando está tranquilo e posso voltar a ir. Eu não quero ficar longe da escola.

Malala é tão boa. Ela luta contra os talibãs em nossa região. Ela é um exemplo para nós. Todos sabem como ela pensa e contra quem ela luta".
Mariam, 12



Educação é tudo

"Educação é tudo. Ela afeta a vida e, sem educação, não posso fazer muita coisa. A educação correta pode significar muito. Em meu país, em todas as profissões que os meninos podem estudar, as meninas também podem formar-se e trabalhar. Se eu quiser, posso ser policial, soldado, piloto ou qualquer outra coisa. Meninos e meninas podem ter as mesmas profissões.

A política também é importante. Sem política, não podemos desenvolver nosso país. Todo mundo tem o direito de trabalhar na política. Eu também quero fazer isso, e quando chegar ao poder trabalharei para que todos em nosso país recebam educação. Então, haverá boa educação. Agora não temos um bom sistema na maioria das escolas. Muitos só aprendem a decorar as coisas, e pais pobres acham que é melhor as crianças conseguirem trabalho e uma renda.

Às vezes temos problemas com bombas e há turbulência em nossa área. Nessas ocasiões, tenho que ficar em casa e não fico feliz de faltar à escola. Eu sei que estou perdendo algo importante.

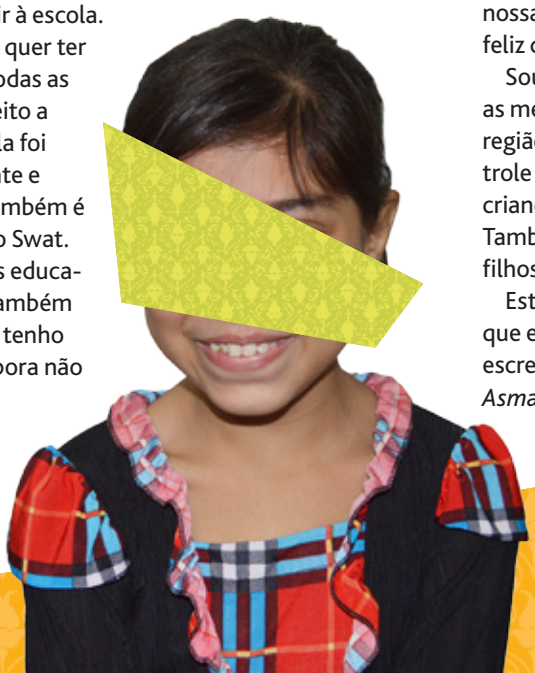
Sou grata por Malala ter sido tão clara sobre o fato de que todas as meninas têm o direito de ir à escola. Há muitos pais em nossa região que mantém as meninas em casa, porque querem ter controle total sobre elas. Eu e meus amigos conversamos com as crianças que encontramos e os incentivamos a começar a estudar. Também falamos com seus pais. Às vezes, eles nos ouvem e os filhos começam a ir à escola.

Estou feliz por Malala poder continuar estudando. Quando soube que ela escreve um diário, eu também adquiri um diário e agora escrevo nele todos os dias".
Asma, 14

Educação proporciona mais empregos

"É bom ter educação. Assim, a pessoa pode escolher entre mais empregos. Gosto de ciências e quero ser médica. Todos têm o direito de ir à escola.

Malala é do Swat. Ela quer ter educação, e acha que todas as meninas devem ter direito a isso. Por esse motivo, ela foi baleada. Ela é importante e boa. Na nossa região também é difícil às vezes, como no Swat. Nós também queremos educação, mesmo que aqui também seja perigoso. Às vezes, tenho que faltar à escola, embora não queira ficar afastada".
Sheila, 11



corajosas

Lutam pelas outras

"Nós que podemos ir à escola sabemos que também temos responsabilidade para com as outras. Na área onde eu moro, há muitas meninas que vêm de famílias pobres, e ninguém se importa em mandá-las para a escola. Às vezes, é suficiente que eu converse com as meninas, mas às vezes tenho que ir conversar com seus pais. Isso possibilitou que muitas delas estejam na escola agora.

Temos muitos problemas em nossa região, talibãs, bombas e meninos desagradáveis que gritam coisas estúpidas para as meninas que vão à escola. Eu decidi que quero ter educação e, por isso, tenho que ir para a escola, mesmo quando o caminho é difícil. A educação é uma luz, quando começa a acender ela se espalha. Queremos ter essa luz em toda a região onde eu moro e em todo o nosso país.

Malala é muito corajosa. Eu penso exatamente como ela, e quero que todos tenham educação. Todas as meninas têm direito à educação. Eu estou feliz porque pude ir a uma escola onde aprendi como posso lutar por outras pessoas. Não se pode falar sobre Malala em todos os lugares, muitos são contra ela e contra a educação para as meninas, mas somos muitos lutando, como ela faz".
Sofia, 15

Educação desenvolve nosso país

"Todos têm direito à educação, exatamente como eu tive. Somente quando todos tiverem educação nosso país poderá se desenvolver. Nem todos sabem disso, por isso temos que explicar e lembrar. Eu converso com nossos vizinhos e com outras pessoas que vivem em nossa região, e muitos deixaram seus filhos começar a estudar.

Para mim, é muito importante que todos recebam educação, e tento incentivar aqueles que começaram a continuarem e se dedicarem aos estudos. O triste é que muitas meninas nunca podem sair de casa e não podem ir à escola. Isso me deixa muito triste. Educação para todos é o nosso objetivo; por isso, mesmo que às vezes tenhamos medo e saibamos que muitas pessoas falam mal de nós, nós escolhemos a educação e vamos continuar lutando! Malala é como nós, ela é nosso exemplo".
Rainaz, 14

Pais são responsáveis

"A educação é necessária para que nosso país se desenvolva. Os pais são responsáveis por garantir que todas as crianças vão à escola. Onde eu moro, todos têm medo dos talibãs e temem que as bombas nos machuquem. A última vez que isso aconteceu foi há poucos dias. Muitos não se atrevem a sair quando há turbulência. Eu prefiro ir e tentar, mesmo estando com medo. Minha família também fica com medo e esperando que eu volte para casa.

Malala é tão corajosa. Eu a admiro. Ela escreveu um diário sobre os talibãs; isso os deixou com raiva, e eles a balearam".
Manoor, 14

TEXTO & FOTOS: BRITT-MARIE KLANG

As meninas sonham com Milhares de

Por milhares de anos, tijolos eram feitos com as mãos. Atualmente, em muitas partes do mundo, tijolos são fabricados por máquinas. Porém, no Paquistão, muitas famílias ainda lutam em condições análogas à escravidão, fabricando tijolos com as mãos. A dívida da família com o proprietário da olaria obriga a continuação do trabalho, de pais para filhos. A escravidão é proibida no Paquistão. Mas os poços de argila ainda são uma realidade diária para muitas crianças escravas por dívida que, na verdade, deveriam estar na escola.

Os pais dizem não

"Trabalhamos juntos na minha família. Pouco depois do nascer do sol, vamos para a olaria. Afsana mistura argila e água para dar a consistência certa e leva o barro em um carrinho para nós. Faço tijolos colocando-os em longas filas. Os tijolos então são contados e pagos de acordo com a quantidade de tijolos que fizemos. Se eu não tiver uma educação, vou trabalhar por toda a minha vida na olaria. Isso seria horrível".

"Eu também quero ir à escola. Meu pai diz que não. Também pedi à minha mãe, mas ela também diz não. Nossos pais não se preocupam com a educação. Porém, eu sei que temos que trabalhar. A menos que todos na família trabalhem, não temos dinheiro suficiente. Se alguém da família fica doente, isso reduz a nossa renda, e precisamos comprar comida todos os dias".

Samina, 13, e Afsana, 12

Samina

Afsana

Quer fundar sua própria escola

"Toda a minha família trabalha junta, até minhas cinco irmãs e meu irmão mais novo, que tem cinco anos. Nós vamos para a olaria no início da manhã. Às treze horas, nós, meninas, vamos para casa juntas e cuidamos das tarefas domésticas. Também costumamos brincar no período da tarde, geralmente, esconde-esconde.

Meu sonho é ir à escola todos os dias. Quando tiver aprendido bastante, vou fundar minha própria escola, onde eu possa ensinar outras crianças e ter uma renda. Mas provavelmente é apenas um sonho. Por isso, também penso que só quero ficar em casa, sem trabalho, nunca ir a nenhuma olaria, apenas trabalhar em casa. Mas precisamos do dinheiro. Às vezes, meus pais não têm condições de comprar farinha para fazer o pão chappati".

Nosheen, 11

Pensa na escola o tempo todo

"Eu trabalho na olaria, mas não é o que eu realmente quero, se pudesse decidir. O trabalho é muito pesado. Todos os dias, chego em casa exausta. Meu corpo todo dói. Em casa, sou responsável por tarefas domésticas junto com minha irmã.

Pedi a meu pai para começar a escola, mas ele recusou. Eu sonho saber ler, escrever e calcular. Todos os dias eu penso em como encontrar uma maneira de obter educação.

Gosto de assistir TV, principalmente filmes indianos sobre o amor. Agora mesmo, vi um filme sobre uma mulher que morre, mas sua alma não vai para o céu; permanece na terra e perturba o homem".

Rubina, 12

Só quer sentar

"Saímos de casa logo cedo e temos que caminhar uma hora até a olaria. Eu carrego o barro pesado e depois o moldo em blocos que se encaixam nos moldes. Todos devem ter exatamente o mesmo tamanho, sem rachaduras e buracos. À noite, voltamos pelo mesmo longo caminho para casa, e então tenho todo o trabalho da casa. Lavar, limpar, tirar o pó, lavar pratos, cozinhar. Nunca termina. Às vezes sonho poder ficar sentada em casa durante todo o dia sem trabalhar. Apenas sentada.

Eu sempre sonho poder ir à escola, mas sei que isso é impos-

TEXTO & FOTOS: BRITT-MARIE KLANG

outra vida

tijolos, mas sem escola

sível. Se eu tivesse frequentado a escola, tudo teria sido diferente. Eu teria evitado a olaria, saberia ler e escrever e depois ensinaria outros em nosso bairro. Eu e toda minha família teríamos outra vida.

Meninos e meninas fazem o mesmo trabalho na olaria, embora os meninos trabalhem mais horas por dia. Nós, meninas, vamos para casa e fazemos trabalhos domésticos. Muitas vezes vemos para a TV à noite. Meu programa favorito se chama Bullbulle e é sobre adultos que fazem coisas como as crianças realmente as fazem".
Samina, 14

Minha vida pode melhorar?

"Eu sempre sonhei em ir à escola, mas sempre tive que trabalhar. Trabalho de manhã cedo até tarde da noite. Tudo na olaria é muito pesado. Sempre me sinto quente e cansada. Minhas pernas incham e eu fico totalmente empoeirada. Quando chego em casa, estou exausta e ainda tenho que limpar a casa, lavar os pratos e fazer pão chapati. Quando penso sobre como minha vida é, eu apenas fico triste. Fico pensando porque as coisas são tão difíceis para mim, e se elas podem melhorar.

Acho que as vidas de meninos e meninas são bastante semelhantes quando trabalhamos na olaria. Mas só lá. Os meninos não fazem trabalhos domésticos, e não precisam pedir permissão para sair. As meninas sempre precisam fazê-lo.

Eu sonho com outra vida. Consegui um livro para aprender a contar. Eu aprendi a contar o dinheiro. Um dia quero ser uma mulher de negócios e poder deixar esse trabalho pesado".
Uzma, 15

No tear, sonha com a escola

Nunca está realmente feliz

"Não há emprego para nossos pais aqui no deserto. Então eu tenho que ajudar minha família. Todos os quatro irmãos podem ir à escola. Eu teço tapetes junto com minhas irmãs. Comecei quando eu tinha quatro anos. Após o desjejum, de manhã bem cedo, eu começo a tecer. Eu teço e teço até a hora de preparar o almoço e comer com a família. Depois, continuo tecendo até anoitecer.

Sempre sonhei poder começar a ir à escola. Já pedi aos meus pais muitas vezes, mas eles só respondem: Você precisa tecer tapetes. É a nossa renda. Eu não sei muito sobre a escola, não sei que diferença faria para mim, mas eu, pelo menos, gostaria de saber. Realmente quero ir à escola. Eu não gosto nem um pouco de tecer tapetes. Acho que nunca estou realmente feliz. O trabalho no tear sempre continua e continua.

Meus irmãos frequentam a escola. Quando estão livres, eles podem brincar. Nós, irmãs, trabalhamos no tear e nos afazeres domésticos. Meus irmãos nunca fazem nada. Meninos e meninas são tratados de forma muito diferente aqui.

Há alguns meses, houve um incêndio na nossa aldeia, foi a experiência mais terrível que eu já tive. Muitas casas foram destruídas, inclusive a nossa, e nosso painel solar foi danificado pelo fogo, de modo que não podemos mais usá-lo. Não foi possível parar o fogo. Temos tão pouca água. Há um corpo de bombeiros, eles chegaram duas horas e meia depois, e não puderam fazer nada. Tudo já estava queimado".

Roshni, 14

A areia do deserto entra no couro cabeludo e na roupa das meninas. O calor e o pó de lã tornam o ar pesado de se respirar. Uma voz monótona descreve o padrão do tapete. Dedos rápidos de crianças encontram a cor certa e tecem rapidamente segundo as instruções do padrão. Ponto após ponto após ponto.

Na maioria das vezes, são meninas que trabalham nos teares. Quando as meninas que vivem no deserto se casam, elas se mudam para a casa da família do marido, em outra aldeia. Os meninos ficam. Eles têm a responsabilidade de cuidar dos pais quando estes envelhecem. É melhor se concentrar na educação dos meninos, dizem muitos pais. As meninas devem tecer tapetes e contribuir para o dote e a renda familiar.

Enquanto as crianças tecem, uma voz monótona descreve o padrão do tapete. As crianças encontram a cor e tecem rapidamente o padrão segundo as instruções.

TEXTO & FOTOS: BRITT-MARIE KLANG

Tece sete dias por semana

"Teço tapetes desde que eu era muito pequena, faz pelo menos oito anos. Eu pude frequentar a escola durante alguns anos, mas na nossa aldeia não é possível ir à escola após o quinto ano. Eu não gosto de tecer tapetes. É tedioso, e o corpo todo dói depois de um dia no tear. Trabalho na tecelagem de tapetes de manhã à noite, geralmente, sete dias por semana. Eu queria ter podido continuar a frequentar a escola. Eu comecei a aprender, mas quero aprender mais. Geralmente, são as meninas que têm que trabalhar, os meninos são livres para brincar".
Lathmi, 14

Não quer pensar em trabalho

"Trabalho com tapetes desde que eu era muito pequena. Eu não gosto e só não quero pensar que vou continuar fazendo isso. Eu sonho em poder frequentar a escola. Então, eu poderia conseguir um emprego de verdade. Existe uma escola aqui na aldeia. Meus irmãos vão à escola, então eu também deveria poder ir. O professor dos meninos vem todos os dias. Há uma professora para as meninas, mas ela não vem, e então as meninas não podem ir. É mais fácil para os meninos. Eles podem estudar com o professor que vem".
Seeta, 15

Nada mais me deixa feliz

"Eu frequentei a escola por dois anos, mas tive que parar porque não havia professores do sexo feminino. Eu gostava muito de ir à escola e foi uma grande tristeza para mim quando tive que parar. Eu queria continuar, mas não tive escolha. Fui obrigada a trabalhar. Não tenho educação suficiente para outro tipo de trabalho e, portanto, não há nada com que eu possa sonhar.

Meu irmão vai à escola e eu fico sentada aqui tecendo tapetes. Não temos os mesmos direitos. Quais são os meus direitos?

Os meninos são livres para brincar

– Geralmente, são as meninas que têm que trabalhar, os meninos são livres para brincar, diz Lathmi.

Tecer tapetes não é um bom trabalho, mas não há mais nada que eu possa fazer. Não sei se ainda há alguma coisa que me faça feliz. Provavelmente sou mais feliz quando eu como. Três vezes por dia, eu como. Nesses momentos, pelos menos eu não tenho que me sentar no tear!"
Roshni, 15

Gostamos de Malala

"Todo o

Malala está certa

"É importante que as meninas sejam educadas. Quando eu procuro um trabalho, é melhor para mim se eu tiver educação. Posso conseguir um emprego melhor depois. Quando posso ler livros, eu sempre aprendo coisas novas. Estou feliz por poder ir à escola.

Malala trabalhou para que as meninas pudessem ir à escola. Ela está certa. Todas as meninas devem ser educadas. É importante que todos saibam disso".

Sadia, 12

Conhecimento é luz na vida

"O conhecimento é como a luz da vida. Quando eu tenho educação, há mais empregos para escolher. Meu sonho é tornar-me uma professora tão boa quanto minha própria professora. Ela ensina muito bem. Meus pais nunca tiveram educação. Estou contente por ter essa chance.

Malala estava certa quando ela continuou a ir à escola, apesar de ter sido ameaçada. Ela é muito corajosa".

Amina, 15

Educação para a vida

"É bom ter educação. Eu aprendo muito na escola, tanto o que é bom quanto o que é ruim. A educação é sobre a vida.

Malala é tão especial. Eu não conheço ninguém que seja tão valente e que conseguiria fazer isso que ela faz".

Fauzia, 13

Malala é muito forte

"Com educação, eu entendo muito mais da vida. Meninos e meninas têm vidas diferentes. Meus irmãos podem brincar em casa e na escola. Eu só posso brincar na escola. Minha mãe diz que eu posso brincar na rua, assim como meus irmãos, mas não quero. Nenhuma outra menina faz isso.

Malala queria ir à escola, mas nem todos gostaram. Ela foi ameaçada, mas foi assim mesmo. Então, atiraram nela.

Ela é muito forte e não perdeu a luta. Ela quer que todas as meninas no Paquistão vão à escola. Ela está certa".

Amna, 12

Reza por Malala

"A educação é importante para as meninas. Eu tenho um ótimo professor, gosto muito de minha escola. Aprendi a ler tão bem, que agora também posso ler em casa.

Malala é uma pessoa muito boa, porque ela apoia a educação das meninas. Ela foi atacada por terroristas, mas Deus deu-lhe uma nova vida. Eu rezo por ela todos os dias, para que ela consiga continuar".

Zeenat, 12

Insignificante sem educação

"Estou no quinto ano, mas quero continuar estudando. Meu ideal é ser professora, mas às vezes acho que talvez prefira trabalhar na área da saúde. Se eu não tiver educação, não posso fazer nada da vida. Ela fica sem sentido.

Malala é tão corajosa que ousou ir à escola, mesmo quando foi ameaçada".

Razia, 15

Quer ser educada

"Gosto de ir à escola e quero ser educada. Meu sonho é ser professora. Minha professora é muito bondosa e bonita. Eu quero ser como ela.

Malala escreveu sobre os estudos das mulheres, que elas devem estudar, por isso, ela foi baleada por aqueles que acham que as mulheres devem ficar em casa. Ela é muito corajosa!"
Amna, 15

Quero aprender mais

"Eu sonho poder estudar mais. Tive que sair depois do quinto ano, mas quero continuar. Vejo que as outras crianças continuam sua educação. Eu quero aprender mais. Há tantas coisas que não sei. Idealmente, eu quero ser professora.

Eu gosto de Malala. Ela luta para que as meninas recebam educação".
Shamim, 16

TEXTO & FOTOS: BRITT-MARIE KLANG

nosso país será educado!"

Mulheres educadas desenvolvem a sociedade

"É muito importante que as mulheres recebam educação. Ter mulheres educadas significa muito para a forma como uma sociedade se desenvolve. Mulheres educadas sabem que elas também têm direitos. Elas exigirão seus direitos e os disseminarão para outras.

Malala sabe que todas as meninas têm direito à educação. Aqueles que não gostam disso tentaram assassiná-la. Mas Alá a salvou e ela recuperou a saúde".
Warda, 15

Pode ajudar os pais

"Meus pais não sabem ler e escrever. Se eu tiver uma educação, posso ajudá-los. Meu sonho é ser policial. Eu vi policiais femininas na TV, e elas eram boas pessoas.

Vi Malala na TV, e quando ela fez um discurso sobre educação em sua sala de aula. Eu gosto muito dela".
Asma, 13

O país inteiro será educado

"É importante que as meninas recebam educação. Estou aprendendo a ler e escrever, e muitas outras coisas sobre as quais, de outro modo, eu não saberia.

Malala quer ter uma educação, mas ela também quer que todas as meninas no Paquistão recebam educação e que todo nosso país torne-se um país educado. Ela escreveu um diário sobre os talibãs e a situação das meninas. Ela foi atacada por terroristas. Ela é muito corajosa, um exemplo importante para todas nós".
Aisha, 12

Trabalho doméstico o dia todo

No Paquistão, uma menina deve saber cuidar de tudo em uma casa. Varrer, limpar, cuidar dos irmãos mais novos, lavar pratos, lavar roupa, fazer chá e cozinhar. Meninas que trabalham em olarias, na agricultura, tecendo tapetes, ou separando e coletando lixo têm dias longos e difíceis. Mas elas também têm o trabalho doméstico ao chegarem em casa. Muitas meninas trabalham nas casas de outras pessoas. Na maioria das vezes, a menina fica sozinha com seus empregadores, é mal paga e não tem coragem de reclamar se for maltratada.

Serviço doméstico dentro e fora de casa

"Trabalho em casa desde que posso me lembrar. Eu frequentei escola, mas não pude continuar por mais tempo. Era muito divertido e emocionante aprender coisas novas. Quero muito continuar a estudar, mas eu não tenho permissão. Agora faço tarefas domésticas o dia inteiro, em casa e fora. Todos os dias da semana".
Rafia, 10

Estudaria o dia todo

"Eu trabalho nas casas de outras pessoas. Eu preferiria ir à escola, mas meu pai diz que não é justo que eu deixe as casas onde trabalho para ir à escola. Muitas vezes sonho em poder começar a estudar, mas a tradição em nossa aldeia aqui no Baluchistão não permite isso. Se eu pudesse decidir, escolheria uma vida que me desse liberdade de ir à escola. Eu não trabalharia nas casas de outras pessoas um dia sequer, mas iria à escola e estudaria o dia todo!"
Fareeda, 14

Nenhuma menina da aldeia de Fareeda pode aparecer em fotos.

O pai diz não à escola

"Às cinco horas eu me levanto, varro e arrumo a casa e preparo o desjejum para a família. Depois, vou para a casa da família onde trabalho. Lá, eu varro a casa, preparo o desjejum, lavo a louça, lavo o chão, lavo roupa, cuido de crianças pequenas, as lavo e as banho. Depois, é hora de preparar a próxima refeição, lavar os pratos e limpar. Quando chego em casa à noite, continuo com as tarefas domésticas.

Meu grande sonho é ter uma educação. Pedi ao meu pai muitas vezes para ir à escola, mas ele só diz que em nossa família é assim, que essa é nossa tradição e que não quer discutir isso. Todos os meus três irmãos podem ir à escola, brincar e jogar críquete na parte da tarde.

Sou muito triste com o meu trabalho e muitas vezes me pergunto como a minha vida e da minha família seria se eu pudesse ter uma educação. Quero ler livros e saber o que está nos jornais. Acima de tudo, eu sonho ser professora".
Sapna 12

Quer ser médica

"Frequentei a escola por três anos. Depois, tive que começar a trabalhar. Eu ajudo em tudo que minhas patroas pedem. Ficaria muito feliz se pudesse voltar para a escola. Agora, parece que terei que trabalhar em casas por toda a minha vida. Idealmente, eu queria ser médica ou profissional de saúde, mas muitas vezes não há dinheiro suficiente para alimentar a família. É por isso que eu tenho que trabalhar".
Shumaila, 13

TEXTO & FOTOS: BRITT-MARIE KLANG

Vibra o calor do verão. São quase 50 graus Celsius. Crianças e adultos arrastando grandes sacos de plástico atrás de si retornam à sua pequena aldeia. Eles vasculharam bloco após bloco em busca de lixo que pode ser vendido. As casas baixas com paredes de graveto e pedaços de plástico e de metal no teto são cuidadosamente varridas, limpas e refrescadas. Em volta da pequena vila há grandes pilhas delimitadas de lixo não separado. Cada família tem sua pilha para cuidar.

Não há escola na aldeia do lixo

Escola não é para mim

"Eu sou a única menina da minha família e divido a responsabilidade das tarefas domésticas com minha mãe. Também recolho lixo e posso juntar quatro quilos em um dia. Às vezes eu me machuco. Pode haver partes afiadas, vidro quebrado, seringas e agulhas no meio do lixo. Neste caso, eu lavo a ferida e faço um curativo.

Eu pedi a meu pai para começar a escola. Ele disse que não é possível, porque ele perdeu sua carteira de identidade na última inundação. Na verdade, eu sei que tenho que trabalhar. A escola não é para mim. Embora meu sonho seja ser médica ou trabalhadora da saúde".
Asma, 10

Um comprador num caminhão amarra apertado grandes sacos de lixo separado na plataforma, e os vendedores contam seu dinheiro.

Erva daninha ve
da escola

Durante todo o ano, as meninas removem ervas daninhas de longas fileiras de plantações como trigo, algodão e pimenta.

– Quando terminamos, as ervas daninhas do início da fileira já recomeçaram a crescer, e temos que começar tudo de novo, suspira Chanda.

Quando não estão trabalhando nos campos, as meninas buscam água, cuidam da casa e consertam as casas de barro. Não há tempo para a escola.

Tem que mendigar

"Minha mãe faleceu há sete meses. Ela estava prestes a dar à luz e ficou muito doente. Levaram-na para o hospital, mas ela morreu ao chegar lá. Minha avó paterna e meu pai recolhem lixo durante todo o dia. Eu mendigo. Eu não queria fazer isso, mas fui obrigada quando minha mãe morreu. Eu peço 'me dê um pão, pelo amor de Deus'. Às vezes consigo algumas moedas; a maioria das pessoas passar sem me ver.

É claro que quero ir à escola, mas não é possível. Eu tenho que cuidar de meus irmãos mais novos. Nem adianta pedir".
Seema, 11

Escola é só uma esperança

"Eu me casei no ano passado com o meu primo e mudei-me para sua casa. O casamento foi especial. Vesti belas roupas vermelhas com um grande xale vermelho, e veio muita gente. Tivemos uma festa e boa comida. Alguns deram presentes, tecido ou roupas.

Eu tenho um marido tão bom. Ele não me bate, mas fica com raiva se a comida não está pronta quando ele chega em casa. Meu marido recolhe lixo. Como sou casada, eu não saio nas ruas. Quando ele chega em casa, eu separo o lixo. Minha sogra também recolhe lixo, e meu sogro é mendigo.

Recebi educação religiosa na casa de uma vizinha quando eu morava com meus pais, e sei metade do Alcorão de cor. Eu também gostaria de frequentar a escola. Quando pedi ao meu pai, ele disse que era impossível. Se eu tivesse uma educação, acho que teria uma vida melhor. É apenas uma esperança. Eu não sei como seria. O futuro provavelmente será parecido com minha vida atual.

Fico feliz quando estou com meu marido e nós sentamos e conversamos. Não temos TV, mas há uma na vila e às vezes eu vejo".
Razia Bibi, 15

Todos na TV têm educação

"Quando não estou trabalhando nos campos, eu cuido de nossa casa ou trabalho na casa de alguém. Eu sonho em ir para a escola. Se eu puder pagar, também vou para Cumpri estudar. Meu maior sonho é ter uma educação. Na TV, todos são muito educados, famílias inteiras, todas as famílias. Há uma TV na nossa aldeia. Nem todos podem ir lá assistir, mas eu posso. Eu quero ser como Sania. Ela é casada com Sutley, o herói do meu drama favorito na TV".
Mumal, 13

m antes

A única menina na escola

"Estou matriculada na escola na cidade mais próxima. Este ano eu passei nos exames do segundo ano e recebi meus livros para o terceiro ano. É muito longe para caminhar, e tenho que pegar o ônibus para a escola. O ônibus não passa todos os dias. Eu fico muito desapontada quando espero e ele não vem. Eu quero aprender mais, mas, nessas ocasiões, não é possível. Todos os dias eu espero o ônibus e fico muito feliz quando ele chega".
Mavi, 10

Mavi é a única menina da aldeia que frequenta a escola. Ela viaja com o irmão e seus colegas de classe. Ela mostra orgulhosa o livro para o terceiro ano, encapado com papel costurado com linha, para se manter bonito o ano todo.

Sem intervalo nem descanso

O longo dia de trabalho de uma menina numa propriedade agrícola:
Prepara o desjejum
Lava a louça
Varre
Limpa o recinto dos animais
Trabalha no campo
Alimenta os animais
Busca água
Prepara o almoço
Lava a louça
Trabalha no campo
Prepara o jantar
Arruma as camas para a noite

Meu maior sonho

"Eu nunca fui à escola. Não há escola aqui, mas se houvesse, eu a frequentaria. Eu realmente não sei o que eles fazem lá, mas, se eu fosse, aprenderia a entender os jornais. Na verdade, meu maior sonho é poder ir à escola, mas estou velha demais para isso".
Chanda, 12

Sonha com a escola

"Eu sonho um dia poder ir à escola, mas eu sempre tenho muitas coisas a fazer em casa e nos campo. Mesmo assim, eu sonho sobre como seria se eu realmente pudesse ir. As meninas não têm os mesmos direitos que os meninos na nossa aldeia. Os pais gostam mais dos meninos, que vão ficar com eles ao longo de suas vidas. Nós, meninas, nos mudamos para outra casa quando nos casamos".
Dema, 13

TEXTO & FOTOS: BRITT-MARIE KLANG

Zahida foi vendida

"Eu tinha apenas 14 anos quando me casei. Meus pais são muito pobres e quando lhes ofereceram 100.000 rúpias (950 dólares americanos) para que eu me casasse, eles logo decidiram que haveria casamento.

Ninguém me perguntou. Eu fiquei completamente inconsolável. Eu chorava copiosamente. Fugi de casa e me escondi com a família de um tio. Eles sempre foram muito bons para mim. Meus pais suspeitaram que eu tivesse fugido para lá, e logo vieram atrás de mim. Eles ficaram muito bravos comigo, me espancaram e disseram que aquilo não era algo que eu podia decidir.

Meu marido e meus sogros não estão satisfeitos comigo. Eles reclamam o tempo todo, e meu marido me espanca quando algo está errado.

Inicialmente, fiquei com muita raiva de meus pais, mas eles são pobres e precisavam do dinheiro. Eu os perdoei e agora fico muito feliz quando eles vêm me visitar. Tenho permissão para ver meus pais, embora meu marido fique bravo quando eles vêm ou quando vou visitá-los. Não posso mais encontrar minhas amigas, e elas não podem me visitar. Sinto falta disso.

Não existe nenhuma possibilidade de educação para mim. Parece que minha vida acabou. Nenhum pai ou mãe pode fazer isso com suas filhas. Meninas não devem se casar até que sejam adultas. É responsabilidade dos pais proporcionar uma vida digna às meninas".

Professores não se importavam

"Eu pude frequentar a escola, mas não aprendi a ler, escrever ou contar. Eles apenas me passavam para a próxima aula, a próxima e a próxima. Sei escrever meu nome, mas é só. Quando minha mãe ficou doente e precisou de ajuda em casa, tive que sair da escola. Quando ela se recuperou, tive que começar a costurar bolas de futebol com ela.

Os professores não se importavam comigo. Eles não me enxergavam. É claro que quero ter uma educação. Meus pais nunca foram à escola, portanto não puderam me ajudar. Agora terei ajuda através do meu trabalho com bolas de futebol para aprender a ler e escrever. Todos os dias, terei algumas horas livres e receberei educação.

Malala quer que as meninas tenham direito à educação. É ótimo ela lutar pela educação das meninas. Precisamos que mais pessoas o façam".

Fatima, 16

Fátima costura bolas de futebol, mas agora também receberá educação.

TEXTO & FOTOS: BRITT-MARIE KLANG

Você t

– Você também vai se casar, Perveen! É justo que você e Yasmeen se casem ao mesmo tempo. Encontramos um homem que serve para você. Casamentos são caros, e será mais barato se os casamentos de vocês forem juntos.

Perveen fica chocada quando sua mãe diz que ela vai se casar ao mesmo tempo em que sua irmã mais velha.

"Eu tinha onze anos. Não queria me casar e não tinha conhecido meu futuro marido. Sentia-me confusa. Dois dias antes do casamento, uma parente mais velha me disse quais eram minhas responsabilidades. Viver com o homem, dia e noite. Fiquei muito assustada e tentei dizer à minha mãe que eu não queria me casar. Ela respondeu apenas: Você deve obedecer, todas as meninas se casam, e agora é a sua vez!

Ficou inconsolável

Eu não podia protestar. Meninas devem ser obedientes quando os familiares mais velhos decidem. Ninguém perguntou o que eu queria.

em que se casar!

Perveen se casou quando tinha onze anos, e nunca pôde ir à escola.

Procissão nupcial, com músicos e percussionistas, a caminho da casa da família do marido.

Minha irmã mais velha Yasmeen, que então tinha treze anos, conhecia seu futuro marido. Eles haviam conversado e gostado um do outro. Ela estava feliz.

O casamento foi preparado durante muitos dias. As meninas de nosso bairro, amigas e vizinhas, cantaram para nós e nos deram henna. Eu só sentia medo e queria desaparecer, mas não sabia para onde poderia fugir. Nós, meninas, devemos parecer tristes quando nos casamos. Caso contrário, todos dizem que não estamos satisfeitas com nossa casa e nossos pais, de quem nos afastamos ao nos casarmos. Ninguém se preocupou com meu desespero nem percebeu que era de verdade.

Nunca foi boa o bastante

No dia do casamento, nos banhamos pela manhã e preparamos uma sobremesa tradicional, kir, que é feita com arroz, açúcar, leite e amêndoa. Depois, vestimos roupas vermelhas novas e colocamos joias de prata novas, que recebemos de nossos futuros sogros. Por fim, calçamos sapatos vermelhos novos. Nossas amigas pintaram belos desenhos de henna em nossas mãos.

O casamento foi em nossa casa e, à noite, fomos na companhia de nossos familiares para as casas dos sogros, que também se tornaram nossas novas casas. Eu estava assustada e chorosa, queria apenas ficar com minha mãe.

Agora eu trabalharia em casa, junto com minha sogra. Eu sempre me sentia vigiada. Fazia o melhor que podia, mas a minha sogra e as irmãs do meu marido nunca estavam satisfeitas. Elas reclamavam de mim, faziam caretas e suspiravam alto sobre tudo que eu tentava fazer.

Escola para a Vida

Alguns meses depois, meus sogros de repente me deixaram na casa de minha mãe e, depois, o resto da família, inclusive meu marido, foi para a grande cidade de Karachi. Meu marido tinha um problema com drogas. Há um ano, ele voltou para mim. Ele não usa mais drogas. Agora nós dois moramos com minha mãe. Eu continuo trabalhando com a minha mãe em casas diferentes. Meu marido às vezes consegue trabalho.

Nunca fomos à escola. Eu via crianças que iam à escola. Então, eu também queria ir, mas tivemos que ajudar minha mãe a ganhar dinheiro quando meu pai morreu de tuberculose. Se tivesse podido frequentar a escola, teria aprendido mais sobre a vida e talvez nossas vidas pudessem ter sido diferentes.

Bandeja com o que é necessário para a cerimônia de henna no dia do casamento.

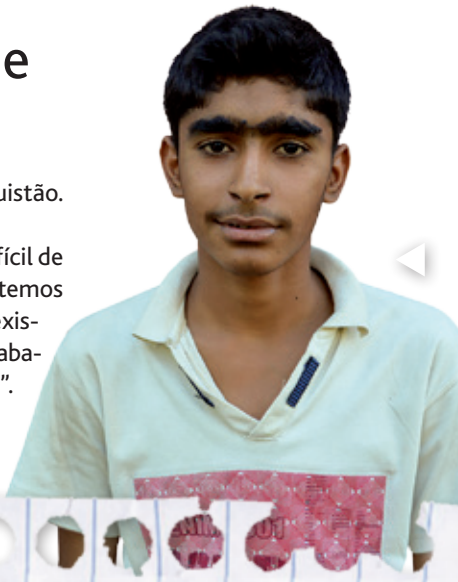
Quando a pintura de henna está pronta, ela é lavada e muda de cor.

A noiva espera para ser levada para a família do marido.

Meninos sobre os direitos

Votar pela igualdade de direitos das meninas

"Meninos e meninas têm vidas diferentes no Paquistão. Acho que deveríamos ter os mesmos direitos. Atualmente não é assim, e isso pode ser muito difícil de mudar. Precisamos conversar sobre isso e depois temos que votar, se quisermos mudar as injustiças que existem hoje. Precisamos votar em bons líderes que trabalhem para eliminar a injustiça da nossa sociedade".
Baber, 12



Começar a discutir isso na escola

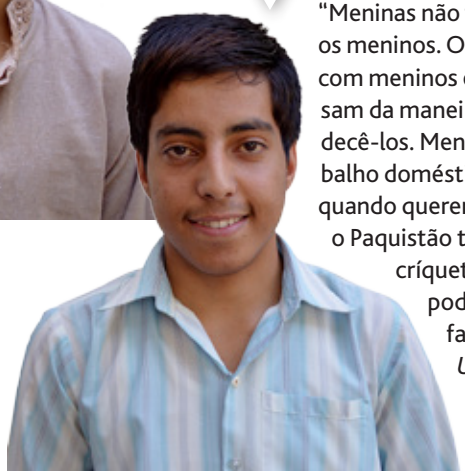
"Todos devem ter os mesmos direitos, o direito de ir à escola e o direito de brincar. Não é assim. É particularmente injusto para as meninas. Elas não podem brincar ao ar livre em nossa sociedade. É difícil mudar. Os pais nem sempre são educados e aprenderam com seus pais que as meninas não devem sair. Isto significa que não há proteção para as meninas na sociedade. As meninas que saem são maltratadas na rua. Eu acho isso errado. Nós temos que ter o mesmo respeito por todos. A sociedade pode mudar isso. Deve ser importante falar sobre isso na escola. Isso não acontece agora".
Nazar Abbas, 15

Melhor se for igual

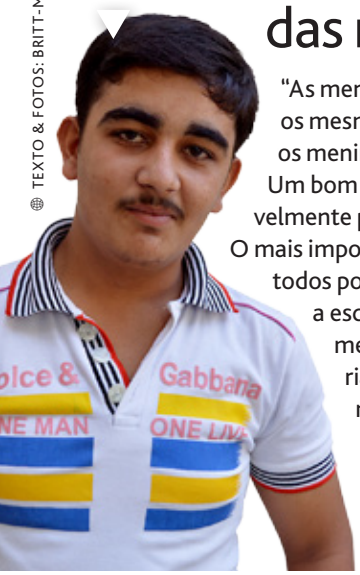
"Aqui, meninos e meninas não têm os mesmos direitos. Os meninos têm permissão para sair e fazer coisas diferentes. Meninas não podem fazê-lo. Eu acho que professores e pais deveriam pensar sobre isso. Seria melhor se fosse a mesma coisa".
Haseeb, 12

Pais pensam de maneira antiga

"Meninas não têm os mesmos direitos que os meninos. Os pais não agem igualmente com meninos e meninas. Nossos pais pensam da maneira antiga, e temos que obedecê-los. Meninos não podem fazer o trabalho doméstico, meninas não podem sair quando querem e como querem. Eu sei que o Paquistão tem uma equipe feminina de críquete, mas minha irmã nunca poderia fazer parte dela. Minha família não gosta disso".
Umer Altaf, 15



Colaborar pelos direitos das meninas



"As meninas deveriam ter os mesmos direitos que os meninos, mas não têm. Um bom governo provavelmente pode mudar isso. O mais importante é que todos possam frequentar a escola, meninos e meninas. Eles deveriam ter os mesmos direitos em casa também, mas, para isso, a escola e a família devem cooperar mais".
Ali Usama, 15

Muitos devem cooperar

"Meninos e meninas devem ter o mesmo direito à educação. Não devemos ir às mesmas escolas, mas as escolas devem ter a mesma qualidade. O governo deve assumir a responsabilidade e fazer algo com recursos extras. Muitos devem cooperar, uma pessoa sozinha não pode fazer a diferença. Meninas são melhores em tarefas domésticas. As meninas também devem ter permissão para jogar críquete. Eu permitiria que minha irmã o fizesse".
Said-ur-Rehman, 14

TEXTO & FOTOS: BRITT-MARIE KLANG

das meninas no Paquistão

Difícil de mudar

"Não deveria haver nenhuma diferença entre os direitos de meninos e meninas. A diferença são os purdos, que meninas têm que se cobrir. Se uma menina que não se mostra pode ir à escola, ela pode se cobrir quando estiver fora e estudando, ou onde quer que ela deseje. Meninas devem ficar com meninas. Nós temos regras diferentes na sociedade. Se um irmão determinar que uma irmã deve ficar em casa e não sair, então ela deve ficar em casa. É difícil de mudar".
Wahab Gul, 16

Deveria ser igual, mas...

"Na minha região, temos os mesmos direitos. Nós temos o mesmo sistema de ensino e recebemos a mesma educação. Deveria ser igual, mas às vezes não é. Então, temos que obedecer aos nossos pais. Nossos pais não são iguais a nós. Temos regras diferentes. Eu acho que isso é bom, porque temos uma cultura onde as mulheres têm problemas quando estão fora".
Sajjad, 10

Deve ser como sempre

"Meninos e meninas devem ter trabalho e responsabilidades na nossa sociedade. Na minha aldeia, as meninas trabalham mais em casa e os meninos trabalham mais na olaria. Eles fazem coisas diferentes. Talvez isso devesse mudar, embora eu ache que deveria ficar como sempre foi. Acho que isso é o melhor".
Waksa, 11

Nós, jovens, temos que falar com as famílias

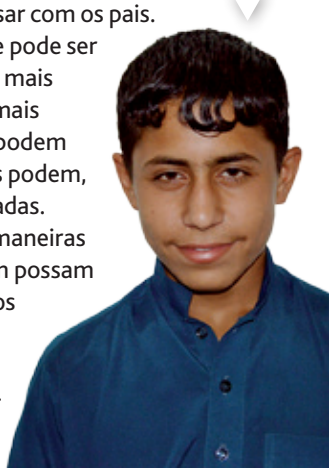
"Meninos e meninas têm o mesmo direito à educação, isso é responsabilidade dos pais. Nós, que somos jovens, também somos responsáveis, precisamos falar com as famílias que não o fazem. Temos que dar o exemplo para que aqueles que se recusam a dar os direitos de suas meninas e, especialmente, o direito à educação, sintam-se tristes. Meninas são capazes de fazer tudo o que meninos fazem, por exemplo, jogar críquete, mas elas não podem fazê-lo abertamente na rua, se não, elas são maltratadas".
Ubaid Ullah, 13

Devem ter regras e direitos iguais

"Meninas e meninos devem ter o mesmo direito à educação e as mesmas regras em casa e na escola. Deve haver mais professoras se todas as meninas devem ser educadas. Elas não podem ter professores do sexo masculino. Onde vivemos, as meninas não podem sair sem proteção. Elas são maltratadas na rua. Se eu tivesse poder, eu designaria áreas especiais para as meninas, onde teriam proteção. Eu acho que as meninas devem ter direitos iguais, mas meus pais não permitem isso".
Shakeel, 17

Devem ter direitos iguais

"Meninos e meninas têm os mesmos direitos. Isso vale para a educação e para suas heranças. Se as meninas não têm seus direitos respeitados, as pessoas que vivem na região devem conversar com os pais. Essa responsabilidade pode ser assumida tanto pelos mais jovens quanto pelos mais velhos. Meninas não podem sair como os meninos podem, pois elas são maltratadas. Temos de encontrar maneiras para que elas também possam fazer o que os meninos podem, por exemplo, jogar críquete. Elas podem jogar na escola. Elas devem ter os mesmos direitos".
Qadeer, 14



Por que John é nomeado?

Nomeado Herói dos Direitos da Criança • Páginas 18–67

John Wood

John Wood é nomeado ao Prêmio das Crianças do Mundo 2014 por sua luta de 15 anos para o direito das crianças à educação.

John deixou um cargo executivo na empresa Microsoft para realizar seu sonho: combater a pobreza ao oferecer a crianças de todo o mundo a oportunidade de frequentar a escola. John diz que quando as crianças sabem ler e escrever, elas podem se proteger melhor contra o abuso, o tráfico humano e a escravidão, e podem exigir respeito aos seus direitos. John e sua organização, Room to Read, construíram cerca de 1.700 escolas e mais de 15.000 bibliotecas em alguns dos países mais pobres do mundo.

Eles publicaram 874 livros infantis nos idiomas locais e distribuíram quase dez milhões de livros para crianças pobres, que nunca haviam tido acesso a livros. John e a Room to Read dão ênfase especial à educação de meninas e já ajudaram mais de 20.000 meninas pobres a permanecer na escola e conquistarem uma vida melhor. A Room to Read trabalha em Bangladesh, Camboja, Índia, Laos, Nepal, África do Sul, Sri Lanka, Vietnã, Zâmbia e Tanzânia, e já alcançou 7,8 milhões de crianças!

Quando John chegou à escola nos Himalaias e começou a desembalar os livros, foi o caos! Todos queriam ver, folhear e ler.

John Wood abandonou sua carreira na empresa Microsoft para lutar pelo direito de todas as crianças à educação. Sua organização, a Room to Read, constrói escolas e bibliotecas para as crianças mais pobres em dez países, publica livros infantis e luta pela educação e pelos direitos das meninas. John afirma que a educação é a melhor maneira de combater a pobreza.

A história começa em Hong Kong, há 15 anos. John trabalha como alto executivo da Microsoft. Ele viaja por toda a Ásia, participa de centenas de reuniões e trabalha muitas horas por dia. A carreira vai bem, mas, depois de sete anos, John sente-se esgotado.

Ele tira férias para realizar um velho sonho: fazer trilhas pelas montanhas do Himalaia no Nepal, longe dos computadores e do toque dos telefones.

No topo da montanha

Algumas semanas depois, John está em uma pequena casa de chá no topo de uma montanha no Himalaia. Ele caimnhou por várias horas e pede uma bebida ao menino que ajuda a servir clientes. O menino volta rapidamente com uma garrafa. John praticou algumas palavras em nepalês, e diz:

– A garrafa está um pouco "tato" (quente). Você tem uma "Chiso" (fria)?

O garoto sacode a cabeça tristemente. Não há geladeira nas montanhas. Mas, de repente, ele tem uma ideia. O menino corre, descendo a encosta íngreme da montanha em direção ao rio, e coloca a garrafa na água gelada do derretimento das geleiras. John ri e mostra o polegar apontado para cima, e um homem na mesa ao lado ri também.

– Todas as crianças no Nepal são tão inteligentes quanto ele? pergunta John.

– Aqui precisamos ser criativos, já que temos tão pouco,

TEXTO: CARMILLA FLOYD & MARITA LINDQVIST FOTOS: KIM NAYLOR & ROOM TO READ

diz o homem. Seu nome é Pasuphati e ele trabalha para o distrito escolar. No momento, ele está visitando as escolas das crianças montanhesas para descobrir o que lhes falta.

– Falta-lhes quase tudo, ele explica para John. Acompanhe-me amanhã para ver como é.

50 crianças na sala de aula

Na manhã seguinte, John coloca sua pesada mochila, repleta de equipamento de camping caro, nas costas. Pasuphati tem apenas uma pequena pasta e sobe a montanha a passos rápidos. John tem dificuldade de acompanhá-lo, embora seja pelo menos 20 anos mais jovem. No caminho, enquanto o ar fica mais rarefeito à medida que eles sobem, Pasuphati conta que o Nepal é um dos países mais pobres do mundo.

– Quando chegarmos à escola, você verá que somos pobres demais para custear a educação. Porém, sem educação, continuaremos sempre pobres!

John está preparado, mas mesmo assim fica chocado quando lhe mostram o prédio da escola em ruínas. O chão de terra das salas se transformou em lama depois das chuvas recentes. A temperatura é de 40 graus debaixo dos telhados de chapa metálica aquecidos pelo sol. Cerca de 50 estudantes estão amontoados em cada sala de aula. As crianças não têm mesas e sentam-se lado a lado apertadas em longos bancos com seus cadernos no colo.

Quando a Room to Read imprimou seu décimo milionésimo livro infantil, no Vietnã, as crianças fizeram uma cerimônia com John em sua escola!

Biblioteca sem livros

O diretor sugere que eles terminem a visita na biblioteca da escola, e John se enche de expectativa. Ele sempre amou bibliotecas, desde que era pequeno. John era filho único e, às vezes, sentia falta de irmãos com quem pudesse brincar. Então, sua mãe lhe disse: "Se tiver um bom livro, você nunca está sozinho".

Na verdade, cada pessoa

Durante uma caminhada pelas montanha do Nepal, John Wood visitou uma escola pobre que não tinha livros em sua biblioteca. Seis meses depois, ele voltou aos Himalaias com milhares de livros que foram carregados até o topo da montanha por iaques e burros.

John e a Room to Read

- Trabalham em conjunto com o departamento de educação para desenvolver livros didáticos e métodos de ensino melhores.
- Constróem bibliotecas escolares e as abastecem com livros, quebra-cabeças, jogos, móveis coloridos e almofadas que tornam as bibliotecas um dos lugares favorito das crianças.
- Permitem que escritores e artistas locais escrevam e ilustrem novos livros infantis nos idiomas locais, para que as crianças tenham bons livros com os quais possam se identificar. Em muitos desses idiomas, não existiam livros infantis antes disso.
- Constróem ou reformam escolas, para que as crianças tenham salas de aula claras e seguras, onde é fácil aprender.
- Oferecem bolsas de estudo e apoio para meninas que, de outra forma, seriam obrigadas a abandonar a escola para começar a trabalhar ou se casar.

podia emprestar apenas oito livros por semana na biblioteca da cidade pequena de John, mas o bibliotecário e John tinham um acordo secreto. Ele podia pegar doze livros emprestados por semana, desde que não contasse a ninguém!

O diretor abre a porta onde está a placa que diz "Biblioteca". Mas a sala está completamente vazia. Não há prateleiras, cadeiras, mesas nem lâmpadas de leitura. E não há nenhum livro. Em um canto está um pequeno armário.

– Nossos livros são muito poucos e raros. Devemos protegê-los, explica o diretor, enquanto abre o cadeado nas portas do armário. John espera que o gabinete esteja repleto de livros. Mas, há apenas alguns livros de bolso antigos que os turistas deixaram para trás. São livros para adultos em inglês e italiano. Naquele momento, a vida de John muda.

Quando ele está indo embora da aldeia o diretor diz:

– Talvez um dia você possa voltar com alguns livros?

John gosta de viajar e conhecer as crianças alcançadas pela Room to Read, como aqui, no Vietnã.

Um iaque chega carregado

John volta ao trabalho em Hong Kong e começa a telefonar e escrever cartas para todos que conhece em seu país natal, os EUA. Ele pede-lhes que enviem todos os livros infantis que puderem para a casa de seus pais. Logo, a garagem dos pais de John está cheia de caixas de livros. Uma parente de John, de oito anos de idade, cria um concurso em sua escola para ver quem consegue recolher o maior número de livros. Todos ajudam e, depois de seis meses, John viaja com seus pais de volta ao Nepal com milhares de livros na bagagem.

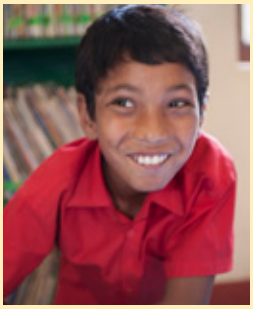
Os livros são carregados em burros e iaques e, em seguida, começa a caminhada montanha acima. Quando eles se aproximam do topo da montanha onde fica a escola, John vê uma grande multidão. Crianças, pais e professores estão lá para receber a doação de livros. Os estudantes lhes recebem com guirlandas de flores, e na hora de desembrulhar os pacotes faz-se um caos! Logo as crianças sentam-se espalhadas por toda a encosta, folheando os livros coloridos.

Mais tarde, quando estão jantando, o pai de John pergunta:

– Ok, qual é o próximo passo?

Até então, John não havia pensado nisso, mas agora sua cabeça gira. Antes, ele só pensava nos lucros e nos números de vendas de sua empresa. O tipo de coisa que torna pessoas ricas ainda mais ricas e que rendiam a ele um salário mais alto, um carro novo e uma casa maior. Mas tudo isso parece sem importância agora. John toma uma decisão. Ele vai desistir de seu alto cargo e investir todo seu tempo e o dinheiro economizado a proporcionar às crianças de todo o mundo o acesso aos livros.

Meu livro preferido



Prakash, 11
(O nome significa A Luz)
– Meu livro preferido se chama Jackie Espinhosa. Se eu fosse escrever um livro, seria sobre crianças com necessidades especiais, pois tenho um amigo deficiente.

Dipa, 9
(Chama de Fogo)
– Eu gosto do livro Tempo porque tem desenhos muito bons. Meu livro seria sobre mim e minha irmã.

Sirjana, 14
(Criação)
– Gosto de histórias onde os personagens são animais. Mas se eu fosse escrever um livro, ele seria realista e falaria sobre a minha aldeia. Poderia se chamar "A história da minha aldeia", ou talvez "Sami e as cabras", pois eu cuido de nossas cabras.

A Room to Read costuma usar jogos e brincadeiras para tornar a educação mais divertida. Aqui, John experimenta um jogo de soletração com uma menina na Zâmbia.

Milhares de novas bibliotecas

Muitos acreditam que John enlouqueceu quando ele abandona o emprego e funda a organização Room to Read, que significa Sala para Leitura. Seus pais o apoiam. Logo, ele também encontra mais pessoas que querem trabalhar junto com ele. John conta a quem quiser ouvir sobre sua ideia. Alguns de seus ouvintes são pessoas ricas que ele conheceu durante seu tempo como executivo. Muitos querem ajudar crianças a aprenderem a ler e escrever. Eles doam livros, mas também dinheiro, para que John possa contratar mais assessores e construir mais bibliotecas.

A Room to Read cresce rapidamente. Logo, as bibliotecas escolares não são construídas apenas no Nepal, mas também no Camboja, Vietnã, África do Sul, Índia e Bangladesh. Contudo, depois de algum tempo John e sua equipe percebem que perderam uma peça importante do quebra-cabeça. Eles abriram milhares de bibliotecas escolares, mas as encheram de livros infantis em inglês! As crianças devem poder ler em seu próprio idioma. Porém, não há quase nenhum livro infantil em nepalês ou khmer, o idioma falado no Camboja.

– Temos que encontrar bons autores e ilustradores e publicar nossos próprios livros infantis nos idiomas das crianças, diz John.

A caminho dos 100 milhões de crianças

Hoje, a Room to Read tor-

Sem carros para os chefes!

Em muitos países pobres, há muitos SUVs caros rodando nas ruas. John ficou bravo ao perceber que a maioria pertencia a gestores de organizações que deveriam ajudar pessoas pobres. Um jipe pode custar em torno de 75. 000 dólares americanos – com esse dinheiro, 300 crianças podem receber educação durante um ano. Portanto, a Room to Read decidiu que seus chefes devem andar de ônibus em vez de ter seu próprios jipe com motorista.

Krishna, 9

(nome de um deus do hinduísmo)

– A casa dos camundongos é meu livro favorito. É sobre camundongos que trabalham. Eu gostaria de escrever um livro em apoio aos agricultores. Onde moro, muitos são agricultores e eles têm uma vida dura.

Nirjala, 9:

– Já li Chandramukhi pelo menos dez vezes. É uma fábula histórica. Já pensei em escrever um livro, mas esqueci sobre o que seria!

Binod, 10

(Novo)

– Eu gosto do livro Meu Jardim, sobre como plantar, capinar, regar e outras coisas. Se eu fosse escrever um livro, seria sobre a nossa vaca, que se chama Eyeliner.

Dipak, 12

(Luz)

– Meu livro favorito é Pessoas e mel. É sobre as diferentes tradições das aldeias. Gosto de mistérios, então gostaria de escrever um livro com um monte de enigmas.

A biblioteca é o coração da escola!

TEXTO: EVA-PIA WORLAND FOTOS: JOHAN BJERKE

Sudip, 13 anos, e seus colegas fundaram seu próprio clube. Eles se encontram na biblioteca, que a Room to Read construiu junto com a escola e os pais em uma aldeia pobre no Himalaia. O clube das crianças ajuda na administração da biblioteca e organiza muitas atividades na escola.

– Por exemplo, temos competições com questionários todos os dias. Fazemos uma pergunta na reunião da manhã e, depois, todos correm para a biblioteca para encontrar a resposta nos livros. A biblioteca tornou-se um ponto de encontro, e facilitou que as crianças da escola se conheçam.

Participam e opinam

Sudip e o clube das crianças também ajudam a manter o pátio da escola limpo e organizam competições de poesias e contos. Eles também fazem um jornal da escola e organizam debates sobre questões importantes.

– Os debates são a parte mais divertida, diz Sudip. Por exemplo, nós discutimos sobre fast food e concluímos que é inútil e caro. Agora, quase nenhum aluno come mais fast food.

O clube das crianças também vota junto com os adultos no conselho escolar.

– É bom e democrático, diz Sudip. Eu gosto de participar das decisões na escola.

O clube das crianças se reúne na biblioteca ou debaixo de uma árvore no pátio da escola.

Lista de desejos do Clube das Crianças:

Computadores
Ainda mais livros interessantes
Sala de aula maior
Um ventilador na biblioteca
Um laboratório adequado

nou-se uma organização mundial presente em dez países. Mais de seis milhões de crianças agora têm acesso a bibliotecas escolares, e mais de 20.000 meninas receberam apoio para sua educação. Mas John não está satisfeito.

– Por enquanto, atingimos apenas um por cento das crianças que precisam de nós, diz ele. Agora precisamos nos apressar para que um dia possamos alcançar 100 milhões de crianças! O nosso lema é "a mudança do mundo começa com crianças educadas". Nos recusamos a aceitar que uma criança tenha que ouvir que "você nasceu no lugar errado, na hora errada e dos pais errados, e, portanto, não pode ir à escola". Esta visão pertence à lata de lixo da história humana!

Manju, 13 anos, deseja salas de aula maiores na escola.

Gokul, 13 anos, quer um ventilador na biblioteca para que seja possível ficar lá, mesmo durante o período mais quente do dia.

A Room to Read trabalha no Camboja há mais de dez anos. Até aqui, mais de 2.500 meninas receberam ajuda para continuar a estudar, em vez de serem obrigadas a trabalhar. As meninas desta escola em Khampung Plok estão orgulhosas de sua nova escola, que os moradores construíram junto com a Room to Read.

O Camboja, um dos países mais pobres do mundo, tem uma história horrível. Há quase 30 anos, o violento grupo khmer vermelho e seu líder Pol Pot assumiram o controle do país.

O país onde todas as escolas foram fechadas

Os membros do Khmer Vermelho queriam criar um país novo e perfeito, e acabar com tudo que consideravam ruim. Eles fecharam todas as escolas e baniram a educação. Quase todos os adultos cambojanos com educação formal foram assassinados. As crianças foram separadas de seus pais e ensinadas que o Khmer Vermelho era sua família verdadeira. Elas perderam todos os seus direitos e foram obrigadas a trabalhar como soldados, vigias de prisões, na agricultura, e espionando os adultos.

Ficou órfão

Kall Kann, que dirige o trabalho da Room to Read no Camboja, tinha apenas 12 anos de idade quando o Khmer Vermelho e Pol Pot chegaram ao poder. Ele foi separado de seus pais e enviado para o campo.

– Fiquei órfão e vivia como uma criança selvagem, conta Kall Kann. Ele nunca mais viu seu pai nem sua mãe. Eles tinham educação formal e foram mortos pelo regime.

Durante os quatro anos em que o Khmer Vermelho governou, 1,8 milhão de cambojanos morreram devido a tortura, execução, doença, cansaço e fome. Quando o regime caiu, não restava quase nenhum sobrevivente com educação formal no país; não havia nenhum professor, escritor ou médico. Portanto, tornou-se ainda mais difícil para o Camboja reconstruir a nação e sair da miséria.

O Khmer Vermelho aboliu todas as escolas tradicionais. Eles organizaram um ensino mais simples ao ar livre, que servia principalmente para fazer as crianças entenderem como deviam servir aos seus líderes.

Foto: Arkiv/Dccam

Nunca pode voltar a acontecer

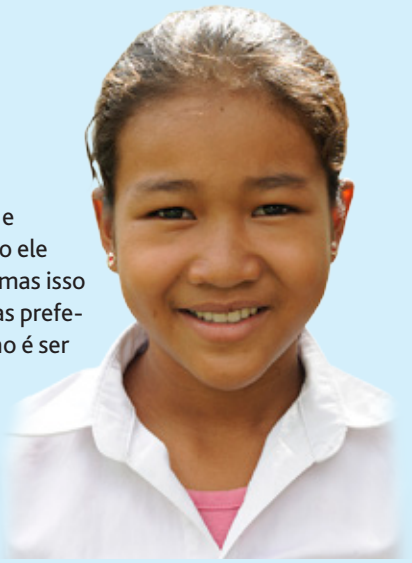
Quando o Camboja foi libertado do Khmer Vermelho, Kall Kann estava pobre e sozinho no mundo. Ele lutou muito para obter uma educação formal, pois queria ter certeza de que nada parecido pudesse acontecer novamente.

– Se proporcionamos educação às nossas crianças, elas se tornam fortes. Portanto, ninguém consegue enganá-las e influenciá-las como Pol Pot e o Khmer Vermelho fizeram, diz ele.

Hoje muitas coisas melhoraram. Principalmente nas áreas rurais, mas há poucos empregos, e raramente existe eletricidade ou água limpa. É certo que quase 80 por cento das crianças começa o primeiro ano escolar, mas a maioria abandona os estudos cedo para começar a trabalhar e ajudar a família. Mais meninas abandonam a escola do que meninos. As meninas são consideradas menos dignas para se investir dinheiro. Além disso, alguns pais acreditam que é mais difícil encontrar alguém para casar com uma menina bem-educada. Portanto, a Room to Read investe muito na educação de meninas no Camboja.

TEXTO: CARMILLA FLOYD & MARITA LINDQVIST FOTOS: KIM NAYLOR

O avô não entende



Reaksa, 14, mora com os avós maternos, pois seus pais são divorciados e não podem cuidar dela.

– Sem a ajuda da Room to Read eu não teria conseguido permanecer na escola, diz ela. Meu avô muitas vezes insiste que eu deveria parar de estudar e começar a trabalhar. Ele cresceu sob o regime do Khmer Vermelho e de Pol Pot, e naquele tempo não havia escolas. Por isso ele não entende para quê serve a educação, mas isso só me faz estudar mais. Minhas disciplinas preferidas são matemática e khmer. Meu sonho é ser professora.

Lisa, Sopheak, Sokhit e Kunthi acabam de aprender a escrever seus nomes. Eles amam sua nova biblioteca escolar e aprendem a ler em livros coloridos e divertidos em seu próprio idioma, o khmer.

É mais divertido ler livros bonitos

– Acabamos de aprender a escrever nossos nomes, conta Lisa, que começou o primeiro ano junto com suas amigas Sopheak, Sokhit e Kunthi. Seu lugar preferido na escola é a biblioteca, que a Room to Read construiu com a ajuda dos pais dos alunos e dos líderes da aldeia. Todos ajudaram. A biblioteca foi abastecida com livros infantis em khmer editados pela própria Room to Read.

– É muito mais fácil aprender a ler em livros bonitos e divertidos, diz Sopheak. E tanto o bibliotecário quanto meu professor sabem explicar as coisas muito bem! Eles nos ensinam o alfabeto, como são os sons e como formar palavras.

Room to Read ajuda crianças a "decifrar o código"

A linguagem nos rodeia, em placas, telas, agendas de horários e etiquetas de preços. Se alguém não sabe ler, muitas portas se fecham na comunidade. A leitura também é o fundamento de toda a aprendizagem na escola. Portanto, a Room to Read concentrou grandes esforços em ajudar os mais jovens a "decifrar o código da leitura" logo cedo. Isso significa que eles devem conseguir ler e escrever palavras comuns e frases simples, e ser capazes de expressarem-se com clareza. Estas são habilidades que irão ajudá-las ao longo de todos os anos escolares.

Aprenda Khmer!

No Camboja fala-se khmer, um idioma com uma estrutura única. Atualmente a Room to Read trabalha junto com o Ministério da Educação para mudar a forma como os professores ensinam as crianças a ler e escrever khmer. O ensino antigo era baseado em métodos europeus para o ensino de idiomas. Porém, o khmer deve ser ensinado de forma única. Com os novos métodos inteligentes, as crianças aprendem a ler e escrever muito mais rapidamente.

Olá:
ជំរាបសួរ

Tchau:
លាសិនហើយ

Desculpe:
សុំទោស

Obrigado/obrigada:
អរគុណ

Estou bem:
ខ្ញុំសុខសប្បាយទេ

Qual é o seu nome?
អ្នកឈ្មោះអី ?

Meu nome é:
ខ្ញុំឈ្មោះ

Eu não entendo:
មិនយល់ទេ

Como vai?:
អ្នកសុខសប្បាយទេ ?

Sacty achou que sua vida havia acabado

Um dia acontece aquilo que Sacty temia há muito tempo. O sol se põe sobre os telhados da aldeia flutuante, e o rio está cheio de barcos a caminho de casa. A mãe parece séria ao sentar-se no chão ao lado de Sacty, que acaba de completar doze anos de idade.

– Você tem que sair da escola, diz ela.

Não temos escolha. Eu não posso pagar as taxas escolares e precisamos de sua ajuda trabalhando para ganhar dinheiro, continua a mãe.

Sacty quer chorar, mas segura as lágrimas. Ela não quer deixar a mãe ainda mais triste, ao mostrar como se sente. No fundo, ela está arrasada e não sabe o que fazer. Para a mãe ela diz apenas: "Entendo".

Quase todos os moradores de Kompong Phluk, a aldeia flutuante, são pescadores.

O pai desapareceu

Sacty mora em uma pequena aldeia que flutua sobre a água durante metade do ano. As crianças vão à escola de barco e a maioria das famílias sobrevive da pesca:

Depois, o nível da água abaixa e o lago em volta das casas se reduz a um córrego estreito. De repente, as casas estão muito acima do solo, sobre frágeis palafitas de até seis metros de altura. As crianças sobem e descem correndo de suas casas em escadas estreitas. Todos aqui têm uma vida simples, sem eletricidade ou água corrente. Mas a família de Sacty é uma das mais pobres. Seu pai abandonou a família pouco antes de ela nascer, e nunca mais voltou. Desde então, a mãe de Sacty teve que lutar muito pela sobrevivência da família.

– Fui obrigada a voltar ao trabalho quando você tinha apenas dez dias de idade, contou a mãe a Sacty muitas vezes.

Quando alguém pergunta sobre seu pai, Sacty geralmente diz que ele está morto. É assim que ela sente. Porém, ela sabe que ele está vivo e tem uma nova família. Dói saber que ele não se importa com ela. O pior é quando as crianças vizinhas zombam de Sacty.

– Você é órfã e pobre, você só tem mãe, dizem.

Sacty fica triste, mas também com raiva. Desde cedo, ela decidiu investir tudo na escola, para que ninguém pudesse desdenhá-la. E ela nunca perdeu uma aula, embora trabalhe em casa antes e depois da escola, além de acompanhar a mãe no barco para colocar e buscar as redes de pesca.

Agora, ela terá que abandonar a escola. Foi tudo em vão?

Primeiro dia de trabalho

Sacty começa a trabalhar algumas semanas antes de sua turma fazer exame para aprovação para a série seguinte. Ela está dilacerada, mas não protesta. A mãe adoeceu recentemente e teve que pedir dinheiro emprestado para os medicamentos; portanto, eles têm menos dinheiro que nunca. Ela quer ajudar e sabe que a família vai ficar brava e desapontada se ela não participar.

No início de uma manhã, Sacty espera sua mãe e a irmã mais velha na rua perto do rio. Um caminhão para e elas sobem na carroceria. Muitas outras crianças e adultos da aldeia já lotam o caminhão para ir trabalhar nos campos. O caminhão está descendo a estreita estrada de terra, e Sacty logo percebe que eles passarão pela escola. Ela olha através da larga aba de seu chapéu e vê os amigos, vestidos com uniformes escolares. Sacty acha que eles também a veem, mas ela não ousa acenar. Ela tem vergonha, e sente como se tivesse traído os colegas e professores. O que pensarão dela agora?

TEXTO: CARMILLA FLOYD & MARITA LINDQVIST FOTOS: KIM NAYLOR

A casa de Sacty foi feita sobre palafitas de quase seis metros de altura. Aqui, ela caminha pela passarela que leva à casa da família.

O dia todo Sacty colhe batata doce e coloca para secar. Depois de muitas horas sob o sol escaldante, ela está esgotada quando o caminhão segue para casa. Ela sente dor nas costas e os braços pesados como chumbo. As mãos estão pretas de terra e cheias de bolhas. Mesmo assim, ela não consegue dormir à noite. Ela fica imóvel no chão e ouve a respiração da irmã mais velha se tornar mais lenta. Quando Sacty tem certeza que todo mundo está dormindo, ela se atreve a chorar em silêncio, para não acordar ninguém.

Onde está Sacty?

Inicialmente, os professores pensam que Sacty está doente. Contudo, após vários dias sem sinal de uma de suas melhores alunas, eles perguntam a seus colegas de classe.

– Ela abandonou a escola, diz uma menina.

– Está trabalhando com a mãe e a irmã, agora, afirma outra.

Uma das professoras jovens, Srey Leap, tem uma missão importante além do trabalho no ensino. Ela trabalha para a Room to Read, como pessoa de apoio para as meninas mais pobres. Srey Leap sabe que a família de Sacty passa dificuldades, e suspeita que ela tenha sido obrigada a abandonar a escola. Ela pede ao diretor para marcar uma reunião com o líder da aldeia flutuante. Agora todos precisam ajudar para conseguir que Sacty volte à escola antes que seja tarde demais.

O líder da aldeia é um apoio importante para a escola e a Room to Read. Se ele pedir que a família pense a respeito, existe a chance de mudarem de ideia.

O líder da aldeia, o diretor da escola e Srey Leap visitam a mãe de Sacty quando ela

Sacty, 14

Gosta de: Ler livros escolares e histórias.
Fica triste: Quando zombam de mim porque não tenho pai.
Tem medo de: Ser obrigada a abandonar a escola. E de crocodilos!
Prato preferido: Sopa azeda com pimenta.
Desejo: Saber usar um computador.
Quer ser: Professora.

As aldeias flutuantes

Quase todos os moradores de Kompong Phluk, a aldeia flutuante, são pescadores. A aldeia fica à beira do lago Tonle Sap, uma das maiores áreas de água doce do mundo. Quando a água está no nível mais baixo, em maio, o lago encolhe, cobrindo uma área de 250.000 hectares. Quando chaga a monção, em junho, as águas do rio Mekong sobem e o rio Tonle Sap volta a correr para o lago, ampliando-o para mais de um milhão de hectares.

Quando há muita chuva e tempestades, a água sobe tanto que pode haver inundação. As casas ficam cheias de água e os moradores que podem pagar elevam o piso de suas casas. Eles movem todos os seus pertences e dormem em redes penduradas próximas ao teto. Outros, que têm barcos grandes, mudam-se para os mesmos até que o nível da água desça. Os mais pobres, como a família de Sacty, não têm barcos grandes nem dinheiro para elevar o piso. Suas casas e todos os seus bens são destruídos e eles não têm um lugar para onde ir até que consigam construir uma nova casa.

Hidrovia é melhor

Quando o nível da água está baixo, Sacty caminha até a escola. Leva mais de uma hora e a estrada é muito escorregadia devido à lama. No período em que o nível da água está alto, ela vai à escola de barco. É muito mais rápido.

A mãe de Sacty se orgulha de ter uma filha com conhecimento.

está sozinha em casa. Eles perguntam por que Sacty não está na escola.

– Fica muito caro comprar o uniforme, o material e pagar as taxas escolares. Eu realmente gostaria que tivesse uma formação, mas é impossível, diz a mãe.

O líder da aldeia fala sobre a importância da educação. E Srey Leap diz que a Room to Read pode ajudar Sacty.

– Ela pode conseguir uma bolsa para pagar as taxas escolares e quase todos os custos. Neste caso, a família deve prometer apoiar Sacty em seus estudos. Mas é urgente. Se ela perder os exames, terá que repetir um ano inteiro. Se isso acontecer, há o risco de que ela nunca volte.

A mãe promete pensar no assunto. Ela não conta a Sacty que recebeu visitas. Nas noites seguintes, é a mãe que tem dificuldade para dormir.

O Dia do Exame

Certa manhã, ao subir na carroceria do caminhão, Sacty se sente particularmente pesada. Ela sabe que seus amigos farão os exames para o oitavo ano esta tarde. Ao descerem do caminhão junto ao campo, a mãe se volta repentinamente para Sacty.

– É tarde demais? Você perdeu o exame?

– Não, ainda há tempo, algumas horas, diz Sacty, surpresa.

– Eu decidi, responde a mãe. Você vai voltar para a escola!

Antes que Sacty tenha tempo para entender o que está acontecendo, a mãe corre

Room to Read investe nas meninas

Antigamente, as meninas eram obrigadas a abandonar a escola com 12 anos em Kompong Phluk. Os pais não têm condições de pagar as taxas, uniformes e materiais escolares. Eles preferem que suas filhas ajudem nas tarefas domésticas, pesca e agricultura. Algumas meninas também são enviadas para as grandes cidades para trabalhar como empregadas domésticas ou vendedoras ambulantes. Lá, algumas se tornam presas fáceis para traficantes de pessoas.

Até o momento, 80 meninas em Kompong Phluk receberam bolsas de estudos e apoio da Room to Read. Em todo o Camboja, mais de 2.000 meninas receberam apoio. Isso significou muito para elas e suas famílias. Além disso, elas são exemplos para seus amigos, meninas e meninos. O apoio é para as meninas mais pobres e motivadas para os estudos. Os pais precisam assinar um contrato em que prometem apoiar a filha em seus estudos.

Cuidamos de nossa escola e nossa aldeia!

Sacty e os outros alunos ajudam uns aos outros a frequentar a escola através de, por exemplo:

Remover ervas daninhas e plantar hortaliças e especiarias, como pimenta, abóbora e hortelã. Depois, as hortaliças são vendidas no mercado.

Recolher lenha

Cavar reservatórios para coletar água da chuva. Ela é usada, entre outras coisas, para regar horta da escola.

para a rua e para um moto-táxi. Ela pede ao motociclista que leve Sacty à escola o mais rápido possível.

Sacty chega no último minuto, e todos ficam surpresos, mas felizes em vê-la. Ela está nervosa, quando os papéis são colocados na mesa diante dela. Será que consegue passar no teste depois de perder tantas aulas?

Dois dias depois, a notícia: Sacty respondeu todas as perguntas corretamente e pode começar o oitavo ano! Assim que chega em casa, ela conta a boa notícia. A mãe fica satisfeita e orgulhosa.

– Ótimo, diz ela. Não seja ignorante como eu. Quero que você aprenda coisas.

Sacty discursa

Todo ano em 8 de março comemora-se o Dia Internacional da Mulher em todo o mundo. A escola de Sacty organiza uma grande festa pelos direitos das meninas, juntamente com Room to Read. A aldeia inteira é convidada, assim como jornalistas e convidados de honra da cidade.

O diretor pediu que Sacty fizesse um discurso e contasse sua história. Quando chega o dia, ela fica ao lado do palco segurando firme o papel com sua fala. Ela está trêmula e nauseada. O coração bate rapidamente e, quando ouve seu nome ser chamado, parece impossível dar os poucos passos até o palco. Mas subitamente ela está com um microfone na mão.

Sacty faz o dever de casa no único cômodo da casa.

Quando Sacty começa a falar, a plateia fica absolutamente silenciosa. Lágrimas começam a descer por seu rosto, mas ela continua.

– Eu nunca conheci meu pai. Muitas vezes sinto-me muito sozinha e abandonada, e minha família tem passado muitas dificuldades. Por isso, tive que desistir de meus estudos. Mas graças a meus professores e à Room to Read tive a chance de continuar na escola. A educação é a coisa mais importante. Quando tive que parar e comecei a trabalhar nos campos, eu sentia falta da escola. Eu pensei que minha vida havia acabado.

Um futuro melhor

Quando Sacty chega ao fim de seu discurso, quase todos na plateia também estão chorando. Os outros alunos, seus amigos e seus pais. Até mes-

Bombear água do rio para limpeza e lavar louça e roupa.

mo o diretor, os líderes da aldeia, jornalistas e altos políticos da cidade enxugam lágrimas do canto dos olhos.

– Se conseguir completar a minha educação e me tornar professora, pretendo voltar aqui para a aldeia onde nasci e proporcionar conhecimento a outras crianças, conclui Sacty. Todos têm grandes sorrisos nos lábios e aplaudem muito. A mãe corre e lhe dá um abraço.

– Eu não tinha ideia de que você podia fazer um discurso tão lindo, e diante de tantos estranhos, diz ela. Tenho a sorte de ter uma filha que tem conhecimento!

Muitos outros pais também vêm agradecer e elogiá-la.

– Você é muito corajosa, diz uma mãe.

Sacty espera ter inspirado muitos pais a permitir que suas filhas continuem na escola.

Com o apoio da Room to Read, Sacty espera conseguir concluir o décimo segundo ano e depois continuar estudando para ser professora. Mas ela sempre teme ser obrigada a abandonar a escola.

– Meu avô voltou a dizer que eu devo abandonar a escola e começar a trabalhar, mas minha mãe recusa. Não tenho pai, mas minha mãe é forte e cuida de mim para que eu possa ter uma educação. Vou conquistar um futuro melhor para mim e para toda a minha família!

TEXTO: CARMILLA FLOYD & MARITA LINDQVIST FOTOS: KIM NAYLOR

Conhecimentos para a vida futura

Sacty e as outras meninas vão para casa no início da tarde para cozinhar o almoço e cuidar dos irmãos mais novos. Algumas tardes por semana, elas voltam à escola com roupas normais para obter ajuda com o dever de casa e ter aulas de conhecimentos para a vida!

Conhecimentos para a vida tratam de tudo, desde como lidar com o estresse e preocupações diárias, a forma de cuidar da saúde e dinheiro, pensar criticamente, tomar decisões e fazer planos para o futuro.

– Aprendemos coisas úteis, que me ajudam todos os dias, diz Sacty. Ganhei mais autoconfiança e ouso dizer o que penso e sinto. Aprendemos sobre nossos direitos e como devemos nos proteger do perigo. Minha mãe e outros adultos na aldeia fumam muito. Nas aulas de conhecimentos para a vida, aprendemos o quanto isso é perigoso. Tenho medo que minha mãe morra de alguma das muitas doenças perigosas relacionados ao tabagismo. Por isso, tento fazer minha mãe para parar de fumar!

Conhecimento com música e canto

Em conhecimentos para a vida temos muito canto, música e brincadeiras. Porath, de 15 anos, gosta de cantar.

– Minha música favorita é triste, conta ela. É sobre como nós, que vivemos em Kompong Phluk somos pobres e sofremos dificuldades quando há incêndio na floresta. Nós usamos fogão a gás e fogueiras a céu aberto, e um incêndio pode começar facilmente. Neste caso, aldeias inteiras podem ser destruídas, pois não há estradas que o corpo de bombeiros possa usar para chegar aqui. Eu me lembro de um incêndio. Nós juntamos todos os pertences que conseguimos carregar e nos reunimos à beira do rio. Todos estavam prontos para saltar para os bar cos e fugir, caso o fogo se aproximasse demais. Sentimos o cheiro da fumaça e o calor, mas nos salvamos daquela vez.

As meninas da classe muitas vezes pedem que Porath cante a canção triste.

– Elas aplaudem muito quando eu canto. É uma sensação ótima!

Porath

Srey Leap é defensora das meninas

– Eu sei do que as meninas em Kompong Phluk precisam, pois fui uma delas, diz Srey Leap. Ela cresceu na aldeia flutuante e sonhava ser professora. Porém, quando ela completou 12 anos sua mãe disse que Srey Leap tinha que sair da escola.

Minha mãe via que outras crianças trabalhavam e davam o dinheiro aos pais. Ela via outras meninas se casarem e queria que eu também encontrasse um marido. Meu pai sabia que eu poderia ter uma vida melhor se tivesse educação. Mas eles não tinham condições de pagar.

Srey Leap recebeu ajuda no último momento. Ela foi uma das primeiras na aldeia flutuante a receber bolsa de estudos da Room to Read.

– A Room to Read nos auxiliou com as taxas escolares e materiais para que eu pudesse concluir o ensino médio. Eles também ajudaram minha mãe a entender que a educação é importante.

Agora Srey Leap trabalha para a Room to Read, como pessoa de apoio para as meninas da aldeia flutuante.

– Inicialmente, elas são tímidas, mas depois sua autoconfiança aumenta. Quando obtêm conhecimentos para a vida, têm coragem de defender a si mesmas e suas amigas. No começo, às vezes os pais me expulsam. Mas isso melhora com o tempo. Recentemente, uma mãe me disse: "Minha filha também é filha da Room to Read agora, pois vocês cuidam muito bem dela".

Quer ser a professora da aldeia

Srey Leap trabalhou extra como professora na escola da aldeia, embora só tenha o ensino médio. Contudo, em breve ela começará uma verdadeira formação para professores na cidade.

– É muito difícil conseguir professores para a escola da aldeia flutuante. A maioria dos professores vem de cidades grandes e não consegue ficar no interior. Eles têm medo de tudo: da água, dos ratos e insetos. Eles acham o lugar muito quente e sujo e não sabem nadar nem remar um barco. O departamento de educação pode obrigar professores a trabalharem aqui por um ano, mas depois disso quase todos se demitem. Se mais pessoas que vivem na aldeia se formarem professores, será muito melhor para os alunos.

Srey Leap é a pessoa de sua família com mais tempo de estudo.

– Realizei meu sonho! Agora quero dar a outras meninas a mesma chance e ser um exemplo. Minha mãe está muito orgulhosa de mim. A única coisa que ela lamenta é que meus irmãos mais velhos não tiveram a chance de continuar na escola também.

Srey Leap ajuda como professora na classe de Sacty.

A escola da aldeia flutuante era assim antes. Ela comportava poucos alunos e ficava destruída toda vez que a água subia e havia uma inundação.

A nova escola da aldeia flutuante foi construída pelos moradores e o departamento de educação, juntamente com a Room to Read. Ela fica sobre altas palafitas para que não se inunde no período de cheia.

Salas para aprender!

Em muitos países pobres há uma grande escassez de salas de aula e edifícios escolares amigáveis para crianças, especialmente nas áreas rurais. A Room to Read trabalha com a população local para construir ou renovar edifícios escolares com salas de aula claras e arejadas. Na Ásia e na África, a Room to Read ajudou a construir mais de 1.400 novas escolas com mais de 5.500 salas de aula, bibliotecas escolares e salas de professores. Os moradores dividem os custos dos materiais e o trabalho. Quando o edifício da escola está concluído, ele é de propriedade conjunta da aldeia e das autoridades de educação do país.

TEXTO: CARMILLA FLOYD & MARITA LINDQVIST FOTOS: KIM NAYLOR

Todos os dias depois da escola, Rattana ajuda a secar o peixe que a família pescou. Seu nome significa "joia".

Uniformes escolares e calçados que aguentam tempo seco e úmido.

Equipada para a educação!

Rattana, 15 anos, recebeu uma bolsa de estudo da Room to Read, que lhe permite continuar na escola, embora sua família seja muito pobre.

– Antes eu tinha dificuldade de acompanhar as aulas. Muitas vezes, eu deixava de ir à escola porque tinha que ajudar a minha família com os afazeres domésticos e a pesca. Agora recebo tudo que preciso da Room to Read, além de aulas extras. Finalmente estou me saindo bem na escola, e minha disciplina favorita é matemática!

Os pais e irmãos mais velhos de Rattana são pescadores. Ela quer ser enfermeira, mas os pais preferem que ela saia da escola após o nono ano.

– Espero que eles mudem de ideia, diz ela. Eu ajudo o máximo que posso em casa, mas tenho muito dever de casa. Às vezes, eu os acompanho na pescaria ou faço um trabalho extra colhendo feijão. Dou o dinheiro à minha mãe. Ela fica feliz e eu também me sinto feliz em ajudar. Mas minha irmã mais velha nunca está satisfeita. Ela encontra defeitos em tudo que eu faço e fica ainda mais irritada quando tenho longos dias de aula. Fico muito triste quando ela reclama de mim.

Lápis, borracha, régua, tesoura e muito mais.

Dinheiro para taxas escolares e aulas extras.

Rattana e suas amigas recebem o seguinte da Room to Read:

Cadernos e livros escolares.

Mochila escolar.

Escova de dente, sabonete e outros itens necessários para manter a higiene e a saúde.

Bicicleta para ir à escola.

Excursões de estudo a locais interessantes, como Angkor Wat.

Exames de saúde.

Sony é líder do clube De Amiga para Amiga

Sony, 14 anos, foi votada por suas amigas como uma das líderes do clube escolar De Amiga para Amiga. Esses clubes existem em todas as escolas da Room to Read que investem na educação de meninas no Camboja.

Lutamos umas pelas outras e apoiamos as outras meninas para que não abandonem a escola, diz Sony, que recebeu bolsa de estudos da Room to Read. Ajudamos as outras com o dever de casa, damos bons conselhos e acompanhamos o que acontece com elas. Se alguém não aparece na escola, tentamos descobrir o porquê. Às vezes, vamos até sua casa e, depois, falamos sobre o que aconteceu com nossa pessoa de apoio da Room to Read. O clube De Amiga para Amiga me ajudou a ganhar autoconfiança. No Camboja, pais e filhos têm mais poder do que meninas e mulheres. Acho que devemos poder decidir tanto quanto eles.

Emprego dos sonhos em escritório

Sony sonha trabalhar em um escritório com computadores e ar condicionado.

– Nunca usei um computador, mas vi um na escola. Tudo parece ser simples com um computador. Experimentei o ar condicionado durante um passeio com a Room to Read, no qual nos reunimos em um hotel. Estava quente demais do lado de fora, mas lá dentro estava fresco. Absolutamente incrível! Na minha casa é sempre quente. Abanamo-nos com pedaços de papelão, mas isso não ajuda. Ficamos quentes e cansados. Ao meio-dia, nos deitamos em redes à sombra da casa. Às vezes derramo água sobre mim com um balde. Às vezes, o calor me dá febre e, neste caso, não posso ir à escola. Parece-me injusto que as pessoas ricas possam ter suas casas frescas e agradáveis, enquanto nós não podemos.

Sony faz o dever à luz da janela, a casa não tem eletricidade.

É bom saber ler e escrever

– Meus pais trabalham duro nos campos de arroz e minha mãe realmente quer que eu vá à escola para ter uma vida melhor, diz Sony. Meus pais são analfabetos, eles sequer sabem escrever seus nomes. É fácil ser explorado e enganado quando não se sabe ler, escrever e calcular. Ao vender algo no mercado, pode-se receber troco errado ou ser levado a vender ao preço errado. Uma pessoa pode perder sua casa, caso não consiga ler o contrato. E não se pode votar se não for capaz de descobrir qual partido político é o melhor. Se tiver uma educação, eu posso ajudar mais os meus pais.

O clube De Amiga para Amiga cuida de um pequeno jardim na escola, onde têm flores e outras plantas.

– Também cultivamos hortaliças, manga e repolho. Nós nos divertimos aqui, diz Keo, que lidera o clube junto com Sony. Aqui está ela na horta com a colega de clube Reaksa.

Atirar com estilingue certamente é divertido, mas, na verdade, não é brincadeira. Sony dispara contra os pássaros para que se assustem e não comam das árvores frutíferas da família.

TEXTO: CARMILLA FLOYD & MARITA LINDQVIST FOTOS: KIM NAYLOR

O guarda-roupa de Keo

Keo, 14 anos, também foi eleita líder do clube De Amiga para Amiga.

– Eu mesma tive ajuda quando queria deixar a escola, diz Keo. Meu pai tinha emprestado dinheiro para uma cirurgia renal e não tinha como pagar. Eu podia ganhar 2,35 dólares americanos por dia para colher batata-doce, e queria trabalhar para ajudar meu pai. Mas meus amigos e a Room to Read me convenceram a não desistir.

1. Uniforme escolar

– Ganhei este da Room to Read. É bonito, mas é difícil manter a camisa branca e limpa com toda a lama.

2. Roupa de dormir

– Durmo com uma camiseta e um sarong de algodão. Os melhores sarongs são feitos de seda, mas não posso pagar.

3. Roupas de lazer

– Minhas roupas mais confortáveis. Elas são agradáveis e práticas quando estou trabalhando e fazendo as tarefas domésticas.

Peng acha que deveria haver igualdade entre meninas e meninos.

Peng joga futebol na lama

Na aldeia flutuante de Kompong Phluk só se pode jogar futebol quando o nível da água baixa. Nessas ocasiões, abrem-se áreas que costumam ficar cobertas pela água. Quando chove forte à tarde, o terreno fica enlameado, mas isso não impede que Peng, 14 anos, e seus amigos joguem bola depois da escola.

A lama é pegajosa e escorregadia. Ela gruda na sola dos pés e te faz ficar com "pés de elefante" em poucos segundos.

– A lama pode ser difícil, mas também é divertida, se você estiver de bom humor, conta Peng, rindo. Hoje há apenas meninos jogando, mas Peng acha óbvio que as meninas também podem participar.

– É claro que existem algumas diferenças entre meninas e meninos, diz ele. Como o fato de que meninos geralmente são mais fortes, e meninas dão à luz. Mas isso não significa que deva existir diferença entre os direitos de meninas e meninos. Por exemplo, é importante que as meninas tenham o mesmo direito de frequentar a escola que os meninos.

Às vezes, os meninos na escola acham muito ruim não poder obter bolsas de estudos da Room to Read. Eles também vêm de famílias pobres que têm dificuldade de sobreviver se tiverem que pagar todas as despesas escolares.

– Mas sabemos que obter educação é muito mais difícil para as meninas no Camboja, por isso entendemos, afirma Peng.

Importante para todos

Ter frequentado a escola é especialmente importante quando você constrói uma família e tem filhos, diz Peng.

– Ambos os pais devem ser capazes de cuidar da família. Quando me casar, quero que minha esposa tenha uma boa educação, para que possamos dividir as responsabilidades igualmente. Devemos poder tomar decisões importantes em conjunto. Também pretendo certificar que meus filhos compreendam o quão importante é frequentar a escola. É importante para eles e para o país. Assim, a sociedade pode avançar e ter um bom desenvolvimento.

Peng tem três irmãs mais velhas, que já saíram de casa.

– Sei que elas precisaram ajudar muito mais em casa quando tinham a minha idade. Também tenho que ajudar um pouco, mas, apesar de tudo, provavelmente tenho um pouco mais de tempo para brincar do que elas tinham!

Depois da escola, Peng e seus amigos jogam futebol. Não adianta tentar evitar se sujar e se molhar. Logo, todos na equipe parecem homens de lama.

Sozinhas

05h30 Sono sem mosquitos
As irmãs dormem juntas em uma rede rosa. As noites são quentes e úmidas, e os mosquitos prosperam.

Em uma pequena casa quadrada com um quarto e um telhado de metal vivem Channy, de 12 anos, e suas duas irmãs. Seus pais viajaram para o país vizinho, Tailândia, para trabalhar. Na pequena aldeia de Channy não há empregos.

– Eles ficarão fora pelo menos um ano e enviam dinheiro para casa. Sinto muita falta deles, diz Channy. É pior à noite, quando costumavam cantar para nós e isso nos fazia adormecer mais facilmente.

A mãe e o pai de Channy.

6h00
Channy busca água para a higiene matinal e o café da manhã. A água que sobra, ela usa a horta.

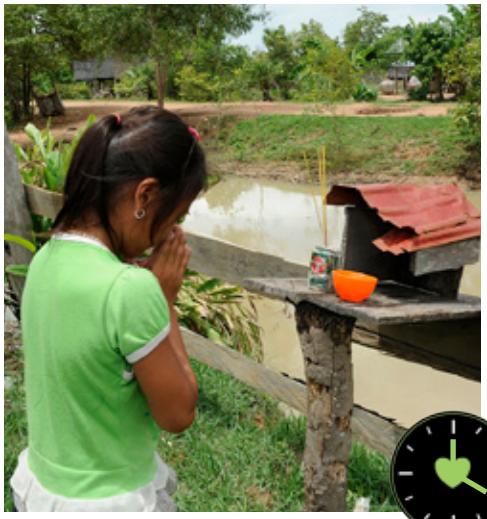
11h00 Fila da biblioteca
Channy escolhe um canudo vermelho a entrar na biblioteca e o coloca em um recipiente. O menino atrás dela pega um verde. A Room to Read quer garantir que meninas e meninos possam usar a biblioteca igualmente. Todos os dias o bibliotecário conta os canudos e anota o resultado.

07h00 Pressa para a escola
A irmã mais velha vai para o trabalho e Channy leva a irmã menor à escolana garupa.

11h15 Encontra o livro certo
– Eu olho as capas, leio a contracapa e empresto os livros que parecem divertidos e emocionantes. No futuro quero escrever meu próprio livro. Será sobre a minha família.

em casa

14h30 Matar a fome
Channy cozinha para si e a irmã mais nova.



16h00 Água para os antepassados
Quase todos no Camboja têm um pequeno altar no jardim. Channy acende incenso e enche uma tigela com água para os ancestrais que protegem a família.

TEXTO: CARMILLA FLOYD & MARITA LINDQVIST FOTOS: KIM NAYLOR

17h00 TV a bateria
Os filhos de muitos vizinhos costumam vir assistir TV na casa de Channy. A imagem é instável e distorcida, mas o programa é emocionante mesmo assim. A TV funciona com energia de uma bateria de carro. Toda semana as irmãs levam a pesada bateria à aldeia para recarregar.

19h00 Dever de casa no balanço
Na rede, Channy faz o dever de casa. Às vezes, ela lê os livros emprestados em voz alta para sua irmã mais nova, antes de ir para a cama.

21h00 Saudade dos pais
Channy sente mais saudade da mãe e do pai à noite, quando está escuro e ela vai se deitar.

Thim quer ser bibliotecário

THIM, 12, MORA com a avó. Sua mãe tem uma doença mental e não pode cuidar dele. Antes, ele era importunado por outras crianças frequentemente e tinha dificuldade de se concentrar na escola. Porém, graças ao bibliotecário que o encorajou a ler livros, agora Thim é um dos melhores alunos da escola. Ele tem autoconfiança e pode defender-se contra as crianças que o importunam.

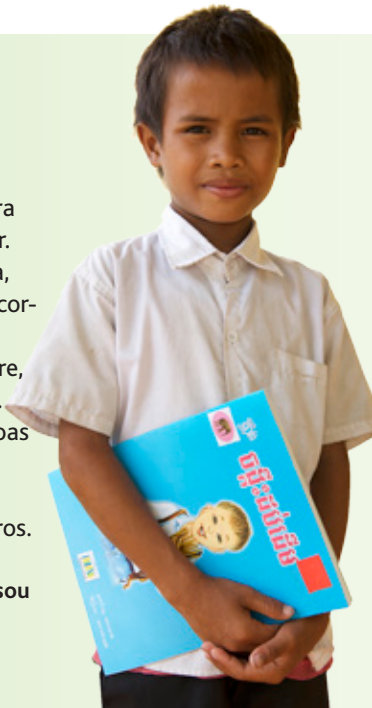
Thim é o caçula de cinco irmãos. Às vezes, os outros acham que Thim deve abandonar a escola e começar a trabalhar.

– Explico que é importante saber ler e escrever. Caso contrário, é fácil ser enganado, no comércio e por pessoas más. Aqueles que não sabem ler e escrever continuam pobres, eles não podem fazer nada com suas vidas. Fico triste quando não tenho condições de comer ou quando eu não tenho tempo para brincar, pois tenho que trabalhar.

Quando Thim chega da escola, ele cozinha arroz, lava a louça e corta lenha.

– Se consigo um momento livre, gosto de jogar peteca e voleibol. Quero ser médico e ajudar pessoas como minha mãe a se sentirem melhor. Ou, melhor ainda, ser bibliotecário! Fico feliz ao ler livros.

– Ler é a melhor coisa que sei, e sou bom nisso, diz Thim, 12.



Brincar é bom para o cérebro!

John Wood e a Room to Read acreditam que crianças que se sentem bem e se divertem aprendem melhor. Jogos e brincadeiras são bons para o cérebro e nunca é errado rir. Aqui estão algumas brincadeiras que as crianças no Camboja costumam fazer no intervalo.

Brincadeira de elástico

Dividam-se em duas equipes. Todos recebem um canudo ou tubo de papel e se posicionam em linha. Cada equipe recebe um elástico e tenta passar todo o cordão de um membro da equipe para outro, sem usar as mãos. A equipe que conseguir passar o cordão elástico do primeiro para o último companheiro de equipe vence!

Monstro, dama ou monge?

Duas pessoas ou duas equipes executam várias rodadas uns contra os outros, por exemplo, melhor de cinco. Façam assim se forem duas pessoas: Escolha silenciosamente, para si mesmo um dos três personagens: monstro, dama ou monge. O monstro deve parecer assustador, com mãos como garras e um sorriso medonho. A dama é bonita, com um dedo indicador elegante esticado. O monge faz um gesto budista. A um dado sinal, faça sua expressão facial e gesto.

O monstro vence a dama. A dama vence o monge e o monge vence o monstro. Se ambos escolheram a mesma personagem, a rodada empata!

Dama e monge.

Monstro e dama.

Dama

Monstro

Monge

TEXTO: CARMILLA FLOYD & MARITA LINDQVIST FOTOS: KIM NAYLORS

Pochey usa o

O krama, um lenço estampado de algodão ou seda, é usado no Camboja há centenas de anos. Pochey, 16 anos, pode usar seu krama para tudo, de carregar os livros escolares até espantar moscas. Na verdade, há pelo menos 60 maneiras conhecidas de se usar um krama.

Cinto

Poochey é a única de sua família que frequenta a escola.

– Eles pensam que a educação é desnecessária. Minha irmã mais velha disse: "Quanto mais você aprende, mais louca você se torna". Talvez ela esteja certa. Mas eu ainda sonho em ser professora ou enfermeira. Se eu conseguir, poderei ajudar mais a minha família.

Pochey mora com sua avó. Ela sempre incentivou Poochey a frequentar a escola e a ajudou com as taxas escolares.

– Minha avó é médium. As pessoas lhe pagam para entrar em contato com o mundo espiritual e para ela prever seu

Mantilha

Pochey pode dobrar o krama de muitas maneiras diferentes para fazer um belo acessório para a cabeça.

Refrescância

Coloca um krama encharcado na cabeça quando está quente e deixa esfriar.

Espanta-insetos

Pochey mora perto do rio. Durante o período chuvoso, a água sobe até a porta, e os mosquitos e moscas prosperam. O krama é bom para espantar os insetos voadores.

krama para tudo

Existem kramas de todos os tamanhos e modelos. O xadrez de algodão vermelho e branco é um clássico.

Apoio para a cabeça
O krama ajuda a equilibrar as coisas quando estas são carregadas na cabeça.

Boneca
Quando não se podem pagar os brinquedos habituais pode-se facilmente fazer uma boneca de kramar.

Toalha de banho
Pochey se banha e lava as roupas da família no rio. Ela também gosta de nadar e brincar de esconde-esconde no rio.

Pegador de panela, avental e pano de cozinha
Pochey ajuda a avó a cozinhar na cozinha debaixo da casa. Ela prepara a comida em uma fogueira por isso fica suada. Pochey seca-se com o kraman.

futuro. Sem a ajuda dela, eu teria abandonado a escola há muito tempo, diz Pochey.

Atualmente, a avó está no hospital. Os pais de Pochey foram para a Tailândia para trabalhar e juntar dinheiro para pagar as contas do hospital e uma cirurgia. Agora Pochey se preocupa ainda mais com o futuro.

– Muitas vezes, eu não como nada o dia todo, pois não tenho dinheiro para comprar comida.

Agora, uma bolsa de estudos da Room to Read cobre alguns dos custos de Pochey.

– Meus pais estão felizes com isso, mas ainda acham que devo deixar a escola em breve. Eles querem comprar uma camionete pequena para mim, a fim de que eu possa vender pão e bolos na estrada. Isso me deixa muito triste. Espero que a Room to Read possa convencer meus pais a mudar de ideia.

Vestido ou saia

Bolsa
O krama é facilmente convertido em um saco para transportar livros ou comida. Aqui, Pochey enrolou o krama como uma bandeja de frutas e biscoitos que ela deixa como oferenda aos monges de um templo budista.

Descanso
O krama pode se tornar rede para crianças pequenas, ou cobertor e travesseiro para os maiores.

Proteção
O krama a protege do sol escaldante, mas também da poeira, vento, frio e chuva.

Por que Indira é nomeada?

Nomeada Heroína dos Direitos da Criança • Páginas 68–85

Indira Ranamagar

Indira Ranamagar é nomeada ao Prêmio das Crianças do Mundo 2014 por seus 20 anos de luta pelos filhos de prisioneiros presos no Nepal.

Indira foi uma menina muito pobre e teve que lutar muito tempo para conseguir ir à escola. Desde pequena, ela sabia que queria ajudar outras pessoas que também passavam por dificuldades.

Indira fundou a organização Prisoners Assistance Nepal (PA – Assistência a Prisioneiros), que resgatou mais de mil crianças dos presídios apertados e sujos. As crianças acabam ali porque seus pais foram condenados à prisão e ninguém mais pode cuidar delas. Quando Indira resgata crianças, elas vão para um dos três lares infantis mantidos pela PA. Elas recebem educação e a possibilidade de crescer em segurança. Elas também podem aprender a trabalhar na agricultura e a cuidar de animais. Nos arredores de Katmandu, a PA administra o lar e escola Jankuri. As crianças das aldeias próximas também podem frequentar a escola.

Indira influencia políticos e autoridades a tornar os presídios mais humanos. Muitos detentos vêm de famílias muito pobres. Indira e a PA os ensinam a ler e escrever, para que tenham um melhor desempenho quando saírem da prisão e, assim, possam cuidar melhor de seus filhos.

A luta obstinada da menina da selva para estudar

Os pés de Indira escorregam na lama no caminho estreito entre os campos de arroz. Ela tem seis anos de idade. Nua e descalça, ela recolhe lenha em um grande cesto nas costas.

Duas meninas mais velhas vêm no sentido contrário ao de Indira no caminho. Elas usam os uniformes azuis da escola e têm longos cabelos brilhantes. Quando se encontram no caminho estreito, elas empurram Indira, que cai. As meninas riem alto e seguem em frente.

Indira volta a juntar a lenha. Ela sente dor, mas não são as rachaduras nos pés que machucam. As rachaduras são de andar descalça na lama e cascalho. É outra coisa, dentro dela, que dói e a faz chorar.

O dia todo ela correu pela aldeia, como de costume, e ajudou por toda parte. Buscou água e lenha. Levou vacas e cabras para pastar na selva, e procurou cogumelos e raízes comestíveis para levar para casa. Ela pegou alguns caranguejos no rio, fez uma fogueira e os assou.

Indira sabe que é preciso trabalhar duro. Não se pode ser preguiçoso. Ela gosta de trabalhar e de aprender coisas novas. Na aldeia, ela tem dois outros nomes e raramente é chamada de Indira. Um deles é Kanchi, Pequenina, porque ela é filha mais jovem da família Magar. O outro nome é Niguri, que é o nome de uma fruta na selva coberta com cerdas curvas. Indira tem cachos selvagens ao redor da cabeça.

Ela é a única pessoa com cabelos encaracolados na aldeia, por isso é um pouco

TEXTO: EVA-PIA WORLAND FOTOS: JOHAN BJERKE

Oi mamãe!
Roshina visita sua mãe e irmão na prisão. Ela mora no lar infantil de Indira e da Prisoners Assistance.

diferente. O cabelo deveria ser liso, reto e possível de juntar em tranças brilhantes. Indira não gosta de ser chamada de Niguri, mas tenta não se importar com isso.

Dorme com as vacas

Ela não encontra a mãe e o pai durante o dia. Eles trabalham nos campos de outras pessoas, para sustentar a família. À noite, quando chegam a casa, muitas vezes encontram Indira entre as vacas, onde ela gosta de dormir.

– Kanchi, suspira a mãe, agora temos de ir para casa e lavar para tirar o cocô de vaca de novo.

A casa simples da família fica sobre palafitas. É totalmente aberta, com paredes apenas em dois lados. O chão é coberto por velhos sacos de arroz. Para o jantar, eles têm arroz. Quase sempre só arroz, mas, às vezes, a mãe traz um pouco de soja do campo. Ela a esconde nas roupas.

Os dois irmãos mais velhos de Indira frequentam a escola. Ela também quer fazê-lo. Quer aprender a ler e escrever e ter um belo uniforme escolar. No momento, sua única roupa é uma túnica de serapilheira, que a arranha.

Indira insiste e insiste e pede a Deus. Mas o dinheiro não é suficiente. Além do mais, ela é a única menina. Não é preciso pagar taxas escolares para elas, pois vão apenas casar e cuidar dos filhos.

Em vez disso, Indira olha sobre o ombro do irmão, quando ele faz o dever de casa. E ela pergunta e pergunta e pergunta. Ele se irrita, mas ela continua perguntando. Eventualmente, ele cede e começa a ensinar-lhe as letras e números.

Indira aprende rápido. Ela repete tudo e escreve as letras na areia. O irmão também ensina adultos da aldeia em casa e, enquanto Indira corta legumes ou faz arroz, ela ouve avidamente. Ele lê em voz alta sobre os homens e mulheres famosos da história que fizeram coisas boas pelos outros. Indira absorve tudo e não se esquece de nada. Agora ela sabe que deseja ser uma pessoa que ajuda os outros.

Aos dez anos de idade, Indira lê e escreve, e sabe que pode aprender praticamente qualquer coisa.

"É claro que consigo!"

Ninguém pode dizer que ela não consegue fazer certas coisas por ser menina. Como arar, por exemplo.

– É claro que consigo! diz Indira e puxa o arado tão bem quanto os meninos fortes. Ela tira forças da pura teimosia e, muitas vezes, ela mostra-se até mais forte que os meninos mais velhos. Ela os bate no futebol.

Uma professora ouve falar de Indira e convence os pais a deixá-la frequentar a escola. Seu irmão junta o valor da taxa escolar com o que ganha vendendo bananas. A professora acha que ela pode começar no quarto ano. Indira não concorda. Encaixo-me muito melhor no quinto ano, e assim é feito.

Mas não há dinheiro para o uniforme escolar ou bolsa. Indira tem apenas sua túnica.

Este será seu uniforme nos dias de aula. Não há dinheiro sequer para lápis ou lápis de cor. Ela tem que se esforçar para lembrar tudo o que o professor mostra no quadro-negro e, assim que há um intervalo, ela se senta no chão e escreve tudo na areia, de memória. Por isso, ela nunca tem tempo para brincar com as outras crianças. Na pausa para o almoço, ela tem que correr para casa e mover os animais para novas pastagens. Ela deve fazê-lo toda manhã, tarde e noite.

Ela se sai bem na escola. Tem uma aptidão especial em matemática. Em um ano, Indira é a melhor de sua classe e ganha uma bolsa de estudos. E ela tem notas muito mais altas que as das duas meninas que a empurraram. Ela já as perdoou há muito tempo. Mas ela nunca concordaria com injustiças.

As primeiras fotografias de Indira.

Indira não pôde entrar na cozinha

Indira não tinha muitos amigos na escola. Ela era mais pobre do que a maioria, e pertencia a uma casta inferior à das outras crianças. O sistema de castas é proibido há muito tempo no Nepal, mas ele ainda resiste. As pessoas são divididas em diferentes grupos, chamados de castas. Aqueles que pertencem às castas mais baixas muitas vezes são maltratados.

– Certa vez, eu estava na casa de uma menina, conta Indira. Então, sua mãe veio e disse que eu absolutamente não podia entrar na cozinha. Como eu era de uma casta inferior, eu era "impura", suja, e não podia tocar em nada relacionado a alimentos ou à cozinha. Senti que era terrivelmente injusto. Fiquei triste e com raiva.

Em um sistema de castas, muitas regras controlam as vidas das pessoas. Que tipo de trabalho elas podem fazer e com quem podem se casar, por exemplo. Quando nasce, você já pertence a uma casta, um grupo que tem um valor alto ou baixo. Se nascer em uma casta inferior, você pertencerá a ela por toda a vida e nunca poderá pertencer a uma casta "mais fina".

Há pessoas que nascem totalmente sem casta. Os sem casta não têm nenhum valor segundo as ideias antigas. Eles são muito pobres e seus empregos são, por exemplo, esvaziar sanitários ou separar o lixo. Muitas vezes têm que mendigar para sobreviver e também são chamados de "intocáveis", pois são considerados impuros.

Eles não podem beber dos mesmos poços que os outros, nem comer da mesma mesa.

Quando Indira chega à prisão com as crianças para a visita, as mães organizaram a refeição e eles comem juntos.

Indira quer ajudar

Onde quer que Indira Ranamagar, vá as pessoas a reconhecem.

– *Namaste Aama*, "Olá mãe", todos a cumprimentam. Crianças de rua, políticos e ricos homens de negócios. Eles sabem que ela resgata crianças pobres de presídios.

Quando ela chega, com seu brilhante sari branco, é difícil entender que Indira já correu nua na selva. Que ela não sabia ler nem escrever. Mas a própria Indira nunca esquece sua infância pobre. É isso que a leva a ajudar os outros.

Quando Indira tinha dezessete anos, ela deixou sua aldeia para continuar os estudos na capital, Katmandu. Ela trabalhava duro limpando e lavando para outras pessoas, a fim de pagar a escola. Ela também trabalhava como professora. Em uma escola Indira conheceu Parijat, uma escritora famosa que escrevia extensivamente sobre direitos humanos. Parijat era contra as pessoas serem presas por protestar contra as injustiças na sociedade. Ela também escrevia sobre a péssima situação dos prisioneiros e visitava prisões, onde distribuía comida e roupas.

Quer ajudar os outros

Um dia Parijat perguntou o que Indira queria fazer da vida.

– Quero ajudar outras pessoas, respondeu Indira. Principalmente aqueles que são tão pobres como eu fui.

Então Parijat quis que Indira trabalhasse com ela.

– Eu estava com medo da primeira vez que fui a uma prisão, conta Indira. Eu pensava que os prisioneiros eram perigosos, mas percebi que eram pessoas como todas as outras. A maioria era muito pobre e não sabia ler nem escrever.

Indira começou a visitar prisões todo fim de semana, quando estava de folga da escola. Ela dava cursos de alfabetização e doava roupas e alimentos. Ela ficou chocada

Esperando o pai.

Agora ele está vindo!

A cela do pai.

Tchau, papai!

Indira levou dois irmãos para visitar seu pai na prisão.

os pobres

ao ver que tantas crianças eram obrigadas a viver com seus pais em prisões sujas e superlotadas.

– Era um ambiente horrível para as crianças, diz Indira.

Ela tentava encontrar vagas para crianças em diversos lares infantis, mas era difícil. Os lares infantis também estavam lotados de crianças pobres.

A primeira criança

Indira tem vinte anos de idade e está no caminho para visitar uma prisão, como de costume. Repentinamente, ela para no portão da prisão. Há uma criança dormindo. É uma garotinha que vai mudar a vida de Indira.

A menina tem três anos e se chama Anjali. Seu pai acaba de ser preso e sua mãe já morreu. Anjali se arrastou e se deitou do lado de fora da prisão para ficar o mais próximo possível de seu pai. Ela não tem mais ninguém.

Indira, que já ajudou muitas crianças a se mudarem da prisão para diversos lares infantis, tenta encontrar uma vaga para Anjali. Mas ninguém tem lugar para a menina.

Indira decide que ela mesma cuidará de Anjali. Ela também está desapontada com os lares infantis. Eles raramente dão às crianças o amor e os cuidados de que elas necessitam. Indira entendeu que as crianças das prisões precisam de amor e segurança extra, já que muitas vezes passaram por experiências desagradáveis. Se estiveram na prisão por muito tempo, elas também estão com o desenvolvimento atrasado. Indira cursa o ensino médio, e Anjali a acompanha nas aulas.

Anjali faz Indira trabalhar de uma nova maneira. Em vez de libertar as crianças das prisões e deixá-las em lares infantis, ela começa a cuidar de mais e mais crianças. No final, ela tem tantas crianças

Indira com sua filha Subani e Anjali, a primeira menina de quem ela cuidou.

"Ou eu, ou as crianças!"

Quando ela própria já cuidava de três crianças de prisões, Indira conheceu um homem e eles se apaixonaram. Eles ficaram juntos e tiveram uma filha, Subani. Indira continuava seu trabalho nas prisões, e às vezes Subani ia com ela.

Seu marido disse que ela dedicava muito tempo às crianças nas prisões. E que havia crianças demais na casa.

– Agora você disse ele. Ou eu, ou as crianças.

– Não foi difícil, diz Indira. Ele não tinha respeito pelo meu trabalho. Então eu entendi que ele não me amava. Obviamente, escolhi as crianças.

que precisa abrir seus próprios lares infantis. Mais tarde, ela também abre escolas e fazendas orgânicas em todo Nepal.

Já faz 22 anos desde que Indira encontrou a garotinha dormindo em frente ao portão da prisão. Anjali já é adulta e tem sua própria família. Indira conseguiu resgatar mais de mil crianças das prisões e garantiu que elas tivessem a possibilidade de crescer em segurança e de frequentar a escola.

Nos lares infantis de Indira, as crianças são encorajadas a se movimentar muito.

Antes, muitos no Nepal achavam que as meninas não deviam andar de bicicleta. Indira ignorou isso

Ignora o fato de que meninas não devem pedalar

Indira não é conhecida apenas por resgatar crianças das prisões, mas também como a primeira mulher a competir de mountain bike no Nepal. Quando ela começou a andar de bicicleta, muitas pessoas achavam que meninas nunca deviam pedalar. Mas Indira ignorou isso. Ela achava divertido. E bom para o corpo. Ela já ganhou muitas competições e inspirou outras meninas a começarem a competir. Agora é muito mais comum que meninas pedalem no Nepal. Vários dos lares infantis de Indira têm cursos de mountain bike para as crianças. Poder usar o corpo, se movimentar, pedalar, correr e nadar é importante para as crianças, acredita Indira.

– Quando tem mais capacidade física sua autoconfiança fica fortalecida.

As centenas de irmãos mais novos de Subani

Subani, 17 anos, é filha biológica de Indira. Ela cresceu com centenas de irmãos mais jovens.

– Eu nunca tive ciúme das outras crianças, diz ela. Sinto como se fossem meus irmãos de verdade. É claro que às vezes gostaria de ter mais tempo com minha mãe, mas eu entendo seu trabalho e sou muito orgulhosa dela. Em todos os lugares por onde passamos, as pessoas a elogiam.

Indira e Subani.

A filha de Indira, Subani, feliz de tocar para as crianças do lar.

Todas as crianças vêm correndo encontrar Indira, que abraça cada uma delas.

Todas as crianças têm uma luz interna

– Dei o nome de Junkiri ao lar infantil que fica nos arredores de Katmandu, significa vaga-lume, afirma Indira.

Quando era criança, eu costumava segui-los enquanto voavam. Eu pensava que todas as criaturas, todas as pessoas, todos os seres vivos têm uma luz interior. Temos que encontrar essa luz em todas as crianças! Isso é o que fazemos aqui.

Por isso o nome do lar é Junkiri.

As crianças do lar infantil e da escola lavam suas próprias roupas.

Cultivar e se orgulhar

Em todos os lares de Indira há animais e plantações.

– Os animais e a natureza fazem as pessoas sentirem-se bem, diz Indira. Quando cuidam de animais, as crianças crescem mais responsáveis. Para cultivar algo, é preciso entender o sentido da vida. Isso cria respeito pela natureza. As crianças podem plantar uma semente, cuidar para que germine, cresça e beneficie a todos quando comermos. "Fui eu que cultivei isso!" É uma sensação agradável.

Os piores ficam livre

– Aqueles que estão na prisão não são os piores culpados, diz Indira. A maioria são pessoas pobres que talvez tenham roubado comida para sobreviver. Eles também podem ter sido persuadidos a cometer algum crime para outra pessoa, em troca de algum dinheiro.

– A pobreza é o maior culpado. Os outros criminosos, que ganham dinheiro em negócios obscuros e explorando pessoas, estes sempre ficam livres.

– Fico louca de raiva que seja assim no meu país! O Nepal tem tantos recursos e um povo maravilhoso. Nós poderíamos ser um grande país se todos ajudassem.

Indira e a Prisoners Assistance

- Administram três lares infantis, duas escolas, e programas para jovens sobre agricultura orgânica, artesanato e muito mais.
- Apoiam as meninas nas aldeias, para que possam frequentar a escola. Elas também recebem bicicletas, porque muitas vezes têm que percorrer um longo caminho até a escola.
- Procuram parentes e os apoiam para que possam cuidar das crianças.
- Garantem que as crianças visitem seus pais no presídio.
- Têm programas para que crianças possam ir à escola durante o dia e dormir com suas mães no presídio, à noite. Eles também ensinam as mães no presídio até o quinto ano, e lhes oferecem formação profissional.
- Apoiam prisioneiros libertados, para que possam se reunir com seus filhos.
- Constituem uma voz em prol dos mais fracos na sociedade e lutam para que prisioneiros, especialmente mulheres e seus filhos, sejam tratados com humanidade e justiça.

Meninos no lar infantil de Indira limpam um poço d'água.

TEXTO: EVA-PIA WORLAND FOTOS: JOHAN BJERKE

Nima

O mundo de Nima é um quintal escuro de cimento cercado por muros altos. Um edifício de um lado tem uma série de aberturas estreitas. É um velho estábulo onde atualmente vivem dez prisioneiros em cada baia. Nima sabe que existe outro mundo do lado de fora dos muros, mas não se lembra de sua aparência.

Quando Nima tem dois anos, sua mãe morre. A única pessoa que pode cuidar dele é o pai, mas ele está preso. Nima é levado de sua pequena aldeia natal para o pai, na prisão em Katmandu, a capital.

Muitas outras crianças também vivem com os pais na prisão. As crianças brincam muito umas com as outras. Elas fazem bolas com meias velhas

– Quando se pinta Thangka, é preciso estar totalmente concentrado, diz Nima. Caso contrário, é melhor ir para casa, diz nosso professor.

Nima alguns anos atrás, quando ele já morava no lar infantil de Indira há vários anos.

Nima Rima, 15

Quer ser: Engenheiro.
Passatempo: Desenho.
Livro favorito: Tudo sobre ciência.
Filme favorito: Homem-Aranha.
Gosta de: Fazer coisas novas.
Fica irritado: Quando não devolvem o que emprestaram.

cresceu na prisão

e jogam voleibol e futebol. Mas Nima raramente participa. Ele gosta de assistir enquanto os homens jogam xadrez, e gosta muito de desenhar.

Ele desenha bastante, mas nunca está satisfeito com seus desenhos. Sempre os joga fora e recomeça. Os desenhos são escuros. Preto e cinza e, às vezes, um pouco de vermelho, que parece sangue.

Anos na prisão

Os presos recebem rações alimentares dos guardas e, depois, cada um cozinha sua própria comida em um fogão a gás. O desjejum é um pedaço de pão ou um biscoito. O jantar é quase sempre apenas arroz. Exceto uma vez por semana, quando recebem um curry de vegetais para comer com o arroz.

Durante o dia, seu pai e os outros prisioneiros fabricam chapéus. As crianças têm um tipo de escola algumas horas por dia. Mas Nima não está tão interessado. Muitas vezes ele senta e especula sobre o que existe fora dos muros. Ouvem-se sons vindos de lá, mas ele não sabe o que causa cada som.

Na prisão, os dias são sempre iguais. Eles passam juntos e transformam-se em muitos anos. Não acontece muita coisa dentro dos muros. Mas há momentos em que todos os prisioneiros ficam felizes, Nima acha que eles se transformam quase em uma pequena festa. É quando uma mulher vem visitar. Ela distribui comida e frutas. Às vezes, ela traz roupas para Nima e as outras crianças. A mulher se chama Indira Ranamagar e ensina os presos a ler e escrever. Ela lê jornais para eles, e explica que eles e seus filhos têm direitos, mesmo que estejam na prisão.

Um novo mundo

Quando Nima está com cinco anos, ele tem uma febre alta. Os médicos da prisão não têm medicamentos, e seu pai fica muito preocupado. É perigoso para Nima ficar na prisão agora. Ela é lotada e suja, e todos dormem muito próximos. Germes se espalham rapidamente, e pode ser difícil voltar a ficar saudável. Da próxima vez que Indira vem, o pai de Nima pede sua ajuda. Ela concorda que Nima precisa ir imediatamente para um hospital de verdade.

– Quando Nima ficar bom, ele pode ir para meu lar infantil e começar a estudar, ela sugere. Tanto Nima quanto seu pai acham que é uma boa ideia.

Quando Indira segura na mão de Nima e deixa os muros através dos pesados portões de grade, um novo mundo se abre para ele. Nima não tem lembranças da vida do lado de fora. É um mundo que se move rápido demais, com luzes tremulantes, piscantes, burburinhos, buzinas e uivos.

O que é cadeira?

– Eu estava apavorado, conta Nima. Como os carros conseguiam se mover? Tudo ia rápido demais. E havia pessoas se deslocando por todos os lugares, e lojas e bicicletas.

E as cores! Eu nunca tinha visto tantas cores antes. Eu fiquei totalmente confuso com a coisa toda.

"Pintar Thangka me ajuda na escola"

A pintura Thangka é uma arte antiga do Nepal e do Tibete. Ela existe na religião budista e no hinduísmo. As pinturas são histórias que contêm uma grande quantidade de detalhes e símbolos.

Leva muitos anos para se tornar um bom pintor Thangka É preciso trabalhar devagar e estar totalmente concentrado. Nima está aprendendo a arte com um mestre Thangka.

– Ele logo percebe se você não estiver concentrado, afirma Nima. "Se não estão concentrados, é melhor vocês voltarem para casa", diz ele. Ao pintar Thangka, essa é a única coisa que existe. Nada fora, nada que distraia.

– Para mim, a pintura significou muito na escola. Consigo me concentrar mais facilmente. Quando eu trabalho com matemática, por exemplo, só existe a matemática e nada mais. Não me distraio.

Nima, sentado no meio, viveu seus primeiros 5 anos na prisão. Quando chegou ao lar infantil de Indira, ele gostava muito de desenhar, e agora estuda para ser pintor de Thangka.

Nima, à frente no centro, alguns anos após chegar ao lar infantil de Indira. Ele é grato porque Indira o tirou da prisão.

Nima desenha sempre que pode.

Por todo o caminho, ele segura fortemente a mão de Indira e pergunta sobre tudo o que vê. No hospital, Nima consulta um médico e recebe medicação. Ele precisa ficar no hospital durante algumas semanas. Quando está melhor, ele se muda para o lar infantil de Indira, onde moram outras crianças que ela resgatou da prisão.

– Havia os tapetes e móveis como eu nunca tinha visto antes, conta Nima. Apontei para uma coisa curiosa e Indira explicou que era uma cadeira. Que as pessoas usavam para se sentar. Pensei que era grande demais! Imagine que eu nunca tinha visto uma cadeira. E lembro que pude provar uma manga. Eu nunca tinha experimentado antes. Foram as coisas mais saborosas que já comi!

Pela primeira vez em anos, Nima não estava mais trancado.

– Eu tinha uma cama só para mim! E podia me mover do jeito que eu quisesse, caminhar para fora da fazenda.

Faíscas de cores

Nima agora tem 15 anos e se interessa por mecânica. Ele se mudou para uma cidade perto de Katmandu, onde Indira administra dois lares para jovens. Um para meninas e outro para meninos. Eles aprendem a ser independentes e realizar todas as tarefas práticas. Toda noite eles se revezam para cozinhar.

Os jovens passam metade do dia na escola e, à tarde, aprendem diversos ofícios. Alguns aprendem cerâmica e entalhe na madeira. Nima aprende a pintar quadros nepaleses tradicionais. Uma arte chamada pintura Thangka.

Ele ainda adora pintar e desenhar, mas agora suas pinturas reluzem de cores.

– Estou tão feliz agora, diz ele. Vou à escola e tenho uma grande família. Indira é como uma mãe para mim.

O que Nima mais quer é ser engenheiro. Ele ri.

– Agora sei que é a gasolina que move os carros, e que não há homens de verdade dentro da TV.

A pintura Thangka é uma arte antiga do Nepal. As pinturas têm muitos símbolos e detalhes.

Os jovens aprendem ofícios antigos como entalhar madeira. Indira mostrou que as meninas podem ser entalhadoras. Antigamente, apenas meninos podiam seguir essa profissão.

Roshani muda-se da prisão para o lar infantil de Indira

É a primeira noite de Roshani na rua. Ela prende a respiração e ouve. Que barulho foi esse? Tem algo lá fora! Seu coração bate forte no peito.

Há apenas algumas horas, a polícia bateu na casa de Roshani. Eles a levaram sua mãe e seu pai embora. Segundo a polícia, a mãe e o pai iriam para a prisão. Roshani não sabe porquê. Não havia ninguém para cuidar das crianças, então os dois irmãos menores de Roshani foram levados com os pais para a prisão.

Primeiro, Roshani foi parar na rua. Depois, ela morou com a mãe na prisão durante um ano. No fim, foi morar no lar infantil de Indira.

Roshani, 9

Quer ser: Enfermeira e cuidar de pessoas doentes.
Brincadeira favorita: Fogo e gelo. Uma espécie de pega-pega.
Melhor livro: Meu livro de inglês.
Melhor Filme: Não diga não. Um filme romântico.
Gosta de: Manga.
Fica irritada: Quando os outros provocam e intimidam.

Dois irmãos mais novos de Roshani foram com ela para o lar infantil de Indira, mas o caçula ficou com a mãe na prisão.

Alguns vizinhos deveriam cuidar de Roshani, mas quando ela chegou lá, não a deixam entrar. Eles trancaram a porta. Ela bate insistentemente na porta. E grita. Escurece e a noite chega. Sombras se movem na escuridão. Sons ameaçadores. Roshani, que tem seis anos, se enrola e tenta se encolher o máximo possível na calçada. O coração bate como um tambor. Há fantasmas por toda parte. Eles se esgueiram em torno dela. Zumbido. Ela não consegue dormir. Precisa vigiar as sombras e sons.

No dia seguinte, Roshani continua sentada na rua. Ela não tem para onde ir. Mas alguém a vê e chama a polícia. Eles buscam Roshani e a levam para a mãe, na prisão.

Melhor do que morar na rua

– Fiquei tão feliz, conta Roshani. Eu realmente só queria minha mãe e meu pai.

Primeiro, ficou com a mãe, eram onze pessoas em uma pequena cela.

– Os guardas só gritavam e berravam, e era apertado, diz Roshani.

Mas ainda era muito melhor do que morar sozinha na rua.

Depois de algumas semanas a família foi transferida para outra prisão. O pai de Roshani veio para a ala masculina, e o resto da família, para a feminina.

– Aos sábados, nós podíamos ir à ala do meu pai e visitá-lo. Ele costumava guardar parte de seu arroz toda semana e dar para nós.

Na prisão, havia muitas crianças com quem Roshani podia brincar. O edifício é como um labirinto, com muitas escadas e pequenas salas abertos parte toda parte. Não há portas entre as salas.

– Brincávamos de esconde-esconde lá, conta Roshani.

Indira Ranamagar da Prisoners Assistance, que ajuda detentos e seus filhos, muitas vezes vinha visitar a prisão. Ela distribuía comida e roupas e ensinava os presos a ler e escrever. Ela também cuidava das crianças da prisão, que podiam ir para um de seus lares infantis.

Quando Roshani e seus irmãos estavam na prisão há um ano, Indira os levou para seu lar infantil nos arredores de Katmandu. É onde eles vivem atualmente, junto com mais de setenta outras crianças em uma grande casa no campo. Eles frequentam a escola e aprendem a trabalhar com agricultura. As crianças também cuidam dos animais. 24 cabras, alguns cães e uma vaca.

– Gosto de poder estar aqui, diz Roshani, embora sinta muita falta da minha mãe e do meu pai. Porém, dentro de poucos dias vou visitá-los na prisão.

TEXTO: EVA-PIA WORLAND FOTOS: JOHAN BJERKE

Visitando a

Quando Roshani vai visitá-la na prisão, sua mãe cozinha para ela.

É maravilhoso vê-la, mas também fico um pouco triste.

A mãe faz um belo penteado em Roshani.

mãe na prisão

A mãe gosta de implicar com Roshani quando ela a visita na prisão.

O horário de visita termina. As mães gritam as últimas palavras a seus filhos.

Roshani fica mais um momento do lado de fora da cela trancada para se despedir da mãe e do irmãozinho.

– Não fique triste Roshani, diz a mãe quando se despedem. Logo nos veremos novamente!

O primeiro dia de liberdade de Joshna

Joshna tem cinco anos e já está na prisão há dois anos. Hoje, ela finalmente pode sair de lá. Indira Ranamagar virá buscá-la e a levará para seu lar para filhos de prisioneiros.

11.00

Indira conversa com Joshna e sua mãe.
– Estou muito feliz que Joshna possa sair daqui e começar a estudar, diz a mãe de Joshna.

13.00

Na prisão central de Katmandu todos conhecem Indira. Ela tirou muitas crianças daqui. Hoje é a vez de Joshna.

Bem-vinda, Joshna!
As outras crianças do lar em Katmandu acolhem Joshna. Ela ganha uma linda echarpe. É assim que se dão as boas-vindas no Nepal. Chama-se "Sawagatan".

15.00

Joshna já encontrou uma amiga, Mamita, que estava na mesma prisão antes. Há muito a descobrir na casa. E pode-se olhar para fora. Na prisão não era possível.

14.00

16.00

Inicialmente, Joshna está tímida. É um pouco assustador deixar a mãe e a prisão.

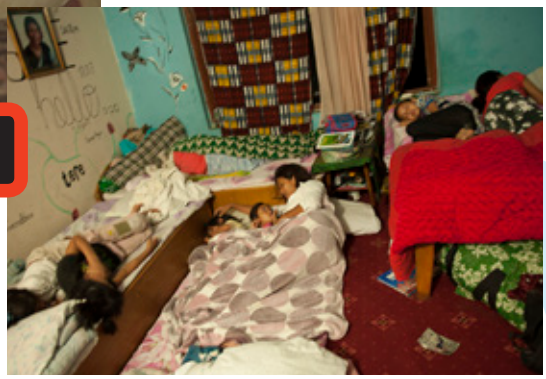
TEXTOS: EVA-PIA WORLAND FOTOS: JOHAN BJERKE

18.00

Indira e Joshna brincam juntas. É bom ter bichos de pelúcia. Não havia nenhum desses na prisão.

19.00

À noite todos comem juntos. Grandes porções de arroz com legumes. Depois, cada um lava seu prato.



20.00

Hora de ir para a cama. Joshna pode dormir com sua amiga. Indira ou algum dos adultos do lar infantil, sempre dormem com as crianças novas. Elas precisam de segurança.

Aprenda a saudar!

Junte as mãos como Bibash, de 11 anos.

Incline a cabeça ligeiramente em direção às mãos.

Volte a cabeça à posição inicial e olhe nos olhos da pessoa que está cumprimentando.

Diga "Namasté" e sorria.

Lê em voz alta para a mãe

"Quando visito minha mãe na prisão, costumo ler em voz alta para ela. Ela fica tão orgulhosa que eu saiba ler! Ela nunca foi à escola. Serei a melhor da classe e depois ganharei dinheiro. Quando ficar rica, construirei uma grande casa para minha mãe e para mim."

Swastika, 12

Da prisão

Os meninos construíram a casa com a ajuda de seu professor de construção.

Suman imediatamente começa a trabalhar na agricultura com os outros meninos, que ele já conhece do lar infantil de Indira. Hoje, eles plantam tomates.

Indira sopra para acender o fogo. Não há eletricidade aqui.

Plantações dos meninos

No Aama Paradise Home cultivam-se tomate, pepino, alho, cebola, feijão, manga, mamão, gengibre, batata, banana, açafrão, coentro, café, dedo de moça, jaca, pimentão, morango, brócolis, couve-flor, batata doce, couve, alcachofra, berinjela, limão, cenoura, romã, pera, pêssego, pomelo, abacaxi, milho, lichia e ervas.

TEXTO: EVA-PIA WORLAND FOTOS: JOHAN BJERKE

para o paraíso

Suman, 18 anos, está tenso e ansioso. Hoje, ele se muda para o Aama Paradise Home, que fica no alto na selva. É a fazenda de Indira, onde jovens de prisões podem aprender a cultivar a terra e cuidar de animais.

As nuvens se acumulam perto das casas. Daqui, pode-se ver muito longe, vários quilômetros. De córregos que nascem na cordilheira do Himalaia, corre água limpa o ano todo. Eles levam água para as fazendas orgânicas, para a cozinha a lenha e chuveiro ao ar livre, entre as mangueiras.

Quem cuida da agricultura é um grupo de adolescentes. A maioria deles foram resgatados de prisões no Nepal e cresceu em um dos lares infantis de Indira.

Indira encontrou Suman na rua quando ele tinha 6 anos de idade. Ele morava na rua com sua mãe, que era alcoolista, e não podia cuidar dele.

– Sem Indira talvez eu não estivesse vivo hoje, diz ele. Tive uma vida fantástica graças a ela. E agora eu posso vir para cá. É tão belo!

Dorme sob o céu estrelado

Os outros meninos que moram no Aama Paradise Home mostram o lugar a Suman. Ele os conhece há tempos. Eles cresceram juntos no lar infantil de Indira. Após o almoço, é hora de plantar tomates. O trabalho é

Indira encontrou Suman na rua, quando ele tinha cinco anos. Agora ele tem 17 e acaba de se mudar para a fazenda nas montanhas.

Os meninos aprendem a fazer tábuas.

A cama ganha seu fundo e fica pronta. Esta noite, Suman dormirá em sua cama ao ar livre.

Indira cozinha frango para o jantar. Os meninos adoram sua comida.

conduzido por um professor de agricultura e a teoria é misturada com a prática. Também há um carpinteiro contratado para ensinar os meninos a construir tudo, desde móveis até casas. Após o trabalho, os meninos correm para o rio que passa pelo vale. Lá eles podem nadar e se refrescar. Eles também costumam pescar no rio. Para o jantar, Indira cozinha frango na fogueira. Não há eletricidade.

Quando chega a hora de dormir, os meninos arrastam suas camas para o quintal. Eles querem dormir ao ar livre.

– Eu vou gostar daqui! diz Suman, olhando para o céu estrelado.

Os meninos se refrescam no rio após o trabalho nas plantações. Eles também costumam a pescar aqui.

– Esta raiz deve ser fervida com cinzas, diz Indira. Deve-se comê-la pelo menos uma vez ao ano. Assim, você se mantém saudável. Indira e os meninos a encontraram na floresta.

Cogumelo contra picada de cobra

Na floresta, há muitas plantas utilizadas como medicamentos.

Os meninos de Palpa muitas vezes vão para a floresta procurar. Hoje, eles encontraram um fungo estranho chamado cogumelo véu de noiva.

– Se alguém for picado por uma cobra, coloca-se o cogumelo sobre a picada, para que ele sugue o veneno, explica Indira

Lute pelas meninas!

Venha trabalhar pelos direitos das meninas

Exijo respeito aos direitos das meninas!

– Meninas e meninos devem ter os mesmos direitos! É injusto que não possamos ir à escola e tenhamos que fazer todo o serviço em casa, enquanto os meninos podem estudar e brincar, diz Sanjukta, 12 anos, da Índia. Ela é uma das milhões de crianças que são consideradas inferiores, simplesmente por serem meninas.

Os direitos da criança se aplicam a todas as crianças, meninos e meninas. No entanto, as meninas muitas vezes são tratadas pior do que os rapazes. Metade das crianças do mundo são meninas, mas há muito mais meninos frequentando a escola. As meninas são mais pobres, mais famintas e mais doentes que os meninos. Elas trabalham mais duro, são expostas à violência mais frequentemente e obrigadas a se casar quando ainda são crianças. Meninas em todos os lugares também têm mais dificuldade de fazer ouvir as suas vozes e ter controle sobre suas próprias vidas.

Meninas à venda

Uma das piores formas de violação dos direitos da criança é o comércio sexual infantil. Crianças de todo o mundo são exploradas como escravas sexuais e na pornografia. A maioria das vítimas são meninas, mas agora, meninas do mundo todo contra-atacam com ajuda do Prêmio das Crianças do Mundo! E são ajudadas por muitos rapazes!

Lutam juntos

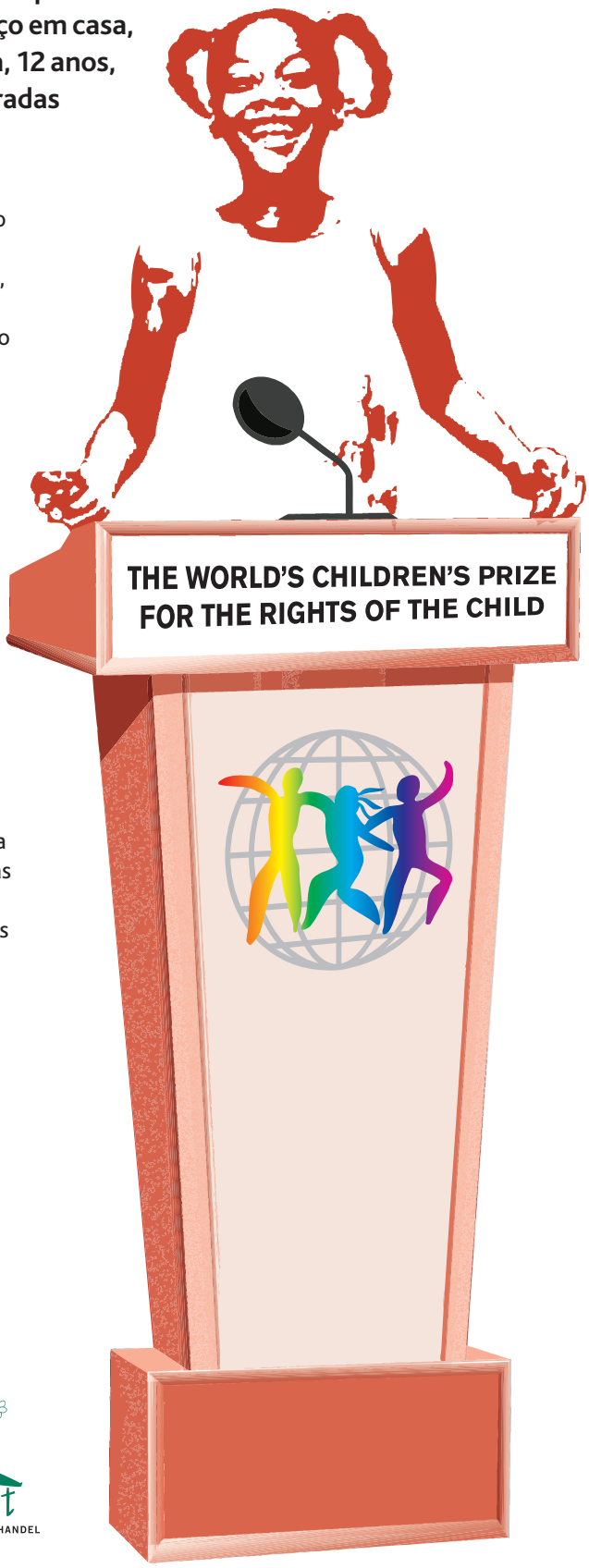
Centenas de meninas fizeram o treinamento de embaixadoras dos direitos da criança do Prêmio das Crianças do Mundo, e este ano muitas outras o farão. Muitas delas foram vítimas de violência, abuso e injustiças graves. Elas aprendem sobre seus direitos e sobre qual a situação das meninas em seu país e no mundo, e também sobre a exploração do comércio sexual infantil. Depois, ajudam meninas a fundar seus próprios Clubes dos Direitos da Criança. As embaixadoras dos direitos da criança também ajudam as meninas nos clubes dos direitos da criança a envolver todas as meninas da escola. Os meninos também têm a chance de aprender sobre a igualdade de direitos das meninas e o comércio sexual infantil enquanto o programa do Prêmio das Crianças do Mundo é implementado na escola. Em um desses clubes, as crianças, juntas, podem:

- Disseminar o conhecimento sobre os direitos da criança
- Falar sobre e discutir a igualdade de direitos das meninas
- Fazer ouvir as suas vozes
- Exigir respeito aos direitos da criança, tanto para meninos quanto para meninas!

E muito mais!

Nas páginas 86–113 você pode ler sobre direitos das meninas e comércio sexual infantil.

A Loteria Sueca do Código Postal possibilitou ao Prêmio das Crianças do Mundo, em colaboração com a ECPAT Suécia, trabalhar pelos direitos das meninas e contra o comércio sexual infantil.



Diploma
"No último dia do treinamento, recebi um diploma que mostrava que eu estava formada como embaixadora do WCP pelos direitos das meninas. Fiquei tão orgulhosa! Senti-me importante! Eu o pendurei na minha parede."

Victory

é embaixadora pelos direitos das meninas

– Desde pequena eu sentia que as meninas são desvalorizadas e tratadas de maneira injusta aqui. Sempre quis fazer algo sobre isso, mas realmente não sabia o quê. Como Embaixadora dos Direitos da Criança do WCP, eu finalmente consegui uma chance de lutar pelos direitos das meninas, afirma Victory, 17, na pequena cidade de Ada, às margens do rio Volta, em Gana.

Victory e suas amigas estão animadas. Uma a uma, elas são chamadas e recebem o diploma que prova que elas agora são embaixadoras dos direitos da criança que lutam pelos direitos das meninas. Finalmente chega sua vez:

– Victory!

Orgulhosa, ela recebe o diploma do chefe do escritório de serviço social da região.

– Seu nome é Victory, que significa "vitória". Desejo que você tenha muitas vitórias quando se trata de mudar a vida das crianças, diz ele.

Maltratada em casa

Victory sabe que a vida precisa mudar para muitas crianças carentes em Gana. Especialmente para as meninas.

– Minha família é muito pobre. Desde que consigo me lembrar, sempre fui obrigada a trabalhar para ajudar, conta Victory.

Com dois ou três anos de idade, ela começou a ajudar a mãe a vender mexilhões do rio no mercado e a cuidar das tarefas domésticas com suas irmãs. Elas lavavam os pratos, limpavam a casa e cozinhavam.

– Meu pai nunca me amou.

Treinamento de Embaixadora
"Aprendi muitas coisas sobre os direitos da criança, especialmente sobre os direitos das meninas e o comércio sexual infantil. Sinto que fiquei mais forte junto com as outras meninas."

Mas ele sempre me espancava. Tenho cicatrizes por todo o corpo. Meus irmãos também. Nunca me esqueço de uma ocasião, quando eu tinha doze anos, em que meu pai chegou em casa tarde da noite. Ele me acordou e me mandou aquecer sua sopa. Eu estava atordoada e um pouco desajeitada, então derramei um pouco sobre ele acidentalmente. Ele ficou louco e me bateu com tanta força que achei que eu fosse morrer. Ele gritou: "Não se esqueça de que há crianças no cemitério! Quer fazer companhia a elas?"

TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: JOHAN BJERKE

Victory, 17

Mora: Em Ada, à beira do rio Volta.
Adora: dançar.
Detesta: Quando crianças são maltratadas.
O melhor que aconteceu: Começar a frequentar a escola.
O pior aconteceu: Meu pai ter abusado de mim.
Quer ser: Repórter de TV.
Sonho: Fundar uma pré-escola para crianças pobres, onde elas recebam comida e amor.

Torna-se trabalhadora infantil

Quando Victory completou 14 anos, a vida tornou-se ainda mais difícil. Seu pai se recusou a pagar sua educação, embora tivesse prometido fazê-lo.

– Comecei a carregar conchas em caminhões para sustentar a família e para poder continuar frequentando a escola. Cada carga pesa 30 quilos e é preciso carregá-la na cabeça. Era muito pesado. Eu era muito menor na época. Muitas vezes, eu ficava doente, com febre e dores por todo o corpo devido à exaustão. Eventualmente, tive que começar a trabalhar também como lavadora de pratos em um restaurante nos fins de semana e durante as férias escolares. Minha vida continua assim, e nos dias em que carrego conchas eu não vou à escola.

Direitos das meninas

Foi quando Victory teve que trabalhar tão duro que ela começou a pensar muito sobre o fato de que meninas e meninos não são tratados da mesma maneira.

– Somos nós, as meninas, que fazemos tudo em casa. Os meninos jogam futebol e brincam com seus amigos e têm muito tempo e energia para fazer o dever de casa.

"Primeiro, eu varro o quintal, busco água no rio, lavo os pratos e tiro o lixo. Depois, eu e minhas irmãs pegamos mexilhões do rio. Em seguida, eu me lavo e como o desjejum antes de ir para a escola, às oito horas."

Nós, meninas, temos que ajudar a ganhar dinheiro para a família, para garantir a sobrevivência de todos. Nós perdemos muitas aulas e atividades escolares. Algumas famílias optam por não enviar as filhas à escola. Eles pensam que a única coisa que nós realmente podemos fazer é trabalhar duro e ficar em casa. Que esta é nossa missão na vida.

O que Victory considera o pior de tudo é que as meninas de famílias pobres vivem muito perigosamente.

– Às vezes, as meninas são expulsas de casa e obrigadas a cuidar de si mesmas. Quando isso acontece, elas se tornam alvos fáceis para a exploração. Em troca de comida, de um lugar para dormir ou de dinheiro, elas acabam no comércio sexual infantil. Rapazes nunca seriam expulsos de casa desta forma. Em outros casos, nossos pais são enganados. As pessoas vêm e dizem que podem oferecer à filha da família trabalho como empregada doméstica, balconista ou garçonete em qualquer cidade. Os pais têm pouco dinheiro e essas pessoas prometem dinheiro do futuro salário da menina. Mas não haverá mais dinheiro. Em vez disso, as meninas acabam no comércio sexual infantil.

Torna-se Embaixadora

Desde que Victory começou a carregar conchas nos cami-

"Eu carrego conchas do rio para os caminhões duas vezes por semana. Os motoristas avisam no dia anterior e, nesses dias, eu e muitas das meninas aqui não podemos ir à escola. Cada carga que levamos na cabeça pesa cerca de 30 quilos, e eu recebo 10 cedis (4,5 dólares) por um dia de trabalho."

nhões, ela queria fazer algo a respeito do fato de que meninas são tratadas muito pior que rapazes.

– Acho isso incrivelmente estúpido e injusto. Somos iguais! Eu sempre quis lutar para que nós, meninas, tenhamos uma vida melhor, mas não sabia como fazê-lo. Porém, eu e outras meninas aqui de Ada fomos convidadas, pelo Prêmio das Crianças do Mundo, a fazer um curso em três dias sobre os direitos da criança a fim de sermos embaixadoras que lutam para que as meninas tenham condições melhores. Pensei "enfim", e aceitei imediatamente!

No curso, Victory aprendeu sobre os direitos da criança, a igualdade de direitos das meninas, o comércio sexual infantil e sobre o programa do Prêmio das Crianças do Mundo.

– Foi a primeira vez que estive em uma situação onde se falava sobre direitos das meninas. Também foi a primeira vez que alguém se interessou em ouvir nossas histórias.

Dissemina o conhecimento

No último dia do programa, Victory e suas amigas receberam o diploma, que é a prova de que elas agora são embaixadoras pelos direitos da criança que lutam pelos direitos das meninas.

"Às terças e sextas-feiras eu e minhas irmãs ajudamos nossa mãe a vender mexilhões no mercado. Nos dias de mercado, eu normalmente não tenho tempo para nenhuma atividade relacionada à escola."

"Sempre que tenho tempo, eu tento ler minha revista O Globo. Eu a acho ótima. Ela me ensina muito sobre meus direitos e a situação das crianças ao redor do mundo. Muitas vezes, eu me identifico. Por exemplo, com as histórias do Nepal, onde também há meninas que têm de trabalhar duro, assim como eu. Isso me deixa triste, porque é injusto! As histórias da revista O Globo me convencem a querer lutar pelos direitos das meninas."

Cinco vezes Victory mostra as roupas de seu guarda-roupa

Todas as cinco meninas são Victory e, da esquerda para a direita, ela está vestida como: Embaixadora dos Direitos da Criança, vendedora do mercado, aluna de sua escola, carregadora de mexilhões e religiosa em seu belo vestido de domingo.

– Meu uniforme escolar obviamente é minha roupa favorita. É uma prova de que eu frequento a escola, e acho que fico bonita nele, diz Victory.

Colar da Votação Mundial

As fitas amarelas e verdes trançadas que as embaixadoras usam em volta do pescoço chamam-se Kpa Na Lo.

– Os trabalhadores eleitorais de vários partidos costumam usar estas fitas antes das eleições políticas. Neste caso, as fitas têm as cores do partido. Como embaixadoras dos direitos da criança, escolhemos amarelo e verde logo antes da Votação Mundial porque achamos bonito, conta Victory.

– Fiquei tão orgulhosa! Desde esse dia, eu e minhas amigas embaixadoras trabalhamos de diversas formas para que as meninas sejam respeitadas e tenham um futuro melhor. Em primeiro lugar, treinamos as meninas sobre seus direitos e as ajudamos a fundar clubes dos direitos da criança. As garotas nos clubes, por sua vez, treinam outras meninas. Mas igualmente importante é ensinarmos aos professores e diretores sobre os direitos das meninas, a exploração sexual infantil e como usar a revista O Globo e o Prêmio das Crianças do Mundo em sala de aula.

– Falamos muito sobre o fato de que meninas e meninos têm a mesma dignidade e devem ser tratados da mesma maneira. Que é óbvio que meninos e meninas deveriam dividir todo o trabalho igualmente, para que as meninas não sejam obrigadas a faltar tanto à escola e tenham mais tempo e energia para fazer o dever de casa corretamente.

– Eu realmente acredito que a informação e disseminação do conhecimento farão com que os direitos das meninas sejam respeitados no futuro!

Treina diretores e professores

"Eu também ensino sobre os direitos da criança, os direitos das meninas e o comércio sexual infantil para professores e diretores. A ideia é que eles passem adiante aquilo que lhes ensinamos, para seus alunos quando estes participam do programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Normalmente, crianças nunca ensinam aos adultos aqui. Nunca! Mas eles realmente ouvem e nos levam a sério."

Aqui, professores são treinados na Presby Junior High School.

Rádio dos Direitos da Criança

"Costumo ouvir um programa de notícias para crianças, chamado Notícias Infantis na Rádio Ada. Há muito tempo queria participar e falar sobre os direitos das meninas no programa, mas eu não tinha coragem. Porém, depois do programa de treinamento de embaixadora, obtive mais coragem e autoconfiança, por isso no último sábado aventurei-me a participar, pela primeira vez. Eu falei sobre os direitos das meninas, o comércio sexual infantil e o Prêmio das Crianças do Mundo. Eu estava muito nervosa, mas senti que tinha coisas importantes a dizer, então o fiz de qualquer maneira. E mal posso esperar pela a próxima transmissão!"

Clubes dos Direitos da Criança

"Nós, embaixadoras, ajudamos meninas a fundar clubes dos direitos da criança. Nós ensinamos sobre os direitos da criança, especialmente das meninas, o comércio sexual e o programa do WCP. Os clubes são muito importantes para as meninas aprenderem sobre seus direitos, para que elas saibam por que devem lutar. Depois, os clubes espalham seus conhecimentos adiante para meninas de outras escolas da região. Nos clubes. nós também tentamos auxiliar o membro que precisa de ajuda extra, fazendo cobertores e roupas de bebê de crochê, que vendemos no mercado. O dinheiro pertence ao clube, mas é dado para a pessoa que precisa de ajuda naquele momento."

Aqui, um clube de meninas é fundado na Escola Básica Metodista.

Últimas Notícias!

A estação de rádio onde Victory fala sobre os direitos das meninas tem um gongo como símbolo. Antigamente, os chamados "Town Cryers" (Gritadores da Cidade) vagavam entre as aldeias em Gana e nos contavam as últimas notícias. Para que o maior número possível de pessoas os ouvissem, eles batiam em um gongo para reunir todos. Agora, as últimas notícias e informações sobre os direitos das meninas, o comércio sexual infantil e o Prêmio das Crianças do Mundo são transmitidas pelo rádio na região onde Victory mora.

Comércio sexual infantil na guerra

"Eu vivo aqui no campo de refugiados há dois anos por causa da guerra no meu país, a Costa do Marfim. A guerra é muito perigosa para nós, meninas. Tornamo-nos vítimas de abusos cometidos por soldados, e muitas vezes os homens na guerra exploram o fato de que muitas meninas são pobres e famintas. Incialmente, eles parecem gentis e dizem: 'Venha comer conosco, se você estiver com fome!' Mas a menina não terá comida a menos que permita que eles a explorem. Isso é chamado de comércio sexual infantil. Eu aprendi isso na revista O Globo, que lemos juntos no Clube dos Direitos da Criança do WCP aqui no acampamento. Mesmo quando os soldados prometem não matar os pais ou irmãos de uma menina se puderem dormir com ela, isso é comércio sexual infantil.

A revista O Globo conta sobre como os direitos da criança são violados de todas as maneiras possíveis na guerra. Crianças muitas vezes são sequestradas e forçadas a acompanhar os soldados em acampamentos e bases. Meninos e meninas também são forçados a se tornarem soldados. Quando há guerra, escolas são fechadas e os professores precisam fugir para salvar suas vidas, assim como todas as outras pessoas. Não ir à escola viola nossos direitos.

Agora vou me tornar Embaixadora dos Direitos da Criança do WCP e terei a chance de ensinar a outras meninas sobre nossos direitos. Se muitas pessoas receberem esse conhecimento, o mundo será melhor para as crianças em todos os lugares. Até mesmo na Costa do Marfim!"

Manuella, 12, Clube dos Direitos da Criança do WCP, campo de refugiados Ampain, Gana.

Cartazes eleitorais

Produção de cartazes sobre os direitos da criança e sobre os candidatos.

Cabine de votação

Quando as estacas estão fixadas no chão, a cabine de votação é montada com tradicionais esteiras de palha trançada.

Votação Mundial na High Class

- Ontem nós ajudamos as embaixadoras do clube dos direitos da criança da High Class Academy a implementar sua Votação Mundial. A votação é importante porque nós temos a chance de apoiar verdadeiros líderes que lutam por nós, crianças, explica Victory.

Urna de leques!

– Fizemos a urna com leques de bambu costurados com fios de cores vibrantes, e ficou muito boa, explica Victory.

Tinta de lele contra fraude eleitoral

Sentadas à sombra de uma árvore estão Elisabeth, 14 anos, Vivian, 13, Belinda, 14, e Francisca, 13, todas membros do clube dos direitos da criança do WCP, preparando tintas vermelha, branca e preta. Todos as crianças que votarem serão marcadas com cor no rosto, de modo que ninguém possa votar mais de uma vez.

Cor vermelha:
Folhas da árvore de lele são trituradas com uma pedra, junto com sal grosso. Depois, adiciona-se um pouco de água. A massa é espremida com as mãos e o sumo é tinta vermelha, pronta para uso.

Cor branca:
Giz triturado misturado com água.

Cor preta:
Carvão de lareira misturado com água.

Fila de votação

Faz calor e a fila de votação é longa, mas tudo corre tranquilamente hoje na Votação Mundial.

Mostre o cartão de identificação!

Tudo bem, você está na lista de eleitores.

Uma pontada de urnas

A embaixadora dos direitos da criança Bernice corta estacas para a cabine de votação em um bosque de nim.

Prosper, 13, uma das repórteres da rádio da escola, High Class Radio Station, que cobriram Votação Mundial de hoje.

Academy

Ali está a urna eleitoral!

Victory mostra o caminho da cabine de votação até a urna eleitoral.

Nada de voto sem o cartão de identificação!

Todos os votantes devem ter estes cartões de identificação.

Rádio da High Class

Reunião editorial debaixo da árvore. Os repórteres de rádio do dia discutem a cobertura da Votação Mundial.

"Meninas, convidem a nós, meninos!"

"Hoje eu sou repórter da nossa estação de rádio da escola, a High Class Radio Station 93,1. Eu pergunto a colegas de escola o eles pensam ao votar e coisas assim. Todos a quem pergunto acham que este é um dia importante porque se trata dos nossos direitos, ou seja, a coisa mais importante que existe. Todos a quem entrevistei concordaram que ninguém deve violar os nossos direitos. Nós aprendemos isso através do Prêmio das Crianças do Mundo. E quando conhecemos nossos direitos também podemos nos proteger melhor.

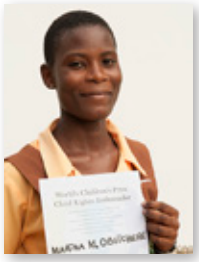
As embaixadoras do WCP ajudaram as meninas das nossas escolas a fundar clubes dos direitos das crianças do WCP, mas nós, meninos, ainda não fomos convidados. Espero que sejamos convidados em breve, pois também é importante para nós.

Aqui em Gana a vida das meninas é muito mais difícil, então eu entendo que elas fundem clubes para si mesmas inicialmente, e aprendam sobre seus direitos. Mas depois, acho que seria bom se nós também participássemos. Para que as meninas tenham uma vida melhor no futuro, nós, rapazes, precisamos aprender que as meninas têm exatamente os mesmos direitos que nós.

Hoje foi um dia fantástico. Votar e poder mostrar nosso apoio a VERDADEIROS líderes que lutam por nossos direitos foi uma sensação incrivelmente boa. Agora, vamos escrever nossas reportagens para que todos na escola possam aprender sobre todas as coisas importantes que aconteceram aqui hoje."

Prosper, 13, High Class Academy.

TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: JOHAN BJERKE



Somos todas embaixador

Conheça quatro embaixadoras dos direitos das meninas recém-graduadas!

Juntas, somos fortes!

"Acabo de tornar-me embaixadora dos direitos da criança pelos direitos das meninas. Eu também participo do clube dos direitos da criança do WCP. Isso me dá a chance de contar a outras meninas sobre nossos direitos, pois é realmente necessário aqui em Gana.

Nós, meninas, podemos apenas trabalhar duro nas tarefas domésticas. É inútil! Isso não é justo! Os meninos deveriam fazer tudo que fazemos também. Deveríamos dividir tudo igualmente. Temos o mesmo direito a uma boa educação e bons empregos. Nós também somos inteligentes. Tudo que os meninos fazem, nós também podemos fazer. Muitas vezes, fazemos até melhor!

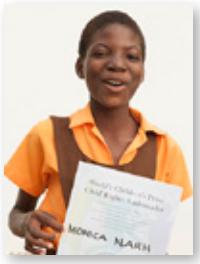
Como embaixadora, desejo encorajar todas as meninas e mulheres a ousarem exigir ser bem tratadas. É preciso ousar isso!

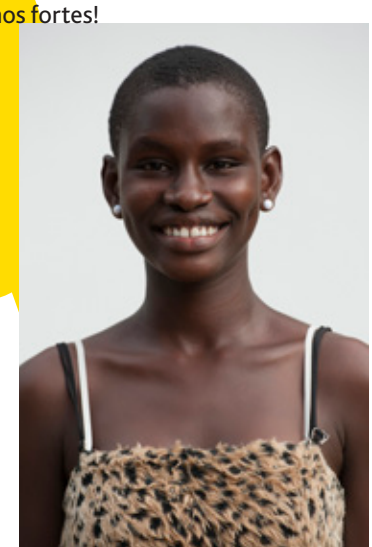
Uma de minhas melhores amigas teve muitos problemas. Sua família é muito pobre. Um dia, um homem de cinquenta e poucos anos de idade disse à mãe da minha amiga: "Dê-me a menina, e vocês terão comida, dinheiro e tudo mais que precisarem."

A mãe deu minha amiga para o homem. Ela tinha apenas treze anos na época. Agora sei que aquilo a que ela foi submetida é chamado comércio sexual infantil. Eu a acompanhei até o hospital e depois à polícia. Incentivo-a a continuar frequentando a escola e participar de nosso clube dos direitos da criança. Ela precisa do nosso apoio porque, de outra forma, estaria sozinha com suas experiências difíceis. Em nossas aldeias, dizemos que "Juntos construímos", "Sozinhos caímos". É exatamente assim com o clube dos direitos da criança e os direitos das meninas. Juntas, somos fortes!

No futuro, quero ser apresentadora de televisão e contar às pessoas o que está acontecendo no mundo."

Deborah, 14, Embaixadora dos Direitos da Criança do WCP, Ada, Gana





Recusa-se a ficar calada

"Eu cresci no país vizinho, Togo, com meu pai. Nunca vi minha mãe. Quando eu estava no sexto ano, meu pai achou que eu tinha que vir morar aqui em Gana, com minha tia, e continuar a escola. Vim e, no começo, eu era bem tratada, mas tudo mudou no dia em que desapareceu dinheiro na casa. Minha tia me acusou, mesmo eu sendo inocente. Ela disse que não poderiam ter sido seus filhos, porque entre eles certamente não havia ladrões! Depois disso, ela se recusava a me ajudar com dinheiro para a escola. Para conseguir permanecer na escola, eu tive que começar a transportar cargas pesadas com cascas de mexilhão do rio até os caminhões. Também comecei a lavar roupa para as pessoas.

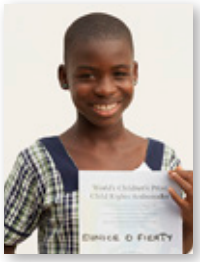
Imagine que meu pai me enviou para Gana, mas deixou meus dois irmãos ficarem com ele no Togo. Isso nunca teria acontecido se eu fosse um menino. Não está certo!

Agora sou embaixadora do WCP e membro do clube dos direitos da criança. Isso é ótimo. Antes eu não sabia nada sobre os meus direitos. Eu não tinha nada a dizer na casa da minha tia e obedecia a todas as imposições.

Agora eu sei que é meu direito dizer o que penso, ter uma opinião e ser ouvida. Portanto, me recuso a ficar em silêncio por mais tempo. Eu sei que é meu direito ir à escola e digo isso à minha tia. O clube dos direitos da criança me dá a coragem de ousar exigir meus direitos!

No futuro, eu quero ser professora de matemática e ciências."

Racheal, 15, Embaixadora dos Direitos da Criança do WCP, Ada, Gana



as dos direitos da criança

Aprenda os direitos no clube

"Meninos e meninas não são tratados igualmente aqui. Quando é hora de cozinhar ou limpar, os pais dizem que os meninos podem sair e brincar com seus amigos, enquanto as meninas são obrigadas a ficar em casa trabalhando. Eu acho que os meninos deveriam nos ajudar nas tarefas domésticas. Nós, meninas, também queremos brincar às vezes e apenas nos divertir.

Se eu peço para visitar minhas amigas, às vezes sou espancada em casa, porque eles acham que vou me encontrar com meninos. Como castigo, por vezes fico sem dinheiro para os livros e taxas escolares, e então fica difícil conseguir estudar. Às vezes eu fico sem comida. Essas coisas nunca aconteceriam com um menino.

Agora sou embaixadora dos direitos da criança e participo de um clube dos direitos da criança do WCP. Lá, aprendemos que nós, meninas, realmente temos exatamente os mesmos direitos que os meninos. Antes, eu não sabia nada sobre os meus direitos. Graças ao clube, sei por que minhas amigas e eu devemos lutar!

No futuro, quero ser policial. Acho que as policiais femininas têm um trabalho importante."

Sarah, 15, Embaixadora dos Direitos da Criança do WCP, Ada, Gana

Não ao tráfico de seres humanos

"Aqui, as meninas podem ser vulneráveis ao tráfico. Elas são vendidas e levadas de um lugar para outro, para trabalhar. Isso aconteceu comigo quando eu tinha dez anos. Minha família era muito pobre. Quando uma mulher se ofereceu para cuidar de mim e certificar que eu frequentasse a escola, minha mãe e eu ficamos felizes.

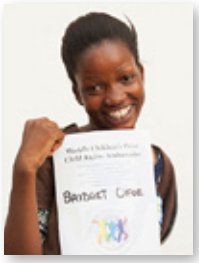
Pensei que eu iria para a escola todos os dias. Em vez disso, era muito pouca educação e um monte de trabalho. No início da manhã, eu vendia água no mercado e, à tarde, livros escolares e outras coisas. Um dia, a filha da mulher recebeu uma nota falsa de um cliente no mercado, mas todos me acusaram. Bateram-me com tanta força que ainda tenho cicatrizes no meu corpo. Queimaram-me as pernas com madeira em brasa e me bateram com uma panela de ferro nas costas. E eles se recusaram a pagar meu salário.

Como eu não tinha para onde ir, fui obrigada a trabalhar como escrava por dois anos. Mas um dia, quando havia sido fortemente espancada, eu me cansei. Coloquei meu vestido favorito e fugi. Eventualmente, vim parar aqui na Ada com minha tia.

Agora estou no nono ano e sou embaixadora dos direitos da criança e membro de um clube dos direitos da criança do WCP. Antes de entrar para o clube, eu não sabia nada sobre os direitos da criança ou a igualdade de direitos das meninas. Mas agora eu sei que tenho direito à educação e que tenho o direito de viver com os meus pais.

Sendo Embaixadora dos Direitos da Criança do WCP, posso falar com outras meninas sobre nossos direitos. Para que elas não sejam enganadas e acabem na mesma situação que eu. É importante conhecer seus direitos. Se você ler a revista O Globo, você estará bem informado sobre eles!

Theresa, 15, Embaixadora dos Direitos da Criança do WCP, Ada, Gana



TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: JOHAN BJERKE

Embaixadoras dos direitos da

– Há uma guerra contra as meninas em nossa escola. Aqui, meninas são abusadas por professores e pelo diretor em troca de notas em testes e aprovação. Isso é comércio sexual infantil, diz Maria Rosa, 17 anos, embaixadora dos direitos da criança do WCP no internato em Namaacha, Moçambique. Maria Rosa luta junto com Sarah e Fátima pelos direitos das meninas na escola do Terror.

É importante participar da Votação Mundial e celebrar os direitos da criança.

Guerra contra as meninas

Moro aqui na escola há quatro anos. Antes de me mudar para cá, eu mal podia esperar para começar. Mas logo percebi que havia algo errado. Ninguém trata as crianças bem nesta escola. Sejam os professores, o diretor, os guardas ou os responsáveis pelos dormitórios. É como se eles estivessem em uma guerra contra nós, meninas.

Um dia fui chamada pelo diretor. Ele me mandou fechar a porta e começou a passar um filme pornográfico em seu computador. Ele disse que eu devia assistir. Quando lhe perguntei por que, ele respondeu que eu obviamente já sabia tudo que as pessoas fazem nesse tipo de filme. Depois, ele perguntou se eu ia dizer a verdade ou não.

Respondi que eu sempre dizia a verdade. Ele me mostrou uma lista com nomes de alunos da escola, apontou o nome de um menino e perguntou se era verdade que eu namorava aquele rapaz. Eu respondi a verdade, que eu não tinha namorado. Então, ele disse que eu estava mentindo.

Assuntos privados

Em seguida, ele perguntou se eu era virgem e eu respondi que sim. Ele me mandou mostrar as palmas das mãos, e disse: "Você está mentindo! Posso ver pelas suas mãos que você não é virgem!"

Afirmei que todas as perguntas que ele me fez eram assunto meu e que eram muito privadas. Então ele disse: "Sou o seu diretor e sou mais velho que você! Tenho o direito de questionar sobre essas coisas. Tome cuidado para que eu não conte a seus pais!"

Respondi que minha mãe e meu pai sabem que eu sempre falo a verdade e que eu mesma lhes contaria o que aconteceu. Então ele declarou: "Se você fizer isso, vou expulsá-la da escola e garantir que não consiga frequentar nenhuma escola em Moçambique, enquanto você viver! Agora pode mandar sua colega que está sentada aí fora entrar." Naquele dia, o diretor interrogou muitas meninas na escola da mesma forma.

Exploram a fraqueza

Mas o dia de interrogatório não é a pior coisa que acontece aqui na escola. Os professores nos ameaçam dizendo que não teremos boas notas nos exames nem aprovação se não nos deitarmos com eles. O mesmo se aplica ao diretor.

Uma das minhas amigas e eu estávamos na mesma classe antes. Ela não se sai muito bem na escola e eu tive resultados consideravelmente melhores que os dela nos testes. Quando o diretor percebeu sua fraqueza, ele a usou para conseguir o que queria. Como temia fracassar e não conseguir concluir os estudos, ela se sentiu obrigada a fazer tudo que o diretor pediu.

Depois disso, ela foi aprovada em todos os testes e teve notas ótimas. Embora eu seja melhor aluna, ela foi promovida para o 12º ano e eu continuo no 10º. Fui reprovada por me recusar a fazer o que o diretor exige de mim.

O medo desapareceu

Eu fico com raiva e nervosa quando nós, meninas, somos usadas desta maneira. Acho que isso tem muito a ver com o fato de que fui abusada quando eu tinha apenas oito anos. Há muito tempo eu queria lutar contra todas as coisas terríveis que acontecem na escola, mas não sabia como fazer.

Mas, então, um dia eu fui selecionada para participar do treinamento para embai-

criança na escola do Terror

Nem todos praticam abusos

OBS! Não são todos os professores e guardas do internato Namaacha que abusam das meninas.

As três amigas, Maria Rosa, Sarah e Fátima vivem no internato da escola do Terror. Muitas das meninas que vivem no internato vêm de famílias pobres, longe dali.

xadora dos direitos da criança de Prêmio das Crianças do Mundo. A revista O Globo abriu meus olhos. Percebi que não podia mais tolerar as coisas a que estávamos expostas a na escola. Que deveríamos ser como as meninas na revista O Globo e lutar pelos direitos, tanto nossos quanto dos outros. Antes, só víamos os problemas e não sabíamos o que fazer. Agora aprendemos sobre nossos direitos e a quem devemos recorrer se formos expostas a coisas erradas, por exemplo, à polícia e ao Ministério da Educação. Antes, nós temíamos dizer o que pensamos. Mas o Prêmio das Crianças do Mundo tirou nosso medo. De repente, sentimo-nos fortes para enfrentar todos aqueles que violam nossos direitos.

Odeiam as embaixadoras

Desde o dia em que as embaixadoras dos direitos da crianças voltaram do treinamento e decidiram iniciar o programa do WCP na escola, o diretor e os professores passaram a nos temer. Eles começaram a odiar o Prêmio das Crianças do Mundo e não querem nós ensinemos a outras meninas e rapazes sobre nossos direitos, pois querem continuar a nos explorar. Uma vez que aprendemos que as coisas a que somos expostos violam nossos direitos e a quem devemos contatar se tivermos problemas, fica muito mais difícil para eles continuar o que estão fazendo.

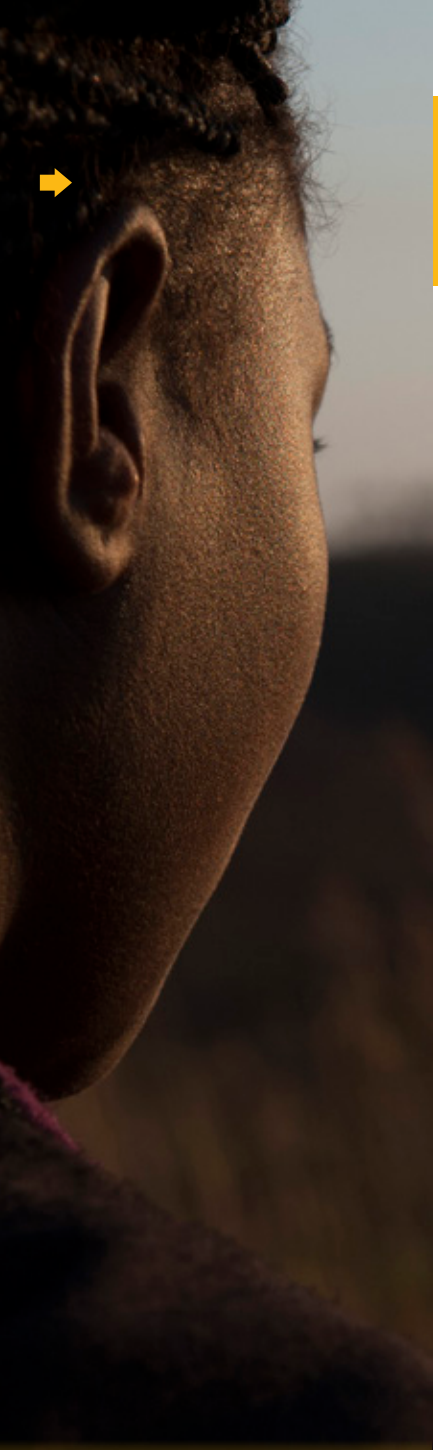
Eles querem que nós, meninas, permaneçamos na ignorância. Mas isso nunca vai acontecer, pois agora nós temos conhecimento. E estamos fartas!

Hoje tivemos a Votação Mundial na escola, mas o diretor e muitos dos professores se opuseram e sabotaram a nossa eleição desde o início. Professores de diversas classes não distribuíram a revista O Globo aos alunos. Nem um único professor veio à Votação Mundial hoje. Está claro que as pessoas do lado da escola são totalmente contra nós aprendermos a coisa mais importante que temos, os nossos direitos.

Os adultos trabalharam contra nós em todos os sentidos, mas, para nós, era extremamente importante realizar a Votação Mundial e celebrar os direitos da criança na escola. Porque sabemos que o diretor e os professores estão fazendo comércio sexual infantil. Eles usam de seu poder para conseguir o que querem.

Não deixaremos de informar sobre os direitos das meninas até que todo o abuso em nossa escola e em todas as outras tenha acabado!"

Maria Rosa, 17, embaixadora dos direitos da criança do WCP, Escola Secundária da Namaacha, Moçambique



– O que os professores e o diretor fazem com as meninas da escola me deixa muito triste. O pior de todos é o próprio diretor, diz Sara.

Sara tem diretor horrível

Um sábado, eu estava lavando roupa atrás da escola quando o diretor chegou e estacionou seu carro. Ele me disse para ir buscar um prato de comida para ele na cozinha. Quando lhe entreguei o prato, ele me mandou entrar no carro. Não entendi porque, mas ele disse que se eu não obedecesse, me expulsaria da escola.

Quando sentei ao seu lado, o diretor começou alisar minhas pernas e tirou minha capulana, o tecido que eu usava como uma saia. Fiquei nua da cintura para baixo. O diretor pegou o telefone celular e tirou fotos de mim nua. Ao mesmo tempo, ele melou a mim e a si mesmo. Eu estava apavorada.

Quando terminou, ele me deu um pacote de biscoitos e um refrigerante, e me disse para não contar a ninguém sobre o que tinha acontecido. Caso contrário, eu levaria uma surra e depois ele me expulsaria da escola.

Abusada novamente

Um domingo quando eu voltava da igreja, o diretor parou e mandou-me entrar no carro. Eu recusei, mas ele disse que iria me fazer ter que sair da escola. Fiquei muito assustada para dizer não.

O diretor afirmou que iria para a escola, mas dirigiu para uma direção totalmente diferente, durante pelo menos uma hora. Eu estava tão assustada que não conseguia me mover. Em um lugar isolado, ele parou o carro e tirou toda a minha roupa. Ele me obrigou a deitar no banco de trás e, em seguida, ele me tocou por todo o corpo. Para mim, é como se eu tivesse sido estuprada pelo meu próprio diretor.

Sente muita vergonha

Um dia, uma de minhas colegas de classe contou que o diretor havia lhe mostrado fotos em que eu estava nua. Foi terrível. Senti-me tão envergonhada. Acho que o diretor faz o mesmo com ela. Foi por isso que ele mostrou minhas fotos a ela. Sinto-me desconfortável e envergonhada de saber que minhas fotos nua estão no telefone celular do diretor. Isso me incomoda. O que ele faz com as fotos?

As embaixadoras dos direitos da criança ensinaram às meninas da escola sobre nossos direitos. Agora eu sei que o que acontece comigo e com outras meninas é contra nossos direitos. As embaixadoras também me tornaram mais corajosa. Para mim, chega. Eu quero contar para que todos saibam como o diretor se comporta com as meninas. Para que isso não volte a acontecer comigo ou com qualquer outra pessoa. Um diretor deveria ser uma boa pessoa, que cuida de seus alunos. O que temos aqui é exatamente o oposto. Ele deveria ser expulso da escola e nunca mais poder trabalhar com crianças."

Sara, 17 anos, membro do clube dos direitos da criança do WCP, Escola Secundária da Namaacha, Moçambique

O local de votação na escola do Terror.

Fátima ousa lutar

Quando cheguei à escola, há quatro anos, os professores nos respeitaram durante um mês. Eles nos viam como estudantes, como crianças. Nós aprendíamos muito. Depois, tudo mudou. Os professores começaram a me difamar e dizer: "Se você não vier ao meu quarto, não poderá fazer o primeiro teste importante". Eu tinha quatorze anos na época.

Muitas meninas que se sentiam obrigadas a ficar com os professores para passar nos testes e ter boas notas. Quando fazemos os exames finais, isto fica particularmente claro. Muitas estão nervosas, temendo não passar nos testes e, muitas vezes, ficam até tarde estudando nos dormitórios. Nessas ocasiões, é frequente um professor vir até nós e dizer: "Venha ao meu quarto e eu vou garantir que você passe de qualquer maneira."

As meninas que dormem com professores tiram boas notas e passam nos exames sem problemas. Aquelas que não o fazem tiram notas ruins, muitas vezes não passam no exame e precisam repetir o ano.

Dormitórios inseguros

Os professores se voltam para nós que vivemos aqui no internato da escola porque somos pobres. Em troca de sexo, os professores não oferecem apenas boas notas, mas também boa comida e dinheiro. A qualquer hora um professor pode entrar e levar meninas para seu quarto. Nós nunca estamos seguras.

Muitas das meninas engravidam. Nesses casos, os professores as levam ao hospital para abortar. Às vezes, os professores dão algum tipo de medicação às meninas para a criança a sair. Quando as meninas voltam para a escola, muitas vezes elas estão mal porque o feto ainda não saiu.

Abusam dos pobres

Até mesmo os guardas do portão da escola abusam das meninas. Se você voltar para a escola um pouco atrasada à noite, durante o fim de semana, eles dizem: "Se você não se deitar comigo, vou dizer aos seus responsáveis que você chegou tarde, e você será expulsa da escola imediatamente."

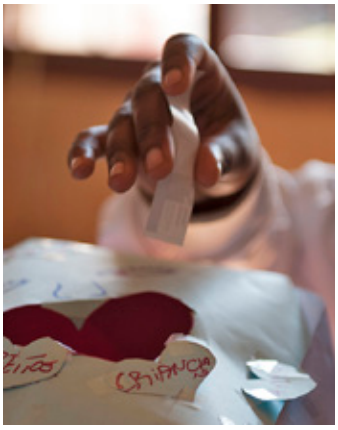
Uma menina tinha saído para uma caminhada noturna com seu namorado, e não pôde entrar até concordar em se deitar com o guarda. Isso acontece principalmente com meninas que vêm de famílias pobres, sem poder. Todos sabem que é um grande esforço para a família conseguir ter seus filhos na escola. Isso não acontece com as meninas que vêm de famílias ricas.

Nós, meninas, não ousamos desafiar o professor e dizer não. Uma das tarefas mais importantes para nós, embaixadoras dos direitos da criança é fortalecer as meninas, para que elas se atrevam a lutar por nossos direitos. O Prêmio das Crianças do Mundo nos deu mais autoconfiança e ajudou a nos livrarmos de muitos de nossos medos."

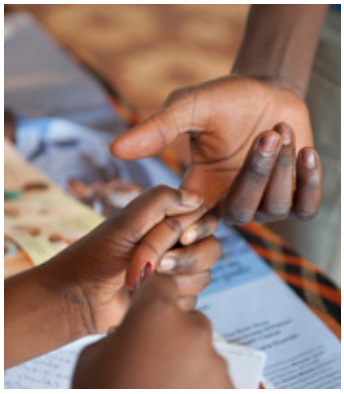
Fátima, 17 anos, embaixadora dos direitos da criança do WCP, Escola Secundária da Namaacha, Moçambique

Os professores vão ao dormitório oferecer boas notas às meninas, se estas os acompanharem.

Urna eleitoral.



Um voto pelos direitos da criança na escola do Terror.



Marcação contra fraude eleitoral.

TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: JOHAN BJERKE

É o Dia da Votação Mundial no Circo de Todo Mundo em Betim, no estado brasileiro de Minas Gerais. Há apresentações de circo, mas também uma manifestação pelos direitos da criança. As embaixadoras dos direitos da criança do grupo Atores de Direitos certificam que isso aconteça. É assim que elas chamam seu clube dos direitos da criança.

Membros do grupo Atores de Direitos apresentam-se no Dia da Votação Mundial do Circo de Todo Mundo.

Valesca

Circo pelos direitos da

Valesca, 13, e seus amigos do grupo Atores de Direitos costumam caminhar pelas ruas do bairro para saber como as crianças estão vivendo.

"Realizamos pesquisa de porta em porta depois que descobrimos que muitas crianças não vêm participar do circo porque têm muito trabalho doméstico para fazer."

O grupo Atores de Direitos também vai a escolas públicas que participam do Prêmio das Crianças do Mundo em Betim. Valesca explica como eles preparam as visitas às casas e escolas.

"Toda semana nos reunimos no Circo de Todo Mundo para discutir os direitos das da criança de Betim e das crianças que vivem em todo o Brasil."

Sayra entrega diplomas às embaixadoras dos direitos da criança do WCP.

Juntas para mudar

Sayra, 13, também membro do grupo Atores de Direitos, além de escola e das tarefas das quais se encarrega em casa, também cuida de uma criança de dois anos de idade.

"Nem sempre nós, meninas, temos voz ativa na família ou na escola. Por isso, tenho orgulho de participar do Prêmio das Crianças do Mundo.

Sayra foi escolhida por suas colegas do clube dos direitos da criança para ser presidente da comissão eleitoral na Votação Mundial.

TEXTO: CHRISTIANE SAMPAIO FOTO: PAULA RYLANDS

Mudaremos os meninos

"Muitas pessoas pensam que, por vivermos nos subúrbios, os meninos se transformarão em viciados em drogas e as meninas, em prostitutas. Somos desprezados porque somos pobres. Aprender sobre os nossos direitos é aprender a valorizar e respeitar a nós mesmos! Mesmo aqui no Circo de Todo Mundo, quando debatemos os direitos da criança, há muito preconceito contra as meninas. Mas nosso grupo vem trabalhando fortemente com os meninos e, aos poucos, estamos mudando suas atitudes."

Jordana, 15

Um alerta para os direitos das meninas!

"Estudar os direitos das meninas foi um alerta! Aqui onde eu moro há crianças que fazem trabalhos forçados e as meninas que são vendidas pelos próprios pais. Há crianças que são forçadas a trocar os estudos pelo trabalho. Isso é um crime. As crianças precisam estudar para ter um futuro melhor. O Prêmio das Crianças do Mundo é muito importante, pois defende os direitos de todas as crianças."

Yara, 15, Escola Municipal Arthur Trindade

Meninas são escravizadas

"Trabalhei com o Prêmio das Crianças do Mundo na minha escola, contando a meus colegas sobre os direitos das meninas. Há muitas meninas escravizadas e trabalhando como prostitutas infantis. Aqui em Betim é normal ver crianças trabalhando nas ruas, vendendo todos os tipos de produtos. Meninas que fazem isso são perseguidas para se tornarem prostitutas. Todos podem ver a situação e ninguém está fazendo nada sobre isso."

Scarlet, 13, Escola Municipal Arthur Trindade

Temos que conscientizar

"Temos problemas de *bullying* em nossa escola, e as meninas sofrem muito com isso. É preciso conscientizar e promover uma visão diferente da vida. Durante o Prêmio das Crianças do Mundo, fiquei muito impressionado com a solidariedade e a convicção dos nomeados. Aprendi que quando crescemos e progredimos, não devemos deixar os mais vulneráveis para trás."

Ismael, 15, Escola Municipal Adelina Gonçalves

s meninas

Lorrayne

Aprendemos muito sobre direitos das meninas. Quem não conhece seus direitos permanece ignorante e torna-se escravo! Se conhece seus direitos, você pode lutar por si mesmo", diz Sayra. Ela foi eleita presidente da Comissão Eleitoral da Votação Mundial no Circo de Todo Mundo.

Valesca conta que elas descobriram que havia um bordel na vizinhança que usava crianças.

"É por isso que promovemos debates nas escolas sobre os direitos das meninas, para fortalecer nossa voz, participar e lutar pelo crescimento de nosso país. As crianças têm o direito de se expressar, para que o mundo saiba de tais violações, e para que, juntas, possamos criar a mudança."

"Muitas crianças aqui não sabem que têm direitos. Por esta razão, durante nossas visitas às escolas também lemos os artigos da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança. Nós colocamos os principais artigos da convenção em uma caixa. A criança sorteia um, o lê em voz alta para todo o grupo e, depois, falamos sobre ele. Descobrimos que as violações dos direitos da criança estão mais próximas do que jamais imaginaríamos ao começar este exercício! Há muito abuso!", diz Lorrayne, 13, também embaixadora dos direitos da criança do grupo Atores de Direitos.

Crianças são melhores para falar de direitos

"Quando aprendemos sobre nossos direitos com o Prêmio das Crianças do Mundo, sabemos como agir diante de determinadas situações. Agora queremos dizer a outras crianças sobre a importância de nossos direitos. Como adolescentes, somos naturalmente as melhores pessoas para fazê-lo."

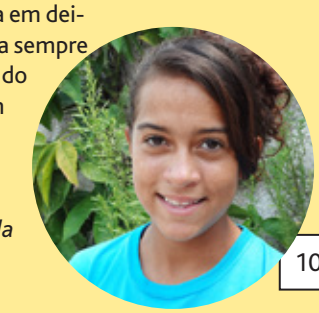
"Porém, os adultos não confiam em nós, eles não acreditam que sejamos capazes. Hoje, durante a Votação Mundial, fiquei impressionada ao ver tantas crianças interessadas em debater sobre os direitos da criança. Os assuntos que discutimos aqui durante o Dia da Votação Mundial são importantes para a vida de cada criança."

Esther, 16 e Joyve, 15, Escola Municipal Maria Aracélia Alves

Meus irmãos não ajudam

"Em minha opinião, aprender sobre os direitos das meninas significa adquirir conhecimento para a vida. Agora quero compartilhar esse conhecimento com minhas primas e colegas de escola. Sinto na própria pele a enorme lacuna entre meninas e meninos em relação aos direitos da criança. Na minha casa somos seis pessoas. Como sou a única menina, as tarefas mais difíceis são deixadas para mim. Nenhum dos meus quatro irmãos ajuda com o trabalho doméstico. Além de ir à escola, eu também trabalhava como babá, cuidando de uma criança de cinco anos. Foi um período muito difícil. Às vezes, eu não tinha tempo para almoçar, porque me preocupava em deixar a casa arrumada para minha mãe. Ela sempre chega muito cansada do trabalho. Quando peço a meus irmãos para me ajudar com as tarefas domésticas, eles se recusam. Às vezes são até agressivos quando eu peço ajuda."

Kethelin Jenyffer, 12, EMEF Ruth Nunes da Trindade, São José dos Campos, Brasil



Vamos ensinar os direitos das meninas

"No Brasil, meninos geralmente têm mais direitos que meninas. Nós, meninas, precisamos lutar para que a sociedade reconheça que nós também temos nossos direitos. Em 2014, eu e meus amigos visitaremos escolas de nosso município, para que mais crianças e adolescentes tenham conhecimento sobre os direitos das meninas. Gostaríamos de conscientizar outras crianças sobre como os direitos das meninas fazem a diferença em nossas vidas."

Ana Carolina, 13, EMEF Maria de Melo, São José dos Campos, Brasil

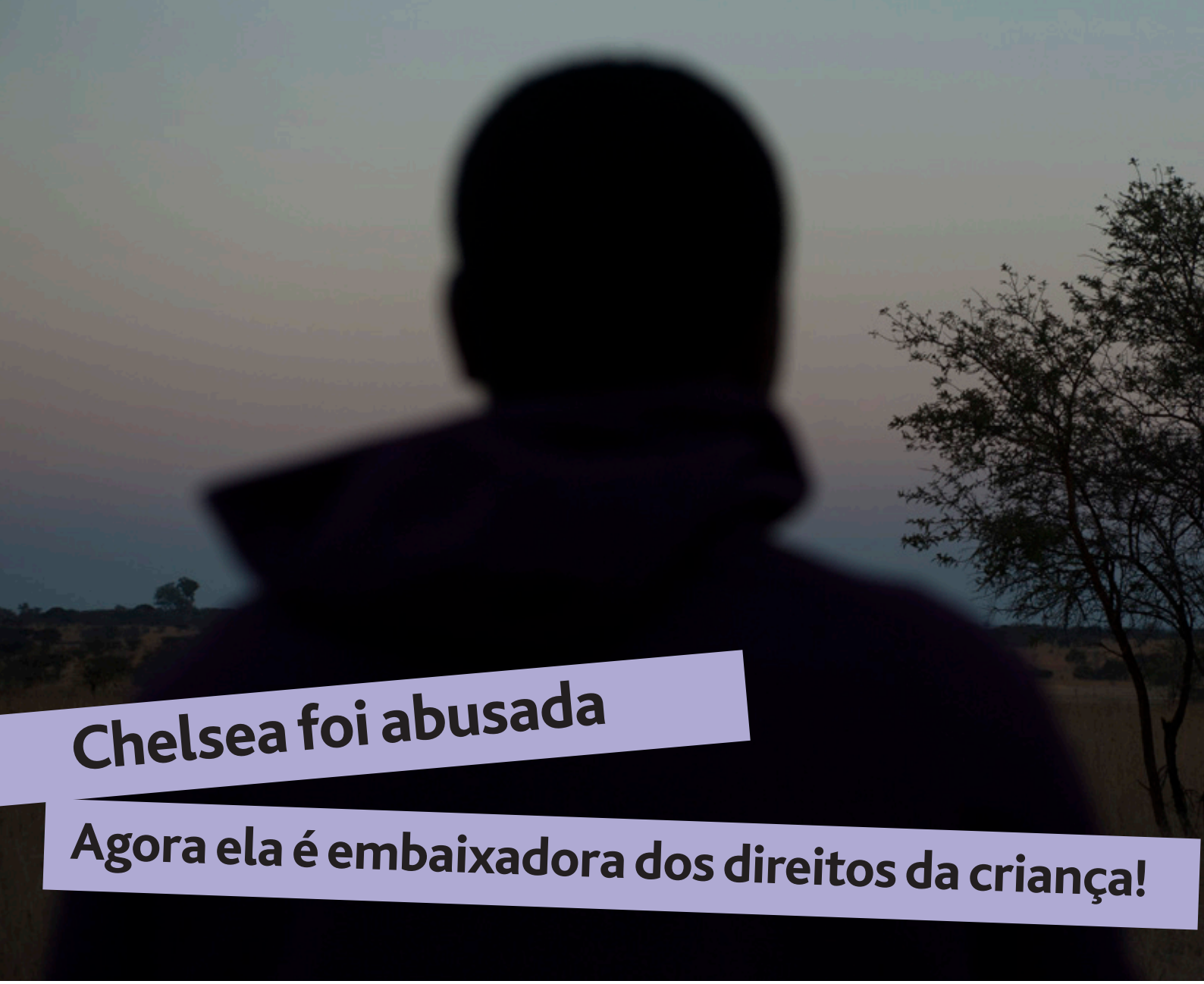
Sem debate sobre direitos das meninas na escola

"O Prêmio das Crianças do Mundo me conscientizou dos meus próprios direitos. O preconceito contra meninas não é explícito onde eu moro, mas existe. Na escola, não há debates sobre os direitos das meninas. A maior preocupação é que os alunos tenham bom desempenho e notas."

Esther Gladys, 13, EMEF Hélio Walter Bevilacqua, São José dos Campos, Brasil

Direitos das meninas me fizeram entender minha mãe

"É muito importante aprender sobre nossos direitos. Eu tinha um péssimo relacionamento com minha mãe. Discutíamos muito. Eu gritava com ela. Quando comecei a aprender sobre os direitos das meninas, comecei a pensar sobre os direitos da minha mãe. Não é fácil para ela. Começamos a ter um diálogo melhor, quando eu descobri e aprendi que as meninas também têm direitos." *Amanda Laís, 13, EMEF Luzia Levina Aparecida Borges, São José dos Campos, Brasil*



Chelsea foi abusada

Agora ela é embaixadora dos direitos da criança!

– Por quase toda a minha vida, meus direitos foram violados. Aos 9 anos, caí no comércio sexual infantil pela primeira vez. Agora, como embaixadora dos direitos da criança, eu luto para que outras meninas no Zimbabwe não sejam expostas aos mesmos abusos que eu. E luto pelo direito de, como menina, poder expressar a minha opinião! diz Chelsea, 15 anos.

Minha mãe morreu no meu parto e meu pai morreu uma semana depois. Felizmente, eu tinha meus avós maternos para cuidar de mim. Porém, quando eu tinha nove anos, tanto minha avó quanto meu avô ficaram gravemente doentes devido à AIDS. No final, eles ficaram tão fracos que não conseguiam mais trabalhar nos campos.

Eu sentia fome a maior parte do tempo. Muitas vezes só tínhamos tomates de nossos canteiros para comer. Às vezes, ganhávamos um pouco de farinha de milho de algum vizinho para fazer o mingau de milho sadza. Quando meu avô morreu, fui expulsa da escola porque minha avó e eu não podíamos mais pagar as taxas escolares.

Fiquei completamente devastada. Eu adorava estudar e já sabia que a educação era a única maneira de conseguir uma vida melhor no futuro.

Vendedora de tomate

Minha avó me pediu para ir até a estrada e vender tomates para as pessoas que passavam, como muitas outras meninas da aldeia costumavam fazer. Todas as manhãs eu colhia tomates da nossa pequena horta e os arrumava em uma bandeja à beira da estrada. Então eu corria atrás todos os carros que passavam para tentar vender. Depois de um dia inteiro de trabalho no calor, às vezes eu tinha conseguido dois dólares americanos.

Um dia, um caminhão parou. Corri até lá e perguntei ao motorista se ele queria comprar alguns tomates. Eu tinha visto que meus tomates não estavam tão bonitos quanto os das outras meninas, portanto, estava vendendo tão barato que ele escolheu os meus. Eu disse que ele podia comprar o prato todo por um dólar americano. Então, o motorista disse: "Se você me fizer um favor, eu posso dar-lhe dez dólares. O que você me diz?" Eu sabia que dez dólares seriam de grande ajuda para minha avó e eu. Não comíamos há vários dias e minha avó precisava de medicamentos. Inicialmente fiquei calada, mas depois eu disse sim.

A cabine do caminhão

Pensei que eu deveria limpar

Difícil para as meninas no Zimbabwe

– A situação das meninas é terrível no Zimbabwe. Meninos são considerados superiores em todas as áreas da vida. Nós, meninas, somos tratadas como menos dignas. Como seres inferiores. Isso me deixa triste e com muita raiva, diz Chelsea ao listar as coisas que estão erradas:

- Meninas fazem todo o trabalho em casa. Os meninos podem brincar e são mandados para a escola.
- Meninas são obrigadas a trabalhar muito mais cedo do que rapazes, por exemplo, como empregadas domésticas.
- Meninas podem facilmente acabar no comércio sexual infantil.
- Meninas de doze anos são expostas a casamentos de crianças com homens mais velhos.
- Se os pais morrem, o filho herda tudo. A filha não recebe nada.

Aos nove anos, Chelsea começou a vender tomates à beira de uma grande estrada. Um dia, um motorista de caminhão parou; ele abusaria dela por um ano.

a cabine do caminhão, e comecei a limpar o painel com um pano. Mas ele disse: "Pode parar com isso. Não é o que quero que você faça." Ele me mostrou uma pequena cama na parte de trás da cabine. Mas eu tinha apenas nove anos e não entendi o que era que ele queria que eu fizesse. Então ele disse: "Venha e sente-se na cama comigo." Depois ele começou a tocar minhas pernas. Fiquei com medo e me levantei, mas ele me puxou de volta para a cama.

Fiquei ferida. Depois, ele jogou uma toalha para mim e mandou eu me limpar. Comecei a chorar. Ele falou que eu não deveria ficar triste, e que era assim que todas as meninas ganhavam dinheiro. Ele me deu os dez dólares e disse: "Não conte isso a ninguém. Se as outras meninas descobrirem, todas virão a mim e não sobrará dinheiro para você." Em seguida, ele abriu a porta e disse: "Não se esqueça de seus tomates! Continue a vender seus tomates como de costume, e eu voltarei a parar aqui."

Eu estava triste. Ao mesmo tempo, pensei que, aparentemente, é assim que todas as meninas ganham dinheiro. Também pensei em como minha avó ficaria feliz quando eu chegasse em casa com o dinheiro.

Totalmente sozinha

No dia seguinte, pude comprar remédios para minha avó e comida para nós duas. Continuei a ir para a estrada e vender tomates. Quando o motorista do caminhão vinha, sempre acontecia a mesma coisa e recebia meus 10 dólares. Minha vida foi assim por um ano.

Um dia, quando cheguei em casa, minha avó estava completamente imóvel em sua cama, com os olhos fechados. Pensei que ela estava dormindo. No dia seguinte, tentei alimentá-la com um pouco de mingau de milho, mas não consegui. Eu pensei que talvez ela precisasse descansar. No terceiro dia, havia muitas moscas em volta da minha avó. Quando saí para buscar um balde de água para lavá-la, uma vizinha chegou. Ela queria ver que estava tudo bem conosco. Ela tentou acordar minha avó, mas não conseguiu. Depois de algum tempo, a vizinha disse que minha avó estava morta.

Meu pior pesadelo havia se realizado. Eu tinha apenas dez anos de idade e estava totalmente sozinha.

Enganada pelo pastor

Um pastor disse que tinha pena de mim e que queria cuidar de mim. Fiquei feliz que alguém se importava comigo. A esposa do pastor e seus filhos me cumprimentaram e

Após o curso para se tornar embaixadora dos direitos da criança, Chelsea decidiu fugir do pastor que a maltratava. Ela correu muito e tomou um ônibus para a capital, Harare.

me receberam calorosamente em sua casa. Eu tinha comida, um lugar para viver e podia voltar para a escola. Não precisava mais ir até a estrada para vender tomates. Nem encontrar mais o motorista do caminhão.

Por um tempo, tudo ficou bem. Depois, a esposa e os filhos viajaram para visitar parentes. Ficamos apenas eu e o pastor em casa. Uma noite, ele chegou tarde e bêbado em casa. Perguntou-me onde estavam as chaves do seu quarto, pois disse que não conseguia encontrá-las. Ele afirmou que eu havia escondido as chaves e que, portanto, tinha que deixá-lo dormir na minha cama.

Ele começou a me tocar. Foi exatamente como com o motorista do caminhão. E não tive nenhuma chance de dizer não. Era isso que ele esperava de mim, porque me deu casa, comida, a oportunidade de ir à escola e algo como uma família. Este era o preço que eu tinha que pagar. Durante três anos, o pastor abusou de mim.

Embaixadora dos direitos da criança

Enquanto isso acontecia, eu e algumas outras meninas da escola tivemos a chance de ir para a capital, Harare, participar de um treinamento de embaixadoras em direitos das meninas promovido pelo Prêmio das Crianças do Mundo. Nós aprendemos que as meninas não devem ser abusadas e que não devemos ser vendidas. Aprendemos também que temos o direito de fazer ouvir as nossas vozes e que nossos corpos pertencem a nós e a mais ninguém!

Pensei muito sobre o fato de que todas as coisas terríveis que aprendemos, durante o treinamento, serem erradas e contra os nossos direitos, eram coisas que eu tinha sofrido por quase toda a minha vida. Doeu muito. Também aprendi que aquilo a que o motorista de caminhão e o pastor me expuseram se chama comércio sexual infantil. Os dois dias em Harare mudaram minha vida.

Quando voltamos para casa, fundamos clubes dos direitos da criança onde nós, embaixadoras, ensinamos as lições aprendidas a outras meninas. Nós dançamos e cantamos, estávamos animadas e fortalecemos umas às outras. Senti alegria, pois o que fizemos foi extremamente importante. Ao mesmo tempo, percebi que vivia em uma casa onde eu estava exposta exatamente ao crime sobre o qual eu ensinava e advertia outras meninas. Isso me deixou confusa e triste. Para mim, bastava.

Fuga do pastor

Uma tarde, ao chegar da escola, arrumei uma bolsa com minhas roupas, meu uniforme da escola e meus livros. Depois, escondi a bolsa na flo-

– Antes de nossa Votação Mundial, lemos bastante a revista O Globo e aprendemos muito sobre os direitos da criança e a situação das crianças no mundo. Na Votação Mundial, fomos nós, embaixadoras, que cuidamos para que tudo funcionasse. Foi um dia fantástico!, conta Chelsea.

resta. Voltei para a casa e limpei, varri o quintal, lavei os pratos e preparei o almoço. Quando eu cozinhava na parte de trás da casa, as outras pessoas da família sentaram-se na frente. Depois de algum tempo, saí sorrateiramente da casa para buscar minha bolsa. O coração batia forte e eu estava com tanto medo que quase não conseguia me mover. Mas, finalmente, corri o mais rápido que podia em direção à estrada. Lá, entrei em um ônibus para Harare.

Quanto estava no ônibus, fiquei triste, pois parecia que eu havia abandonado as outras embaixadoras e nosso importante trabalho com o clube de meninas. Ao mesmo tempo, eu estava feliz por finalmente ter a possibilidade de conquistar a liberdade. O curso de embaixadora havia me dado conhecimento e coragem para poder deixar a vida que eu vivia.

Vila segura para meninas

No treinamento sobre os direitos da criança, havíamos recebido o número de telefone da Girl Child Network (GCN), que cuida de meninas em dificuldades. Eles me buscaram à noite, quando cheguei a Harare. Eu entendi que a vida provavelmente será boa para mim, afinal.

"Sou uma embaixadora dos direitos da criança do WCP. Quero que todas as meninas no país saibam que as meninas têm direitos."

Agora eu moro em uma das aldeias seguras da GCN para meninas, e a GCN também denunciou o pastor à polícia. Pela primeira vez na vida, sinto-me realmente segura. Eu frequento a escola e continuo sendo embaixadora dos direitos da criança do WCP. Tenho a intenção de continuar. Quero que todas as pessoas no país saibam que as meninas têm direitos.

No futuro, quero ser médica e ganhar muito dinheiro. Com o dinheiro, vou ajudar meninas que passam dificuldades."

TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: JOHAN BJERKE

Meninas ensinam meninas que

À sombra das árvores do pátio da escola Sadza, no Zimbabwe, as meninas do clube dos direitos da criança estão reunidas. As Embaixadoras dos direitos da criança Pride e Loveness conduzem Faina e os outros membros do clube. Isso tem acontecido pelo menos uma vez por semana, desde que Pride e Loveness voltaram do treinamento de embaixadoras em Harare, há quase um ano. Elas fizeram o treinamento junto com Chelsea. Elas estão convencidas, exatamente como ela, de que a luta pelos direitos das meninas é vital no Zimbabwe.

Reunião do clube dos direitos da criança da Escola Primária Sadza.

Mesmos direitos que os meninos

"Como embaixadoras dos direitos da criança, nossa principal missão é ensinar a outras meninas sobre seus direitos e lutar contra o comércio sexual infantil. Quanto mais sabemos, mais fácil será monitorar e lutar por nossos direitos. Isso é realmente necessário aqui. No Zimbabwe, a vida não é igual para meninos e meninas. Muitas meninas não podem ir à escola e acabam no comércio sexual infantil. Na verdade, muitos pais não acham que as meninas sequer devem ir à escola. Eles acham que as filhas devem encontrar um homem para casar o mais rapidamente possível. Dói ouvir isso, pois é muito errado. Temos tanto direito a uma vida boa quanto os meninos!

Agora, as meninas que nós ensinamos tornaram-se novas embaixadoras dos direitos da criança e elas, por sua vez, vão ensinar a mais garotas sobre os direitos das meninas. Desta forma, a vida será melhor para nós, meninas do Zimbabwe, no futuro!"

Loveness, 12, Embaixadora dos direitos da criança do WCP, Escola Primária Sadza, Zimbabwe

As embaixadoras dos direitos da criança Pride e Loveness.

Direitos fantásticos

Aqui no Zimbabwe, o maior perigo para as meninas é o abuso por parte de meninos e homens. Além disso, os pais não têm condições financeiras de manter as crianças na escola. Isso afeta mais às meninas. Se a família é pobre, é sempre a filha que deve abandonar a escola, nunca o filho. Essa situação é perigosa para nós. Se somos deixadas sozinhas em casa, pode acontecer de homens adultos abusarem de nós. É comum meninas serem abusadas por caminhoneiros que passam por nossas aldeias. Ou jovens que são levadas para bares, onde são abusadas durante a noite e liberadas pela manhã.

No ano passado, eu e algumas amigas da escola pudemos ir à capital participar de um treinamento sobre direitos da criança para sermos embaixadoras dos direitos da criança do WCP. Fiquei muito contente! Foi fantástico aprender sobre nossos direitos. A maioria das coisas que aprendemos eu não sabia antes. É contra os direitos das meninas comprar e vender nossos corpos. Como embaixadora dos direitos da criança, agora ensinamos isso para as meninas nos clubes dos direitos da criança que fundamos. Acho que o comércio com meninas se reduzirá aos poucos e a vida das meninas vai melhorar."

Pride, 13, Embaixadora dos direitos da criança do WCP, Escola Primária Sadza, Zimbabwe

É a vez de uma das meninas do clube dos direitos da criança, que é mesária na eleição, votar pelos direitos da criança na Votação Mundial da Escola Primária Sadza.

ensinam meninas...

Juntas somos fortes

"Quando as meninas que tinham participado do treinamento para embaixadoras dos direitos da criança em Harare voltaram aqui para a aldeia, elas fundaram o clube dos direitos da criança do qual eu participo. As embaixadoras nos contaram tudo o que aprenderam sobre os direitos das meninas. Que nós, meninas, temos que poder ir à escola. E que definitivamente não podemos ser vendidas como escravas, como é comum no Zimbabwe. Meninas são mantidas como prisioneiras de homens que as usam como escravas. Fico com tanta raiva quando penso sobre isso!

Juntas, em um clube dos direitos da criança, somos muito mais fortes do que sozinhas. Se alguém sentir-se mal ou for exposta a algo, nós podemos nos ajudar mutuamente. E quando nós, como um grupo de meninas, estamos conscientes dos nossos direitos, não é mais tão fácil nos maltratar. Isso é importante, pois é comum que meninos e homens maltratem as meninas e mulheres aqui.

Esta manhã, viemos bem cedo para a escola e preparamos nossa Votação Mundial. Junto com as embaixadoras dos direitos da criança, nós, membros do clube dos direitos da criança ficamos responsáveis por fazer tudo dar certo. A Votação Mundial é importante porque não se trata apenas de votar, mas de aprender sobre os seus direitos antes de votar. A Votação Mundial é extra importante para nós, meninas. Nós aprendemos sobre nossos direitos e geralmente votamos em pessoas que lutam exatamente pelos direitos das meninas."

Faina, 13, membro do clube dos direitos da criança do WCP, Escola Primária Sadza, Zimbabwe

Faina

TEXTO: ANDREAS LÖNN FOTOS: JOHAN BJERKE

As embaixadoras dos direitos da criança e membros do clube dos direitos da criança garantiram que tudo corresse como deveria durante a Votação Mundial da Escola Primária Sadza.

Dunani é líder pelos di

Dunani e suas colegas Embaixadoras dos Direitos da Criança, Hlayisani e Ntwanano, ajudam meninas das aldeias próximas à Ngisimani School, em Limpopo, África do Sul, a fundar clubes dos direitos da criança. Os clubes tornaram-se lugares onde as meninas podem compartilhar segredos e falar sobre seus problemas.

Pedimos ajuda ao Chefe

"Há uma menina na minha aldeia cujo tio pagou suas despesas escolares. Ele decidiu que, por isso, tinha o direito de abusar dela. A menina não contou nada, mas a professora percebeu que seu rendimento escolar estava caindo e conversou com ela. A professora foi à polícia, que procurou a família. A polícia disse que a família tinha que decidir se desejava denunciar o tio. A família decidiu não fazê-lo.

O grande desafio na nossa aldeia é a falta de conhecimento sobre os direitos da criança. Nós, embaixadoras, temos que trabalhar duro. Queremos pedir ao Chefe da aldeia para convocar uma reunião para que nós, embaixadoras, possamos falar sobre os direitos da criança e o que eles significam.

Conversamos sobre esses desafios em nosso clube. Ser uma embaixadora fez-me sonhar que, quando terminar meus estudos, posso ter uma função ajudando a conscientizar as crianças sobre seus direitos. Sou uma líder agora, e isso me fez perceber que, como uma criança que conhece seus direitos, tenho um papel a desempenhar. Aproveito cada momento disso, mesmo que também seja doloroso. Sinto que posso fazer a diferença."

Dunani, 17

Dunani se prepara para a reunião de hoje do Clube dos Direitos da Criança do Prêmio das Crianças do Mundo.

Dunani com sua mãe. Ela e os outros membros do clube querem ensinar aos adultos de sua aldeia sobre os direitos da criança.

Dunani pode discutir os direitos das meninas com sua avó. A aldeia mudou muito desde que seus avós se casaram. Mas Dunani quer que ela se torne uma aldeia onde os direitos das crianças são conhecidos e sempre respeitados.

reitos da criança

Nossa aldeia precisa mudar

"Após relaxar com música e dança, falamos sobre nossas experiências. Algumas meninas têm medo e só conseguem escrever. Depois, olhamos nossos direitos na revista O Globo e vemos que isso é errado.

Ntwanano como Presidente da Votação Mundial.

É importante ter um clube dos direitos da criança, pois muitas meninas em nossa aldeia têm medo de falar sobre os abusos que sofrem. Em nossa cultura, devemos manter o silêncio sobre problemas de estupro e abuso. No clube, encorajamos as meninas a falar sobre suas histórias e o que acontece em suas vidas, o que fazer e como combater isso. Muitas meninas aqui foram abusadas. Se não pudermos falar sobre essas coisas, não poderemos mudar nossa aldeia."

Ntwanano, 17

Direito de dizer não

"A revista O Globo me ensinou sobre o comércio sexual infantil, e como ele acontece em todos os lugares. Uma das meninas em nosso clube tinha um segredo. Dei-lhe a revista O Globo e ela começou a ler. Agora ela não tem mais medo de falar.

Nossos pais não entendem muito sobre os direitos da criança e há muitos desafios aos direitos das crianças em nossa aldeia. Os adultos podem mudar através da compreensão dos direitos da criança. Eles também devem vir ao nosso clube, aprender sobre nossos direitos, ler a revista O Globo e obter conhecimento através dela.

No nosso clube, aprendi a conversar com meninos sobre os nossos direitos, que meninos e meninas têm os mesmos direitos. Aprendi que tenho o direito de dizer o que penso e ter minhas opiniões respeitadas. Aprendi que temos o direito de dizer não, e que as pessoas mais velhas não podem tomar decisões sobre a minha vida sem meu consentimento. Quero ser a voz de milhares para poder mudar o mundo, contando a todos sobre os direitos da criança, especialmente sobre os direitos das meninas."

Hlayisani, 17

Hlayisani fez parte da força de manutenção da Paz durante o Dia da Votação Mundial.

TEXTO: MARLENE WINBERG FOTOS: SATSIRI WINBERG

Meninos membros no clube das meninas

Quando Godfrey e Nyikiwe souberam que as meninas haviam fundado um clube dos direitos da criança, ficaram ansiosos para participar também.

Educar os adultos

"Durante o nosso Dia da Votação Mundial, mostramos que nenhuma criança deve ser forçada a fazer coisas contra sua vontade. Em nossa peça de teatro, fiz o papel de um diretor cruel que espanca as crianças, até que as crianças o forçam a perceber que ele está errado. Todos os adultos e professores que vieram ao nosso Dia da Votação Mundial assistiram a essa peça.

Todos têm o direito de ser respeitados como seres humanos. A revista O Globo é sobre o lado das crianças da história. Acho que os adultos devem nos respeitar da mesma forma que os respeitamos. O governo deve vir às aldeias e ensinar aos adultos sobre os direitos da criança. Entrei para o clube porque quero conhecer os meus direitos. Preciso conhecê-los, pois se alguém violar meus direitos, eu posso dizer: Isso é errado."

Godfrey, 16

Exercer nossos direitos

"O Dia da Votação Mundial na nossa escola foi especial. O Chefe da aldeia e adultos do governo viram como o exercício de nossos direitos e do poder de voto empoderaram as crianças.

Aprendi com a revista O Globo que há muitas crianças e adultos em todo o mundo que lutam pelos direitos da criança. Isso me fortalece. Acho que na nossa escola devemos lutar pelos direitos de meninas e meninos. O clube capacita meninas e até mesmo meninos a obter mais conhecimento sobre seus direitos. No nosso clube, falamos sobre o tráfico de seres humanos, pois acontece em todos os lugares. As pessoas pegam crianças e as usam para vender drogas ou para o comércio sexual infantil. Não quero que isso aconteça com pessoas próximas. É por isso que falo sobre isso no clube."

Nyikiwe, 17

TEXTO: MARLENE WINBERG FOTOS: SATSIRI WINBERG

Iguais aos meninos!

Há uma reunião no clube dos direitos da criança na escola Chris Hani em Khayelitsha, um subúrbio da Cidade do Cabo, África do Sul. Amanda escreve no quadro sugestões sobre o que causa o comércio sexual infantil.

Como Embaixadora dos Direitos da Criança, consigo defender os direitos da criança e dizer às outras crianças que não é necessário ser humilhado e maltratado. Se você conhece seus direitos, você pode encontrar ajuda e denunciar as pessoas que abusam de você, diz Amanda, 15. Aqui em Khayelitsha há taxistas que oferecem às meninas viagens gratuitas em troca de sexo, ou as estupram. As meninas têm muito medo de falar. No nosso clube, duas garotas foram exploradas desta forma.

Não está só

Os membros do clube dos direitos da criança têm muitas histórias de abuso para contar.

– A geração Xhosa mais velha muitas vezes pensa que as meninas devem assumir a responsabilidade pelo trabalho doméstico e não se beneficiar da educação. Quando você quer outra carreira, sua mãe diz: "Eu dei à luz você, então me obedeça. Nenhum homem vai se casar com você, se você se recusar a fazer o trabalho doméstico. Se não me ouvir, você pode sair da minha casa e encontrar outro lugar para viver." Este é um dos motivos por que as meninas acabam na rua e vendendo seus corpos, diz Xolelwa, de 15 anos. Sou uma embaixadora dos direitos da criança porque a vida é perigosa para as meninas. Quando temos uma experiência ruim e compartilhamos a história, não estamos mais sozinhas.

Ajuda a mudança

– Nós, meninas, temos que falar sobre o que temos em nossos corações. Eu quero ajudar a mudar as coisas. Como embaixadora dos direitos da criança, quero ensinar a todas sobre os nossos direitos, diz Sisanda, 17. Muitas meninas não sabem que têm direitos. Em nosso clube, elas sabem que quando coisas ruins lhes acontecem, não é porque elas sejam ruins, mas que alguém abusou dos seus direitos. Eu sou igual aos meninos. Com o Prêmio das Crianças do Mundo, isso pode ser ensinado a nossos pais.

– É verdade que os meninos também são abusados, diz Yolanda, 17, mas as meninas são abusadas cem vezes mais. No nosso clube, tive a coragem de falar sobre minha vida pessoal para as outras meninas e então descobri que elas também têm histórias de abuso para contar.

Yolanda

Xolelwa

Orgulhosas embaixadoras dos direitos da criança.

Sisanda

Entrevista de rádio com a embaixadora dos direitos da criança

Isabelle, da cidade de Beni, na República Democrática do Congo, tornou-se embaixadora dos direitos da criança recentemente. Várias estações de rádio a entrevistam sobre por que ela quis ser embaixadora pelos direitos das meninas.

Isabelle e 202 outras meninas receberam, orgulhosas, seus diplomas como embaixadoras dos direitos da criança. O leste do Congo é um dos piores lugares para meninas. Muitas são expostas a abusos ou maus-tratos sob a mira de armas por vários grupos armados. Algumas das embaixadoras dos direitos da criança têm experiências pessoais difíceis, mas querem lutar para que os direitos das meninas sejam respeitados na República Democrática do Congo.

Filhas não têm valor

Florence, 14, é uma de seis irmãs em uma família sem filhos homens.

– Nosso pai não cuida de nós, porque somos meninas, diz Sarah, e conta que duas de suas irmãs foram obrigadas a começar a vender sexo para sobreviver.

– Meu pai me disse que eu sou apenas um fardo. São minhas irmãs que pagam minhas taxas escolares e me dão roupas. Agora tive a chance de me tornar embaixadora dos direitos da criança e lutar pelos direitos das meninas. Meu pai teve a chance de ler a revista O Globo, e começou a fazer perguntas. Acho que ele começou a mudar!

Quer lutar contra a violência

Angeline, 13, foi mãe aos onze anos de idade, depois de um estupro.

– Fui obrigada a abandonar a escola porque não podia pagar as taxas escolares. Ser embaixadora dos direitos da criança é uma oportunidade para compartilhar minhas experiências com outras garotas e lutar contra o abuso e a violência.

Angeline finalmente conseguiu ajuda para voltar para a escola.

– Na minha idade eu já deveria estar num ano mais avançado, mas não tenho vergonha. Quero estudar e conquistar uma vida boa para mim e para minha filha.

Quero ser presidente

– Meus pais não me deixaram ir à escola, só porque eu sou menina, conta Elizabet, 17. Quando eu precisava de alguma coisa, quando era criança, eles sempre priorizavam as necessidades do meu irmão. Por isso, quero estudar para um dia poder me tornar presidente do nosso país e mudar a situação de meninas e mulheres. É por isso que quero ser embaixadora dos direitos das meninas.

Sozinha no mundo

Sophia tinha oito anos quando sua mãe morreu. Seu pai casou-se novamente e a nova esposa não queria cuidar dela.

– Um dia, quando meu pai viajou a trabalho, sua esposa me expulsou de casa. Eu era pobre e órfã. Acabei encontrando um lugar para ficar, mas somente com a condição de me submeter à escravidão sexual. Eu não tinha para onde ir. Meus direitos foram tirados de mim, pois eu não ia à escola, fui repelida por minha família e por todos os outros. Mas agora eu voltei para a escola. Vou obter uma educação, não importa o que aconteça, diz Sophia, 16.

Embaixadoras dos direitos da criança orgulhosas com seus diplomas, prontas para lutar pelos direitos das meninas e contra o comércio sexual infantil.

☛ Os nomes das meninas foram alterados para que elas não sejam reconhecidas.

Embaixadoras dos direitos da criança no Nepal

Ensina às amigas sobre o comércio sexual infantil

"Muitas crianças não conhecem seus direitos e não sabem que meninas são traficadas. Estou contente por ter aprendido sobre os direitos da criança e que posso ensinar a meus amigos o que eu aprendi."
Phoolmati, 16

Quer ajudar outros a entenderem

"Eu gosto deste programa e tenho aprendido muito. Agora estou interessada em ajudar os outros a entender seus direitos e o tráfico de seres humanos."
Subita, 15

Leia mais sobre as embaixadoras dos direitos da criança na RD Congo e no Nepal em www.worldschildrensprize.org/childrightambassadors

Meninas no Benin fizeram uma bandeira para a abertura do programa do Prêmio das Crianças do Mundo com o texto: "Sou menina. Sou escolarizada. E você?"

Direitos das meninas

A Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU estabelece que todas as crianças têm o mesmo valor e devem receber as mesmas oportunidades na vida. Contudo, as meninas muitas vezes são tratadas pior do que os meninos. Elas são discriminadas por dois motivos: porque são crianças e porque são meninas!

Sobrevivência e desenvolvimento
A vida e o desenvolvimento das meninas são severamente afetados pela pobreza. Muitas vezes, elas passam mais fome e ficam mais doentes que os rapazes. Do 1,4 bilhão de pessoas em todo o mundo que vivem com menos de 1,25 dólar por dia, 70 por cento são meninas e mulheres. Meninas são discriminadas já no ventre de suas mães. A ONU estima que faltam até 100 milhões de meninas no mundo devido ao aborto de fetos do sexo feminino e assassinato de meninas recém-nascidas, pois filhos são considerados mais valiosos do que filhas.

Direito à educação
Investir na educação das meninas é uma das melhores maneiras de combater a pobreza. Uma menina que frequenta a escola se casa mais tarde e tem menos filhos, mais saudáveis. Quando aprende a ler e escrever, ela tem mais capacidade de exigir respeito aos seus direitos. Cada ano escolar a mais aumenta o futuro salário de uma menina em até 20 por cento! Entretanto, muitos pais não acham que vale a pena deixar suas filhas estudarem, porque elas se casarão e farão parte de outra família. Dos 125 milhões de crianças que não frequentam a escola em todo o mundo, 75 milhões de meninas.

Saúde e assistência médica
Meninas têm menos probabilidade que meninos de ir ao médico e decidir sobre seu próprio corpo. Muitas meninas dão à luz quando ainda são jovens demais, e problemas decorrentes do parto são a principal causa de morte entre meninas pobres com 15 a 19 anos de idade. Tradições discriminatórias, como a mutilação genital feminina, também causam grandes danos. Meninas também expostas à violência sexual, e são mais afetadas por doenças mentais e transtornos alimentares do que os rapazes.

Violência e abuso
Meninas frequentemente são expostas à violência em casa e na escola, onde deveriam estar mais seguras. Quase metade de toda a violência sexual no mundo afeta garotas menores de 15 anos. Meninas que precisam se casar antes dos 18 anos são agredidas por seus maridos mais frequentemente do que aquelas que se casam quando adultas. Em guerras e conflitos, as meninas são particularmente vulneráveis. Muitas são sequestradas e usadas como crianças-soldado e escravas sexuais.

Trabalho infantil perigoso
Milhões de meninas têm que começar a trabalhar em vez de ir para a escola. Elas trabalham dentro e fora de casa. Cerca de 88 milhões dos trabalhadores infantis no mundo são meninas. Muitas têm os mais baixos pagamentos e os empregos mais perigosos, em fábricas, na agricultura e locais de construção. Milhões são empregadas domésticas em residências particulares e são especialmente vulneráveis à violência e ao abuso. Outras são escravas por dívida. As meninas também são usadas no comércio sexual infantil.

Brincar e tempo de lazer
Como as meninas geralmente precisam ajudar em casa, elas têm menos tempo para encontrar as amigas e brincar. Às vezes, as tradições antigas impedem que as meninas andem de bicicleta, corram ou dancem.

Poder e influência
As meninas têm mais dificuldade de se fazer ouvir e decidir sobre suas próprias vidas. Suas opiniões e ideias muitas vezes são tratadas com menos respeito, tanto por pessoas da mesma idade quanto por adultos, inclusive professores, pais e políticos. Muitas também se sentem pressionadas por ideias antigas sobre como deve ser a aparência e comportamento de uma menina.

Comércio sexual infantil, a

Escravidão contemporânea!

– Fui sequestrada e vendida para homens estrangeiros. Sentia-me como uma morta em vida, diz Mary, das Filipinas, que tinha 13 anos quando sofreu uma das piores formas de violação dos direitos da criança. O comércio sexual infantil afeta pelo menos 1,8 milhão de crianças a cada ano. A maioria delas são meninas.

O que é o comércio sexual infantil?

Comércio sexual infantil é quando uma criança é abusada sexualmente por um agressor que paga por isso com dinheiro, presentes ou serviços. Os presentes podem ser, por exemplo, alimentos ou roupas. Um serviço pode ser, por exemplo, uma promessa de proteção ou de notas melhores. O comércio sexual infantil é diferente de outros abusos sexuais contra crianças, porque mistura algum tipo de compensação. Ele também é conhecido como "exploração sexual comercial de crianças".

Onde está a exploração sexual infantil?

O comércio sexual infantil existe no mundo todo. Crianças são exploradas na rua e em bordéis, mas também em residências particulares, escolas e orfanatos. São exemplos de comércio sexual infantil:

- Quando pessoas viajam dentro de seu país ou para o exterior para ter relações sexuais com crianças (turismo sexual infantil).
- Quando crianças são compradas e vendidas para que o perpetrador possa ter relações sexuais com elas (tráfico de crianças para fins sexuais).
- Quando o autor do crime fotografa ou filma o abuso sexual de crianças (pornografia infantil).

Tráfico de crianças

Anualmente, centenas de milhares de crianças são levadas de um lugar para outro, em seu próprio país ou no exterior, para que os perpetradores possam abusá-las sexualmente. O tráfico de seres humanos é atualmente o terceiro comércio ilegal mais lucrativo no mundo, depois de narcóticos e armas. A vantagem de comercializar crianças em vez de narcóticos, por exemplo, é que as crianças podem ser vendidas várias vezes.

Turismo sexual infantil

Pessoas que viajam dentro do próprio país ou para o exterior, a fim de cometer abuso sexual de crianças, são chamadas de turistas sexuais infantis. Alguns estão de férias, outros em uma viagem de negócios. O comércio sexual infantil é ilegal em todo o mundo, mas em alguns países, o risco de ser punido é menor e os corpos de crianças são vendidos mais barato. Porém, de acordo com a Convenção dos Direitos da Criança da ONU, todos os Estados devem impedir que seus cidadãos explorem crianças sexualmente, mesmo que o crime seja cometido em outro país.

Pornografia infantil

Quando o abuso sexual de crianças é filmado ou fotografado, isso é chamado de pornografia infantil. Perpetradores trocam, compram e vendem fotos e filmes através da Internet, em sites, através de programas de compartilhamento de arquivos e por correio eletrônico. A pornografia infantil também se espalha por meio de telefones celulares, livros, revistas e DVDs. Para as crianças abusadas, as fotos e filmes são lembretes constantes do abuso sofrido. Cada vez que esses materiais são passados adiante, os direitos da criança são violados.

Casamento de crianças

Todo dia, cerca de 25.000 meninas com menos de 18 anos se casam. Destas, um terço tem entre 10 e 15 anos de idade. Muitos pais arranjam casamentos para seus filhos, muitas vezes de meninas com homens mais velhos, para a família receber algo em troca, como dinheiro, terras ou gado. Em zonas de guerra e conflito, meninas são obrigadas a se casar com soldados para que o resto da família seja protegido. Isso também é comércio sexual infantil, porque, nesses casos, as meninas geralmente são forçadas a ter relações sexuais.

Por que existe o comércio sexual infantil?

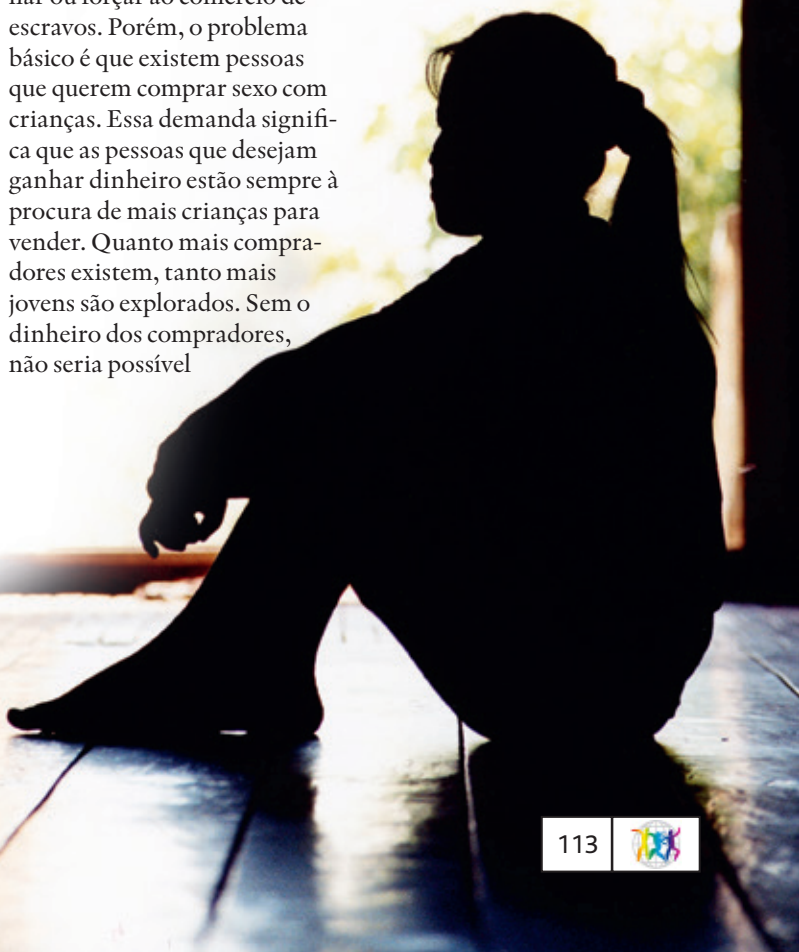
Uma razão pela qual crianças são atraídas para o comércio sexual infantil é a pobreza. Meninas pobres e seus pais podem ser mais fáceis de enganar ou forçar ao comércio de escravos. Porém, o problema básico é que existem pessoas que querem comprar sexo com crianças. Essa demanda significa que as pessoas que desejam ganhar dinheiro estão sempre à procura de mais crianças para vender. Quanto mais compradores existem, tanto mais jovens são explorados. Sem o dinheiro dos compradores, não seria possível obter lucro. Neste caso, os traficantes de pessoas se envolveriam em algum outro negócio, mais rentável.

As crianças não têm escolha

Quando uma criança é abusada sexualmente em troca de remuneração, algumas pessoas acreditam que a criança concordou em vender serviços sexuais. Mas uma criança nunca escolhe ser vendida e explorada sexualmente. É sempre o perpetrador que engana, pressiona, ameaça ou força as crianças e, por vezes, seus pais, para conseguir que elas façam o que eles querem.

Danos para toda a vida

Crianças usadas no comércio sexual infantil são gravemente feridas, tanto física como mentalmente. O abuso afeta a forma como elas se sentem e se desenvolvem ao longo de toda a vida. As crianças são expostas a ameaças e violência, e correm risco de contrair doenças como o HIV/AIDS. Elas desenvolvem baixa autoestima, pesadelos, depressão, sentimentos de culpa, insônia e pensamentos suicidas. Aquelas que conseguem fugir, geralmente estão muito longe de suas famílias e não têm para onde ir.



Organizem a Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa

MARINA GABRIELA ALVES

Você e seus amigos organizam uma Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa. Apenas crianças podem falar e ser entrevistadas pelos jornalistas na conferência de imprensa. Anualmente, conferências de imprensa são realizadas por crianças simultaneamente em todo o mundo. Elas acontecem ao fim do período do programa do Prêmio das Crianças do Mundo, quando vocês já votaram para decidir como os prêmios pelos direitos da criança serão distribuídos.

COMO FAZER:

1. Definam a hora e o lugar
Se possível, escolham o edifício mais importante do bairro para a sua conferência de imprensa, para mostrar que os direitos da criança contam! Também é possível fazê-lo na escola.

2. Convidem os meios de comunicação
Convidem, com bastante antecedência, todos os jornais e emissoras de TV e rádio. Escrevam a hora e o lugar cuidadosamente. Usem correio eletrônico, mas também telefonem para jornalistas que podem se interessar em comparecer. Lembrem os convidados por telefone ou visita pessoal um dia antes.

3. Preparem-se
Anotem o que vocês vão dizer. Formulem com antecedência o que desejam dizer sobre como os direitos da criança são violados em seu país. Pouco antes da conferência de imprensa, vocês recebem informações secretas do Prêmio das Crianças do Mundo sobre os heróis dos direitos da criança, para revelar na conferência de imprensa.

4. Realizem a conferência de imprensa
Abram com dança e música, e contem que outras crianças também estão realizando conferências de imprensa simultaneamente em todo o mundo. Conduzam a conferência de imprensa mais ou menos assim:

- Forneçam dados sobre o Prêmio das Crianças do Mundo e, se possível, exibam um vídeo informativo curto.
- Expliquem como os direitos da criança são violados em seu país.
- Digam a políticos e outros adultos quais são suas exigências em relação aos direitos da criança em seu país.
- Revelem a grande »notícia« do dia sobre os heróis dos direitos da criança.
- Encerrem distribuindo aos jornalistas um comunicado à imprensa e o folheto com dados sobre os direitos da criança em seu país, que receberão do Prêmio das Crianças do Mundo. No comunicado à imprensa vocês devem ter resumido as informações sobre o Prêmio das Crianças do Mundo, os direitos da criança e os heróis dos direitos da criança! Vocês receberão um exemplo de comunicado à imprensa do Prêmio das Crianças do Mundo.

Quando a Conferência das Crianças do Mundo com a Imprensa da Escola Técnica Estadual Paulinho Botelho, em São Carlos, Brasil, terminou Lucas disse: "Em algum lugar do mundo, há sempre aqueles que se posicionam e lutam por mudanças. Prova disso são os laureados com o prêmio, que não se contentam em ficar de lado, mas se engajam para ajudar crianças vulneráveis."

Em worldschildrenprize.org você encontra:
Folheto informativo sobre os direitos da criança em seu país, dicas sobre como convidar os jornalistas, perguntas para políticos e outras dicas. No site também há fotos para a imprensa, que os jornalistas podem baixar.

Se houver várias escolas que desejam convidar os mesmos meios de comunicação, o ideal é realizar uma conferência de imprensa em conjunto. Um representante de cada escola pode estar na tribuna.

Nadine, 14, conduziu a primeira conferência das crianças com a imprensa no Burundi. Nunca antes jornalistas haviam escutado as crianças. Nadine falou sobre as violações dos direitos da criança e fez um apelo ao governo e autoridades locais para que façam o melhor pelas crianças.

Faith foi entrevistada na TV em Gana.

REBECCA GOTHE

Chandana, do grupo de dança indiana Nadam, dança diante da Princesa Herdeira Victoria e dos membros do júri Poonam, do Nepal, e Nuzhat, de Bangladesh.

FOTOS: SOFIA MARCETIC

Lisa, do Zimbabwe, conduziu a cerimônia, que foi sua última como membro do júri.

Nós celebramos

os direitos da criança!

A cerimônia global anual é realizada no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, Suécia. Ela é conduzida por um júri infantil conta com apresentações de crianças de 15 países. Em 2013, elas tiveram a ajuda da Princesa Herdeira da Suécia, Victoria, para entregar os prêmios das crianças aos heróis dos direitos da criança.

Kimmie Weeks e a Youth Action International trabalham por Abigial e outras crianças vítimas de conflitos armados na Libéria e outros países. Kimmie recebeu o *Prêmio Honorário das Crianças do Mundo* das mãos da Princesa Herdeira.

Makukhanye, de Khayelitsha, um subúrbio da Cidade do Cabo, África do Sul, apresentou-se durante a cerimônia.

2,2 milhões de crianças votaram na Votação Mundial e decidiram dar o *Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança* 2013 a James Kofi Annan, que resgata crianças escravas pescadoras em Gana. Kwesi é uma das crianças que James e a Challenging Heights resgataram.

A Princesa Herdeira entregou o *Prêmio Honorário das Crianças do Mundo* a Sompop Jantraka, que luta por uma vida melhor para crianças em risco de acabar no comércio sexual infantil na Tailândia. Fanta é uma das crianças que recebem ajuda.

Poonam e Nuzhat expressam o agradecimento das crianças do júri à Princesa Herdeira Victoria.

Loreen é nova patrona

A cantora sueca Loreen é a nova patrona dos direitos da criança e da Fundação Prêmio das Crianças do Mundo. Ela compartilha a honra com cinco ganhadores do Prêmio Nobel e várias lendas mundiais. Entre os patronos estão Nelson Mandela (falecido), Graça Machel, Aung San Suu Kyi, da Birmânia, Xanana Gusmão, do Timor Leste e Desmond Tutu, da África do Sul. A primeira patrona do WCP, a rainha Silvia da Suécia, afirmou:

– O Prêmio das Crianças do Mundo faz um trabalho incrível pelos direitos da criança.

SENAY BERHE

Loreen com o júri infantil do WCP.

Rainha Silvia da Suécia

Aung San Suu Kyi

JAMES WALKER

REBECCA GOTHE

Faith, Sarah e Bridget, de Gana, participam do projeto *Direitos e democracia para um milhão de meninas*. O Prêmio das Crianças do Mundo implementa este projeto em parceria com a ECPAT Suécia. A loteria por um mundo melhor, a Loteria Sueca do Código Postal, financia o projeto.

JOHAN BJERKE

JOHAN BJERKE